

Pelos olhos de quem lê:

*trajetórias de
graduandos em
letras*



Luciana Ferreira Leal
Bruno Ciavolella
(Organizadores)

Pelos olhos de quem lê:

*trajetórias de
graduandos em
letras*



Pelos olhos de quem lê:

*trajetórias de
graduandos em
letras*



Luciana Ferreira Leal
Bruno Ciavolella
(Organizadores)

Processo Editorial

Todos os textos desta obra foram submetidos à avaliação por pares em sistema duplo-cego, realizada por pesquisadores doutores com reconhecida atuação na área de conhecimento da obra. A publicação foi condicionada ao atendimento das recomendações emitidas pelos pareceristas.

Pareceristas

Bruno Ciavolella | (Unespar – Paranavaí)

Carolina Filipaki de Carvalho | (Unespar – Paranavaí)

Daiane Karla Correia Jodar | (Unespar – Paranavaí)

Fernanda Tonholi Sasso Curanishi (Unespar – Paranavaí)

Kleber Kurowsky | (Unespar – Paranavaí)

Luciana Ferreira Leal | (Unespar – Paranavaí)

Vanessa Leme Fadel Steinhauser | (Unespar – Paranavaí)

Direção Editorial

Prof.º Dr. Adriano Mesquita Soares

Executiva de Negócios

Ana Lucia Ribeiro Soares

Organizadores

Luciana Ferreira Leal

Bruno Ciavolella

Revisão

Os Autores

Produção Editorial

AYA Editora©

Capa

Geovana Santos Oliveira

Imagens de Capa

Geovana Santos Oliveira

Área do Conhecimento

Linguística, Letras e Artes

Conselho Editorial

Prof.º Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva (UNIDAVI)

Prof.ª Dr.ª Adriana Almeida Lima (UEA)

Prof.º Dr. Aknaton Toczec Souza (UCPEL)

Prof.º Dr. Alaerte Antonio Martelli Contini (UFGD)

Prof.º Dr. Argemiro Midonês Bastos (IFAP)

Prof.º Dr. Carlos Eduardo Ferreira Costa (UNITINS)

Prof.º Dr. Carlos López Noriega (USP)

Prof.ª Dr.ª Claudia Flores Rodrigues (PUCRS)

Prof.ª Dr.ª Daiane Maria de Genaro Chioli (UTFPR)

Prof.ª Dr.ª Danyelle Andrade Mota (IFPI)

Prof.ª Dr.ª Déa Nunes Fernandes (IFMA)

Prof.ª Dr.ª Déborah Aparecida Souza dos Reis (UEMG)

Prof.º Dr. Denison Melo de Aguiar (UEA)

Prof.º Dr. Emerson Monteiro dos Santos (UNIFAP)

Prof.º Dr. Gilberto Zammar (UTFPR)

Prof.º Dr. Gustavo de Souza Preussler (UFGD)

Prof.ª Dr.ª Helenadja Santos Mota (IF Baiano)

Prof.ª Dr.ª Heloísa Thaís Rodrigues de Souza (UFS)

Prof.ª Dr.ª Ingridi Vargas Bortolaso (UNISC)

Prof.ª Dr.ª Jéssyka Maria Nunes Galvão (UFPE)

Prof.º Dr. João Luiz Kovaleski (UTFPR)

Prof.º Dr. João Paulo Roberti Junior (UFRR)

Prof.º Dr. José Enildo Elias Bezerra (IFCE)

Prof.º Dr. Luiz Flávio Arreguy Maia-Filho (UFRPE)

Prof.ª Dr.ª Maralice Cunha Verciano (CEDEUAM-Unisalento - Lecce - Itália)

Prof.ª Dr.ª Marcia Cristina Nery da Fonseca Rocha Medina (UEA)

Prof.^a Dr.^a Maria Gardênia Sousa Batista (UESPI)
Prof.^o Dr. Myller Augusto Santos Gomes (UTFPR)
Prof.^o Dr. Pedro Fauth Manhães Miranda (UEPG)
Prof.^o Dr. Rafael da Silva Fernandes (UFRA)
Prof.^o Dr. Raimundo Santos de Castro (IFMA)
Prof.^a Dr.^a Regina Negri Pagani (UTFPR)
Prof.^o Dr. Ricardo dos Santos Pereira (IFAC)
Prof.^o Dr. Rômulo Damasclin Chaves dos Santos (ITA)
Prof.^a Dr.^a Silvia Gaia (UTFPR)
Prof.^a Dr.^a Tânia do Carmo (UFPR)
Prof.^o Dr. Ygor Felipe Távora da Silva (UEA)

Conselho Científico

Prof.^o Me. Abraão Lucas Ferreira Guimarães
Prof.^a Dr.^a Andreia Antunes da Luz (UniCesumar)
Prof.^o Dr. Clécio Danilo Dias da Silva (UFRGS)
Prof.^o Dr. Diogo Luiz Cordeiro Rodrigues (UFPR)
Prof.^o Me. Ednan Galvão Santos (IF Baiano)
Prof.^a Dr.^a Eliana Leal Ferreira Hellvig (UFPR)
Prof.^o Dr. Fabio José Antonio da Silva (HONPAR)
Prof.^o Dr. Gilberto Sousa Silva (FAESF)
Prof.^a Dr.^a Karen Fernanda Bortoloti (UFPR)
Prof.^a Dr.^a Leozenir Mendes Betim (FAEF)
Prof.^a Dr.^a Lucimara Glap (FCSA)
Prof.^o Dr. Milson dos Santos Barbosa (UniOPET)
Prof.^o Dr. Rudy de Barros Ahrens (UNIR)
Prof.^a Dr.^a Silvia Aparecida Medeiros Rodrigues (FAEF)
Prof.^a Dr.^a Sueli de Fátima de Oliveira Miranda Santos (UTFPR)
Prof.^a Dr.^a Tássia Patricia Silva do Nascimento (UEA)
Prof.^a Dr.^a Thaisa Rodrigues (IFSC)

Copyright do Texto © 2026 dos autores

Copyright da Edição © 2026 AYA Editora (projeto gráfico, diagramação)

P392 Pelos olhos de quem lê: trajetórias de graduandos em letras [recurso eletrônico]. / Luciana Ferreira Leal, Bruno Ciavolella (organizadores) -- Ponta Grossa: Aya, 2026. 106 p.

Inclui biografia

Inclui índice

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN: 978-65-6228-046-3

DOI: 10.47573/aya.6228.2.533

1. Literatura - Estudo e ensino (Superior) 2. Linguagem e línguas - Estudo e ensino (Superior). 3. Estudantes - Aspirações. 4. Universidades e faculdades - Ingresso. I. Leal, Luciana Ferreira. II. Ciavolella, Bruno. III. Título.

CDD: 370.71

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Bruna Cristina Bonini - CRB 9/1347

AYA Editora©

Fone: +55 42 3086-3131 | WhatsApp: +55 42 99906-0630

E-mail: contato@ayaeditora.com.br | Site: <https://ayaeditora.com.br>

Declaração da Editora

O conteúdo autoral próprio desta obra é disponibilizado sob a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional — CC BY 4.0, que permite seu uso, reprodução, distribuição e adaptação, inclusive para fins comerciais, desde que sejam atribuídos os devidos créditos aos autores, indicada a licença e informadas eventuais alterações.

A licença não se aplica ao projeto gráfico, à diagramação, ao design de capa nem aos materiais de terceiros utilizados na obra, tais como citações, imagens, gráficos, documentos, marcas e outros conteúdos identificados por crédito, referência ou indicação específica. Esses materiais permanecem sujeitos aos respectivos direitos, licenças, autorizações e limitações legais.

A reprodução ou reedição da obra por terceiros deverá utilizar apresentação gráfica própria ou contar com autorização expressa da AYA Editora para uso da edição gráfica.

Os autores são responsáveis pela autoria, originalidade, precisão e licitude de suas contribuições intelectuais, pela correta indicação das fontes e referências, bem como pela obtenção das autorizações necessárias para a utilização de materiais de terceiros.

As análises, interpretações e opiniões apresentadas são de responsabilidade dos autores e não refletem, necessariamente, o posicionamento da AYA Editora, de seu conselho editorial ou das instituições mencionadas.

A atuação da AYA Editora limitou-se aos serviços editoriais e técnicos contratados, incluindo produção editorial, projeto gráfico, diagramação, registro e disponibilização da obra, sem titularidade ou ingerência sobre o conteúdo textual.

As referências a pessoas, instituições, autoridades e fatos históricos possuem finalidade informativa, acadêmica, crítica ou de pesquisa e devem observar a legislação aplicável, inclusive os direitos autorais e os direitos da personalidade.

A AYA Editora não comercializa esta obra nem recebe royalties, comissões ou participação nas receitas decorrentes de sua venda ou distribuição. Os autores e terceiros poderão explorar comercialmente o conteúdo autoral próprio nos limites da Licença CC BY 4.0, sem utilizar a edição gráfica reservada à editora.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	11
Carolina Filipaki de Carvalho	
Fernanda Tonholi Sasso Curanishi	
Kleber Kurowsky	
TECENDO VIDAS ENTRE LINHAS E PÁGINAS – A LITERATURA COMO DIREITO E TRAVESSIA	14
Luciana Ferreira Leal	
Bruno Ciavolella	
A MINHA TRAJETÓRIA COMO LEITORA E COMO OS LIVROS TORNARAM-SE MEUS MELHORES AMIGOS	21
Ana Paula de Souza Candido	
DO QUADRO NEGRO AO LIRISMO: UMA HISTÓRIA DE LEITURA E DOCÊNCIA	25
Andressa Ajala da Silva	
INSPIRAÇÕES	28
Andressa Patrício	
ATRAVESSANDO OS CAPÍTULOS DE MINHA HISTÓRIA	31
Andyeline Vicentes	
COMO OS FILMES ME LEVARAM AOS LIVROS	35
Brenda Raquel Soares	
A FORMAÇÃO DA MINHA IDENTIDADE LEITORA	42
Fernanda Costa Delabiglia	
TRAJETÓRIA LITERÁRIA: AS NUANCES DE UMA JORNADA LITERÁRIA INTERMINADA	47
Gabriel Bispo	
A LITERATURA COMO UM UNIVERSO EM CONSTANTE EXPANSÃO	52
Geovana Santos Oliveira	
LIVROS, SONHOS E DESTINO: A HISTÓRIA QUE COMEÇOU ANTES DE MIM	58
Júlia Lopes Pavão Martins	



DA LEITURA AO MUNDO: LITERATURA INFANTIL COMO EXPERIÊNCIA FORMADORA.....	62
Letícia Lilian	
AUTOCONSTITUIÇÃO COMO LEITORA	66
Luana Pozzan Comin	
TRAJETÓRIA DE AUTOCONSTRUÇÃO COMO LEITOR	70
Maria Letícia Genaro	
MINHA TRAJETÓRIA DE AUTOCONSTRUÇÃO COMO LEITORA.....	73
Milena Pereira do Espírito Santo	
TUDO COMEÇOU COM UMA HISTÓRIA EM QUADRINHOS	76
Nicolý de Arruda Peixer	
TRAJETÓRIA LITERÁRIA	80
Sara Correia Lopes	
AS VOZES QUE FORMAM LEITORES: AGÊNCIAS DE LETRAMENTO NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO LEITOR DE ESTUDANTES DE LETRAS	84
Bruno Ciavolella	
Luciana Ferreira Leal	
ORGANIZADORES	92
AUTORES	93
ÍNDICE REMISSIVO	100

PREFÁCIO

*Carolina Filipaki de Carvalho*¹

*Fernanda Tonholi Sasso Curanishi*²

*Kleber Kurowsky*³

A obra “Pelos olhos de quem lê: trajetórias de graduandos em Letras” reúne relatos de estudantes do curso de Letras da Unespar - campus de Paranavaí que, ao revisitarem suas trajetórias leitoras, nos permitem testemunhar o delicado processo de formação de um leitor. Mais do que investigar trajetórias leitoras, esta obra nos permite reencontrar, a partir das experiências narradas, a potência transformadora da literatura e o papel decisivo que a escola e os professores ocupam nesse percurso.

É interessante observar como os estudantes ingressam na jornada do letramento literário. Nas turmas iniciais, aproximam-se dos livros com hesitação; depois, pouco a pouco, a literatura passa a habitá-los. Cada leitura abre uma janela, amplia o olhar, desperta perguntas e sensibilidades antes adormecidas. Vemos, então, o florescimento silencioso do leitor: aquele que descobre, nas palavras, novas formas de compreender o mundo e a si mesmo. Como nos lembra Rildo Cosson, “[...] a literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e expressar o mundo por nós mesmos”. E é justamente nesse encontro entre leitura e experiência que os alunos se transformam ao longo do caminho. Como frisa Antonio Candido, a literatura é um direito, pois organiza o caos da vida, dá sentido à experiência humana, amplia a empatia, a reflexão e a sensibilidade.

Por essa razão, a leitura da obra é emocionante para quem é professor. Toca-nos, nesse sentido, perceber, por meio das narrativas apresentadas, o quanto nós, professores, e a escola influenciam significativamente as trajetórias desses leitores, ajudando a moldá-las, ampliá-las e, muitas vezes, a despertá-las. Diante disso, o que o leitor encontrará neste livro são relatos que nos lembram de nossa responsabilidade e compromisso ao apresentar obras literárias aos nossos estudantes.

Ao valorizar a vivência e o afeto enquanto saberes reconhecidos, o

1 Professora adjunta da Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR, Campus de Paranavaí. Integra os grupos de pesquisa Estudos de Língua Inglesa do Centro de Formação de Professores da UFRB e Estudos Literários: teoria, crítica e ensino. Paranavaí, Paraná, Brasil. Links do currículo Lattes e ORCID: <http://lattes.cnpq.br/3638443094234490>. <https://orcid.org/0000-0002-6500-9757>. E-mail: carolina.carvalho@unespar.edu.br

2 Professora colaboradora da Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR, Campus de Paranavaí. Integra o Projeto Cattleys - literatura, linguagem e ações afirmativas (GECAL - UNB). Link do currículo Lattes e ORCID: <http://lattes.cnpq.br/7375861692243621> <https://orcid.org/0000-0002-6256-4093>. E-mail: fernanda.curanishi@unespar.edu.br

3 Professor adjunto da Universidade Estadual do Paraná. Coordena o Núcleo de Estudos Wal-laceanos do Brasil. Paranavaí, Paraná, Brasil. Link do currículo Lattes e ORCID: <https://lattes.cnpq.br/1239911775658570>; <https://orcid.org/0000-0002-0074-1146>. E-mail: kleber.kurowsky@unespar.edu.br

poeta brasileiro Neco Bispo afirma que “quem nunca passou por uma encruzilhada não sabe escolher caminhos”. Os relatos nos lembram que ao escolher obras, perspectivas e leituras nos colocamos em encruzilhadas de saberes, e somos também responsáveis por apresentar novas encruzilhadas e, talvez, novos caminhos àqueles que frequentam nossas salas de aula.

Em *O livro dos abraços*, Eduardo Galeano apresenta o mundo como “um montão de gente, um mar de fogueirinhas”, no qual cada pessoa irradia uma luz singular entre tantas outras. Algumas dessas chamas são tênues, outras, porém, “incendeiam a vida com tamanha vontade que é impossível olhar para elas sem pestanejar, e quem chegar perto pega fogo”. Assim também são os livros e os professores que atravessam nossas vidas: aproximam-se de nós com brilho encantador, iluminam caminhos, despertam inquietações, ampliam horizontes e nos transformam, pouco a pouco, a cada encontro e a cada página virada.

O escritor peruano Mario Vargas Llosa descreve a literatura como um “[...] denominador comum da experiência humana”. Ele diz que “nada nos protege melhor da estupidez, do preconceito, do racismo, da xenofobia, do sectarismo religioso ou político e do nacionalismo excludente do que esta verdade que sempre surge na grande literatura: todos são essencialmente iguais”. Ao passo que percorremos os trajetos de leitura de nossos alunos, voltamos aos nossos próprios percursos: dos gibis às fábulas; da poesia aos contos; das adaptações aos grandes clássicos. Este contato nos faz lembrar dos educadores que passaram por nossas vidas, desde os primeiros professores que nos encantaram com suas contações de histórias, aos mestres que a vida acadêmica nos apresentou, aqueles que nos indicaram obras capazes de transformar nossa maneira de compreender e viver a vida.

Ao longo do curso, nossos professores em formação aprendem que mediar a leitura é muito mais do que ensinar técnicas ou interpretar textos: é criar encontros vivos entre o leitor e a palavra. Em cada prática pedagógica, descobrem maneiras de transformar a sala de aula em espaço de escuta, imaginação e diálogo, onde a literatura deixa de ser apenas conteúdo e passa a ser experiência compartilhada. Assim, vão construindo, com sensibilidade e intencionalidade, caminhos para formar leitores capazes de ler o mundo com mais consciência, empatia e humanidade.

Nos relatos apresentados pelos acadêmicos nesta obra, a transformação pelas letras é notável: são histórias de vida tocadas e reconfiguradas pela leitura, pessoas que deixaram de ser leitores esporádicos e passaram a ler com voracidade e criticidade e, para além do entretenimento, passaram a almejar oportunidades profissionais amparadas pelo contato com a literatura em suas diferentes formas. Suas narrativas são provas irrefutáveis de que a literatura e a educação têm o poder de nos colocar em encruzilhadas e nos mostrar caminhos, perspectivas e horizontes que não se apresentariam a nós se não fossem pelas páginas de um livro.

Obras como essa são especialmente valiosas nos dias de hoje, depois

de a mais recente pesquisa do Instituto Pró-Livro (2024) ter revelado que, atualmente, o Brasil tem um público não leitor maior que um público leitor. É um resultado alarmante e profundamente sintomático do nosso contexto sócio-político. É através das páginas de obras como esta que podemos perceber o porquê de este ser um desafio: aqui, constatamos com emoção, carinhos e ocasional melancolia que a leitura construiu estes alunos não apenas enquanto leitores e cidadãos, mas enquanto pessoas, seres humanos atentos ao mundo e aos seus próprios sentimentos e emoções. Precisamos, assim, formar mais leitores de livros e do mundo, e a literatura se mostra como única intermediadora dessa totalidade.

Nesse sentido, os relatos aqui presentes podem ser encarados como testemunhos de um mundo possível; um mundo do que está por vir. Afinal, nossos autores são futuros professores - ou, em alguns casos, já praticam a docência - e poder perceber o impacto que a leitura teve em suas vidas, talvez seja esperança concreta de que, enquanto houver professores capazes de semear leituras e alunos dispostos a se deixar tocar pelas palavras, haverá também futuros possíveis sendo silenciosamente escritos e lidos.

Referências

BISPO, Antônio. **Colonização, quilombos: modos e significações**. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 235-263.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil**: 6ª edição. Coordenação de Zoara Failla, 2024. Apresentação (129 slides), color. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/pesquisas-retratos-da-leitura/as-pesquisas-2/>. Acesso em: 6 maio 2024.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Tradução de Eric Nepomuceno. 9. ed. Porto Alegre: L&PM, 2002.

LLOSA, Mario Vargas. **A importância da literatura**. Substantivo Plural. Outubro, 2010. Disponível em: <http://substantivoplural.com.br/a-importancia-da-literatura/>. Acesso em 11 abr. 2021.

TECENDO VIDAS ENTRE LINHAS E PÁGINAS – A LITERATURA COMO DIREITO E TRAVESSIA

Luciana Ferreira Leal⁴

Bruno Ciavolella⁵

Iniciamos esta jornada sob a égide da premissa fundamental de Antonio Candido em seu ensaio clássico *O direito à literatura* (1988). Candido argumenta que a literatura é uma necessidade universal, um bem imprescindível que não pode ser negado a nenhum ser humano, pois ela satisfaz a necessidade de ficção e de fantasia, algo tão vital para o equilíbrio psíquico quanto o alimento e o abrigo são para o corpo. Para o autor, a literatura deve ser vista como uma ferramenta indispensável de humanização: ela nos permite sair de nossa própria pele para habitar o outro, dilatando nossa percepção da realidade e fortalecendo nossa empatia.

A gênese dos capítulos que compõem esta obra remonta ao ano de 2024, florescendo no solo fértil da disciplina de Literatura Infantojuvenil. Como proposta de trabalho do quarto bimestre, os acadêmicos do segundo ano do curso de Letras foram convidados a realizar um exercício de introspecção e memória, tendo como mote a leitura e a estrutura do livro *Leituras & leitores: trajetos e trajetórias*⁶, organizado por Luciana Ferreira Leal e Cláudio Rodrigues da Silva, publicado originalmente em 2022 pela Editora Fi.

Nesta obra de referência, os organizadores buscaram mapear os caminhos singulares de formação leitora de diversos intelectuais e artistas, bem como o exercício de distintos papéis que circundam o universo do livro. O volume, lançado em 2022 (Leal; Silva, 2022), estabeleceu um diálogo potente entre nomes consagrados e pesquisadores da área, contando com a participação de autores como João Anzanello Carrascoza, Vanessa Meriqui, João Adalberto Campato Jr., Claudia Rosenberg Aratangy, Gualberto Iván Luna Jiménez, Amanda Cristina Danaga, Natanael Otávio, Franciele Ruiz Pasquim, Bráulio Roberto de Castro Loureiro, Adriana Corral, Agnes Iara Domingos Moraes, Alberto Bive Domingos, além dos próprios organizadores. Aquele volume, cancelado pelo prefácio de Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira e pela quarta capa de João Luís Cardoso Tápias Ceccantini, serviu como o espelho no qual nossos estudantes puderam projetar suas próprias experiências.

⁴ Professora adjunta da Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR. Campus de Paranavaí. Integra os grupos de pesquisa GELLE (Grupo de pesquisa em língua, literatura e ensino) e NIPELL (Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Ensino de Língua e Literatura). Paranavaí, Paraná, Brasil. Links do Lattes e ORCID: <https://lattes.cnpq.br/1185097680420065>; <https://orcid.org/0000-0002-7139-6765>. E-mail: luciana.leal@unespar.edu.br

⁵ Professor adjunto do Colegiado de Letras da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), campus de Paranavaí. Líder do grupo de pesquisa Interação e Escrita (CPNq/UEM). Links do Lattes e ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0271-8350>; <http://lattes.cnpq.br/8383538158353441>. E-mail: bruno.ciavolella@unespar.edu.br

⁶ É possível acessá-lo gratuitamente na página da Editora Fi <https://www.editorafi.org/ebook/385leituras>.

Inspirados por essa linhagem de escrita de si, os estudantes que aqui assinam seus textos aceitaram o desafio de revisitar seus próprios trajetos. Ao olharem para trás, encontraram listas de títulos lidos e também reencontraram a criança que descobriu o mundo nos gibis, o adolescente que buscou refúgio na fantasia e o adulto que, agora em formação docente, compreende que a história da sua leitura é, em última análise, a história da sua própria autoconstrução.

No capítulo intitulado ***“A minha trajetória como leitora e como os livros tornaram-se meus melhores amigos”***, Ana Paula de Souza Candido revisita suas memórias mais remotas para traçar um mapa afetivo de sua formação, revelando que a leitura, desde cedo, foi um gesto de cuidado e um portal para a alteridade. A autora descreve com nitidez o impacto de seus primeiros mediadores: a tia que, com uma paciência rigorosa, ensinou-lhe a decifrar as linhas da história bíblica de José do Egito aos cinco anos, e a mãe que, em seu uniforme de enfermeira, lhe entregava “tesouros” em forma de gibis da *Turma da Mônica*. Essa iniciação lúdica e familiar pavimentou o caminho para que a literatura assumisse, na adolescência, um papel vital de refúgio e sobrevivência emocional. Como uma jovem “naturalmente reservada e introvertida”, Ana Paula encontrou no silêncio das bibliotecas escolares o antídoto para a solidão, transformando o ato de ler em uma “válvula de escape”. Atualmente, como graduanda em Letras e pesquisadora, ela ressignifica essa paixão, demonstrando que o desejo de ler é a força que a constitui como sujeito e futura educadora.

No capítulo intitulado ***“Do quadro negro ao lirismo: uma história de leitura e docência”***, Andressa Ajala da Silva nos conduz por uma narrativa onde o afeto e a investigação intelectual se entrelaçam de forma indissociável. A autora resgata a imagem primordial de sua mãe, Juliana, como a primeira mediadora que, ao colocá-la diante de pequenos quadros-negros, plantou a semente do letramento envolta em valor afetivo. Essa iniciação foi fortalecida pelo encantamento escolar, personificado em uma professora de Língua Portuguesa que habitava personagens para ensinar, provando que a literatura é, antes de tudo, uma experiência de imaginação. Andressa descreve sua trajetória como uma dupla procura: de um lado, a entrega ao lirismo e ao sentimento provocado pelo texto; de outro, a pesquisadora que busca desvendar as estruturas da prosa lírica, especialmente na obra de João Anzanello Carrascoza. Ao citar Octavio Paz e a ideia da literatura como um espelho que reflete passado e presente, a autora reafirma o caráter humanizador da arte literária, culminando em um poema de sua autoria que define a literatura como “a arte de nos vestir”.

No capítulo intitulado ***“Inspirações”***, Andressa Patrício tece um relato sensível sobre como a literatura se manifestou em sua vida como um divisor de águas, transformando o ato de ler em uma bússola para suas escolhas profissionais e pessoais. A autora resgata a memória afetiva de uma infância povoada por clássicos como *Pinóquio*, de Carlo Collodi, e pelas vozes poéticas de Cecília Meireles e Vinícius de Moraes, revelando que a biblioteca

escolar era, para ela, o verdadeiro “paraíso”. No entanto, o núcleo central de sua narrativa reside na figura do professor Francis de Lima Aguiar. De forma emocionante, Andressa descreve como Francis ultrapassou o papel de docente para tornar-se um mediador fundamental, alguém que selecionava obra por obra para que ela descobrisse a profundidade de autores como Machado de Assis. A perda do amigo e mentor não apagou a chama que ele acendeu; transformou-se em motivação para que ela seguisse o caminho das Letras, reforçando que ser leitor é uma construção coletiva e um exercício de “ver com outros olhos o que está escrito”.

No capítulo intitulado **“Atravessando os capítulos de minha história”**, Andyeline Vicentes apresenta a leitura como um exercício de “viagem” e constante descoberta. Desde a infância, incentivada pelos pais, a autora desenvolveu uma relação tátil e afetiva com o objeto livro, mesmo antes de dominar a alfabetização. Sua narrativa percorre a transição desafiadora entre as obras ilustradas e a densidade dos textos puramente verbais, destacando o papel fundamental das amigadas, como a que lhe apresentou a obra de Kiera Cass, na consolidação do hábito de ler durante a adolescência. O texto ganha reflexão ao abordar o impacto da graduação em Letras e da disciplina de Literatura Infantojuvenil, que a retiraram de uma “zona de conforto” temática para apresentá-la à poesia. Para Andyeline, a leitura é um processo de humanização que exige sair do óbvio para encontrar ouro em locais nunca explorados, transformando o leitor em um sujeito crítico e sensível que hoje, como bolsista do PIBID, busca transmitir essa mesma magia aos seus alunos.

No capítulo intitulado **“Como os filmes me levaram aos livros”**, Brenda Raquel Soares apresenta uma perspectiva singular sobre a formação do leitor, revelando como a sétima arte atuou como sua principal porta de entrada para o universo das narrativas. A autora confessa que, em sua infância, os livros pareciam objetos distantes; a verdadeira magia residia na tela, onde cenários e emoções ganhavam vida de forma imediata. Essa imersão cinematográfica permitia que Brenda conhecesse grandes histórias sem necessariamente folhear suas páginas, sentindo-se satisfeita com as adaptações que lhe forneciam o enredo central. No entanto, ao longo de sua trajetória na Unespar, ocorreu uma virada de chave: a percepção de que a leitura oferece uma profundidade reflexiva e uma riqueza de detalhes que a imagem nem sempre alcança. Ao fundamentar seu percurso em autoras como Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus, Brenda demonstra como seu olhar se expandiu para além do entretenimento visual, transformando o ato de ler em um compromisso com a pluralidade de vozes e o reconhecimento de realidades sociais complexas.

Nas páginas de **“A formação da minha identidade leitora”**, Fernanda Costa Delabiglia apresenta um relato sobre uma relação com os livros que floresceu de forma tardia, mas profunda. Criada em um sítio no interior de Terra Rica, a autora descreve uma infância onde a criatividade e o brincar

ao ar livre supriam a ausência física dos livros, transformando o mundo ao seu redor em sua primeira narrativa. Fernanda resgata memórias marcantes, como o fascínio pelos kits de livros vendidos por um senhor que visitava sua escola e o impacto das primeiras idas à biblioteca que, embora inicialmente atreladas ao rigor dos seminários, plantaram a semente de sua curiosidade. Sua trajetória é marcada pela superação da leitura vista como “obrigação” para uma prática de “prazer e autoconhecimento”, salto consolidado durante a graduação e a atuação no PIBID. Hoje, atuando na docência em Guairaçá, ela utiliza sua própria história para inspirar seus alunos, reafirmando a literatura como instrumento indispensável para a construção de um olhar humano e crítico.

No capítulo intitulado **“Trajetória literária: as nuances de uma jornada literária interminada”**, Gabriel Bispo Ramos da Silva propõe uma distinção filosófica entre “trajeto” e “trajetória”. Enquanto o primeiro termo representa o caminho inicial e as portas abertas pela curiosidade, o segundo simboliza o movimento contínuo e a evolução do olhar. O autor relata como o curso de Letras, embora não tenha sido sua primeira opção, tornou-se o palco de uma transformação, em que a enunciação passou a ser sua “repetição diária” e paixão. O autor recorda com gratidão o papel de sua primeira mediadora, a professora Cleia, e descreve como a graduação, sob a orientação de docentes como Luciana Ferreira Leal, Fernanda Sasso Curanishi e Bruno Ciavolella, refinou seu olhar, tornando-o um leitor mais rigoroso e atento à qualidade estética e social das obras. Para Gabriel, a leitura é uma jornada interminável e cíclica: uma rotina de repetição de momentos que, como nos versos de Cecília Meireles, renova-se a cada página, consolidando sua identidade como pesquisador da Linguística e futuro educador comprometido com a sensibilidade e o intelecto.

Sob o título de **“A literatura como um universo em constante expansão”**, Geovana Santos Oliveira estabelece uma analogia entre a vida e o ato de escrever, compreendendo a trajetória humana como uma sucessão de linhas tecidas por experiências. Para a autora, a literatura é algo vital, é força que se manifestou precocemente por meio das canções de ninar de sua mãe e dos livros presenteados por seu pai. Geovana descreve sua jornada como uma metamorfose, onde o contato com a arte adiciona camadas de complexidade ao seu universo particular. Um ponto alto de seu relato é a integração entre linguagens: como escritora e ilustradora, ela enxerga a literatura de mãos dadas com as artes visuais, defendendo que essa junção potencializa a capacidade de contemplar o mundo sob diversos pontos de vista. Em sua visão, a literatura é uma ferramenta de emancipação política e social, e como futura docente, encara o desafio de transformar alunos em leitores em uma sociedade que muitas vezes desvaloriza o livro.

No capítulo intitulado **“Livros, sonhos e destino: a história que começou antes de mim”**, Júlia Lopes Pavão Martins apresenta a leitura como uma herança afetiva e um destino traçado pela fé de sua família na educa-

ção. A autora descreve uma infância cercada por histórias, das conversas de sua avó às músicas do avô, e como a professora Rose foi fundamental ao encenar narrativas que a envolviam completamente. Júlia compartilha com honestidade as oscilações de seu hábito leitor durante a vida adulta e o cansaço da rotina, mas revela como a disciplina de Literatura Infantojuvenil na Unespar foi o reencontro com a magia. Ao citar Paulo Freire, ela reafirma que ensinar e aprender são atos de busca e alegria, concluindo que a literatura é a única força capaz de permitir que vivamos infinitas vidas dentro de nossa própria existência finita.

Em ***“Da leitura ao mundo: literatura infantil como experiência formadora”***, Letícia Lilian utiliza a máxima de Paulo Freire: “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” para explicar sua formação. Filha de pais que, apesar de pouca escolaridade formal, sempre valorizaram o conhecimento, a autora descreve como aprendeu a ler em casa, na fazenda, antes mesmo da escola. Letícia narra como o contato com a Literatura Infantojuvenil na graduação revelou a conexão entre a imaginação da infância e a construção da identidade. Para ela, a literatura é a “melhor maneira de viver no mundo”, oferecendo as palavras necessárias para afirmar sentimentos e orientar a trajetória humana, provando que palavra e vida são, em última análise, indissociáveis

No capítulo intitulado ***“Autoconstituição como leitora”***, Luana Pozzan Comin narra um percurso de redescoberta e superação de resistências. A autora confessa que, no Ensino Médio, a leitura era vista com certa imaturidade até o encontro fortuito na biblioteca escolar com a obra *Feliz ano velho*, de Marcelo Rubens Paiva. Esse livro, com sua narrativa visceral e autobiográfica, foi o catalisador que mudou sua percepção sobre o poder das histórias. Luana descreve como a graduação em Letras proporcionou um retorno intenso aos livros, transformando a leitura de uma atividade meramente acadêmica em uma prática de autodescoberta e ampliação de horizontes. Para ela, cada obra é agora compreendida como uma ferramenta essencial para a construção do pensamento crítico e para a compreensão das complexidades da identidade e da cultura humana.

Ao longo do capítulo ***“Trajetória de autoconstrução como leitor”***, Maria Letícia Genaro faz um resgate nostálgico de sua alfabetização em 2005, destacando o impacto emocional de obras como *Menina bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado. A autora compartilha memórias lúdicas, como a crença infantil em um lápis mágico inspirado por uma história escolar e como essas sementes floresceram em sua atuação atual como docente. Um momento emocionante de seu relato é a relação com um ex-aluno que, inspirado por uma história contada por ela, trouxe-lhe um livro de Portugal como presente. Maria Letícia define-se como uma leitora em formação, que hoje constrói sua própria biblioteca particular com mais de oitenta obras, encarando a literatura como um compromisso de nunca desistir da história, sempre à espera da próxima reviravolta emocionante.

No capítulo intitulado **“Minha trajetória de autoconstrução como leitora”**, Milena Pereira do Espírito Santo descreve a literatura como um portal de transporte para mundos de aventura, citando a saga *Percy Jackson* como o marco inicial de seu interesse genuíno. A autora destaca o papel central de sua mãe, que, por meio de assinaturas de livros e incentivo constante, priorizava o ato de ler sobre a qualidade literária imediata, permitindo que o hábito se consolidasse de forma orgânica. Milena reflete sobre como a transição para o olhar acadêmico na faculdade deu novo sentido à sua caminhada, revelando a literatura como uma fonte de empatia e sabedoria. Para ela, ser leitora é um processo de “retorno ao mundo literário” que oferece um refúgio necessário contra a dureza da realidade, desenvolvendo um senso crítico que ela pretende transmitir a seus futuros alunos.

No capítulo intitulado **“Tudo começou com uma história em quadrinhos”**, Nicolý Peixer apresenta a leitura como uma jornada de descoberta que evoluiu de um entretenimento familiar para uma poderosa ferramenta de transformação. A autora destaca o papel primordial de seus pais, que liam para ela todas as noites e a estimulavam a interagir com as narrativas, transformando o ato de ler em um exercício de afeto. Essa base permitiu que Nicolý encontrasse nos gibis da *Turma da Mônica* sua primeira paixão, servindo como entrada para um universo cada vez mais complexo. Ao longo de seu relato, descreve a transição da leitura por prazer para a leitura acadêmica e crítica na Unespar. Para Nicolý, os livros se tornaram o combustível de sua jornada de autoconhecimento, ajudando-a a construir uma identidade capaz de refletir sobre as questões sociais e consolidando seu compromisso com a formação de novos leitores.

No capítulo intitulado **“Trajetória literária”**, Sara Correia Lopes inicia sua reflexão com perguntas inquietantes sobre o que realmente significa ser leitor. Vinda de uma família em que o hábito da leitura não era comum, a autora descreve o desafio de se reconhecer como tal e como a graduação em Letras foi o ponto de virada para essa percepção. Ela resgata a memória afetiva de um livro de contos de fadas da Disney, com mais de 100 histórias, que sua mãe lia antes de dormir; uma obra que despertou seu interesse inicial pela estética e pelo encantamento das palavras. Sara defende que a leitura exige dedicação e atenção aos detalhes e conclui que, apesar de ler muitas vezes por obrigação acadêmica, a literatura é o que lhe permite acessar novas culturas e aprendizados fundamentais.

Ao observarmos os relatos contidos nesta obra, percebemos que o “direito ao sonho” de que fala Candido é o fio condutor dessas trajetórias. A formação do leitor raramente é um processo solitário; ela é, antes, um ato de contágio. Como destaca a antropóloga Michèle Petit, os “mediadores” são figuras que abrem as portas do imaginário. Encontramos aqui mediadores inesquecíveis: tias, mães, pais e professores apaixonados, como o professor Francis.

Para que a leitura se torne parte da identidade, é preciso que ela se

transforme em experiência. Segundo o filósofo Jorge Larrosa Bondia (2002), experiência é “aquilo que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. Os autores desta obra provam que a leitura é um ato de existência. Um ponto de convergência fundamental é a Unespar, onde o leitor apaixonado se torna o leitor-docente, equilibrando o afeto do texto com a investigação de sua construção.

Os capítulos que dão corpo a esta obra materializam, com vigor, a máxima freiriana de que a leitura do mundo precede a leitura da palavra: aqui, cada autor e autora projeta sua própria bagagem de vida, suas raízes sociais e suas memórias afetivas para dentro do universo literário. Este livro configura-se como um mosaico de vozes de estudantes de Letras, um testemunho coletivo de autoconstrução em que a literatura se torna um processo vivo de humanização. Por meio destes relatos, percorremos uma jornada que vai da solidão do silêncio, em que o livro serviu como refúgio e escudo para a alma, ao encantamento vibrante da sala de aula, em que esses novos leitores-docentes agora se preparam para mediar a mesma magia que os transformou. É, em última análise, a prova de que a trajetória literária é um fio ininterrupto que une quem fomos, quem somos e quem desejamos formar.

Ao finalizar esta apresentação, retornamos a Antonio Candido (2004). Se a literatura é um direito, exercê-lo é um ato de cidadania e de amor-próprio. Os autores aqui reunidos provam que a trajetória de leitura é algo vivo, que se constrói e se renova. Convidamos você, leitor(a), a mergulhar nestas histórias para conhecer estes futuros professores e para encontrar neles os ecos da sua própria jornada literária. Que estas páginas sirvam de incentivo para que mais pessoas descubram que, entre linhas e páginas, é possível tecer a própria vida.

Referências

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002. DOI: 10.1590/S1413-24782002000100003.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004. p. 169-191.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.

LEAL, Luciana Ferreira; SILVA, Cláudio Rodrigues da (org.). **Leituras & leitores**: trajetos e trajetórias. Porto Alegre: Fi, 2022

PETIT, Michèle. **Ler o mundo**: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje. São Paulo: Editora 34, 2019.

A MINHA TRAJETÓRIA COMO LEITORA E COMO OS LIVROS TORNARAM-SE MEUS MELHORES AMIGOS

Ana Paula de Souza Candido⁷

Lembro-me com nitidez e, acima de tudo, com amor, de meus primeiros contatos com a literatura. A primeira recordação que surge em minha memória é a seguinte: estou com cinco anos de idade, sentada no sofá da sala (ainda um pouco desorganizada por causa da recente mudança), e a minha tia, irmã mais nova de minha mãe, está encostada em meu ombro esquerdo, segurando uma fina revistinha sobre a história de José, o grande governador do Egito, personagem importante da Bíblia.

A minha tia lia a primeira linha da história e, então, pedia que eu a repetisse, ensinando-me a ler de uma maneira não muito delicada (o que ela não tem de altura, ela não tem de paciência), mas eficaz. E é claro que eu amo essa memória, da mesma maneira que amo a minha tia e amo a história do injustiçado José, o intérprete de sonhos, até os dias atuais.

A próxima recordação pertence aos seis anos: estou sentada no chão da sala, no tapete, e minha mãe atravessa o cômodo com o uniforme alvo de praxe das enfermeiras e me entrega uma pequena sacola que contém três preciosos tesouros: três gibis sobre as aventuras da *Turma da Mônica*. Eu li todos os gibis no mesmo dia, depois reli, reli de novo e continuei relendo. Conforme ganhava novos gibis, a minha coleção aumentava e, hoje, ainda a possuo intacta na casa dos meus pais, mais de cem gibis do cartunista Mauricio de Sousa.

O meu pequeno núcleo familiar, composto apenas por minha mãe e por meu pai (e, durante alguns anos, por minha tia), sempre me incentivou a ler. Meu pai, apesar de ter parado de estudar na quinta série para trabalhar no sítio de seu pai, sempre acreditou no poder da educação e da leitura e, por essa razão, igualmente comprava vários gibis para mim. Minha mãe, estimulada por seu pai, um leitor ávido, formou-se em Enfermagem e também incentivou o meu estudo e a minha leitura, sempre me dizendo que “poderiam me tirar tudo na vida, menos o meu conhecimento”.

Enfim, desde que aprendi a ler e a escrever, sempre gostei de ler e de escrever e também de desenhar, mesmo nunca tendo sido realmente boa nisso. Na infância, amava passar horas desenhando calmamente os meus próprios quadrinhos; no entanto, havia um único (e distinto) detalhe que os diferenciava dos demais, até mesmo dos gibis do Mauricio de Sousa: meus quadrinhos não possuíam balões de fala, ou seja, havia apenas os persona-

⁷ Graduanda em Letras – Português/Inglês da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), campus de Paranavaí. Bolsista da Iniciação científica, pesquisadora do Projeto Entre a poesia e a prosa: os aspectos poéticos das narrativas de João Anzanello Carrascoza e sua recepção na Educação Básica, coordenado pela Professora Luciana Ferreira Leal

gens e o desenrolar dos acontecimentos, enquanto os diálogos permaneciam apenas na minha cabeça. Os motivos da falta de diálogo? Eu não faço a mínima ideia, e a Ana Paula criança possivelmente também não. Talvez para economizar espaço no papel. Talvez por preguiça de escrever. Talvez por insegurança.

Até meados dos dez anos, continuei lendo apenas gibis e, aos onze, comecei a passar por uma transição de gostos: dos gibis para os livros infantojuvenis. Lygia Bojunga e Thalita Rebouças são as duas autoras que marcaram presença nesse período. Antes de continuar, gostaria de ressaltar rapidamente o fato que eu sempre fui uma garota invisível (e que só se tornava visível para ser alvo de bullying), tímida e que se sentia imensamente deslocada e desconfortável com pessoas da minha faixa etária.

Logo, na pré-adolescência, sem uma única alma amiga para passar os intervalos e sempre desejando sumir do ambiente opressivo da minha sala de aula, a biblioteca da escola tornou-se meu refúgio; as palavras e as histórias tornaram-se minha salvação, e os livros tornaram-se meus melhores amigos. Também, na mesma época, descobri o mundo incrível e divertido das fanfics; assim, caso eu não tivesse um livro físico disponível em um momento de tédio, eu estava lendo alguma história fictícia com personagens reais no meu celular. Com essa idade, além de alguns poemas ruins, aventurei-me a escrever minhas próprias fanfics (com muitos erros ortográficos e gramaticais), mas nunca cheguei a postá-las em nenhuma plataforma virtual.

A partir dos doze anos, os gibis foram ficando cada vez mais de escanteio, enquanto eu direcionava a minha atenção aos livros infantojuvenis e às fanfics. Li todos os livros disponíveis na biblioteca da coleção *Fala Sério*, da Thalita Rebouças, cada um em um estado pior do que o anterior. O primeiro livro que li de Lygia Bojunga foi *Os Colegas*, sobre cinco animais (três cachorros, um coelho e um urso) que se tornam amigos inseparáveis, vivendo à margem da vida. O segundo, *A Bolsa Amarela*, conta a história de uma menina que entra em conflito consigo mesma ao reprimir a vontade de crescer, a vontade de ser garoto e a vontade de se tornar escritora (vontades essas que ela esconde em uma bolsa amarela).

A capa dos dois livros chamou a minha atenção, pois se destacavam das demais capas nas estantes da biblioteca da escola e, até hoje, eu gosto de todas as capas da Editora Casa Lygia Bojunga. Para mim, mesmo que as ilustrações apresentem cores vibrantes e traços distintivos, tenho a impressão de que as capas estão se desfazendo ou se esvaindo, como se estivéssemos acordando de um sonho colorido e já estivéssemos esquecendo esse sonho com a assimilação da realidade ao nosso redor.

Aos treze anos, todos os tipos de livros, dos infantojuvenis aos adultos, tornaram-se parte da minha rotina, e os gibis, enfim, permaneceram apenas na minha estante após muitos anos de leitura e releitura. Conheci as obras de John Green e Nicholas Sparks (e admito que prefiro Nicholas Sparks) e passei a ler mais livros internacionais do que nacionais.

Com quatorze anos, depois de ler a saga *A Seleção* e gostar, resolvi dar uma chance à famosa saga Harry Potter e a outras, como *Para Todos os Garotos que Já Amei* e *A Rainha Vermelha*. Infelizmente, a partir desse momento, passei a ler cada vez menos literatura nacional. Todavia após ingressar na universidade, isso mudou. A partir daí, as fanfics também foram sendo deixadas de lado; afinal, não importa quantos meios de leitura digital sejam criados, nada substitui a sensação de segurar um livro.

Faltando alguns dias para o meu aniversário de quinze anos, a quarentena foi decretada e, durante a pandemia, do final dos quatorze até os dezesseis anos, praticamente não li nada, principalmente por causa da ansiedade. Aos dezessete, voltei normalmente à rotina de ler sem parar. No ano de 2024, no segundo ano do curso de Letras, graças ao projeto do Clube de Leitura João Anzanello Carrascoza e às aulas da disciplina de Literatura Infantojuvenil, voltei a ter contato com a literatura nacional e conheci outros autores que, agora, já fazem parte das minhas listas de leituras concluídas.

Havia me “esquecido” da existência tanto dos livros infantojuvenis quanto dos livros nacionais. Entretanto como eu não poderia me apaixonar por *Quarto de Despejo*? Por *Olhos d'Água*? Por *Cartas para Minha Avó*? Por *O Deus das Avenças*? Por *Sapato de Salto*? Impossível. E, graças ao curso, ao clube e à disciplina, pude expandir os meus horizontes. Não é que eu tenha automaticamente desprezado esses livros por serem nacionais, mas simplesmente não os conhecia, então não houve interesse. Nem mesmo os livros de Carolina Maria de Jesus, embora eu já tivesse ouvido falar dela. Porém, sendo uma pessoa que gosta de tudo e que lê de tudo (por isso não consigo definir um livro e um autor preferidos até hoje), não poderia subestimar a experiência de ler cada um desses livros e tê-los na minha estante (na verdade, tenho quase todos).

De modo geral, a leitura contribuiu, em grande parte, para a minha facilidade em escrever, além do aprimoramento do repertório sociocultural e da expansão do vocabulário. Nas aulas de Língua Portuguesa, duas de minhas professoras utilizaram alternativas diferentes para tentar estimular a leitura dos alunos. Na sexta série, uma professora estipulou que, no primeiro bimestre, deveríamos ler um livro, escrever um resumo e apresentar nossa opinião; a cada bimestre, a quantidade de livros aumentava, até chegar a quatro no quarto bimestre. Nem é necessário dizer que a maioria dos alunos odiava essa dinâmica, mas eu adorava e sempre procurava novos livros para ler e escrever a minha visão.

No segundo ano do Ensino Médio, outra professora decidiu que todos deveríamos ler o mesmo livro para, então, realizar uma atividade com várias questões que somente quem tivesse lido saberia responder de fato. O livro escolhido foi *A Moreninha*, e eu amei completamente o romance entre o casal e a grande reviravolta do final. Igualmente, não é preciso dizer que praticamente ninguém leu o livro e apenas pesquisou na internet para responder às questões da atividade, mas eu, particularmente, gostei mais dessa abordagem do que da primeira.

Por fim, gostaria de encerrar dizendo que a leitura é a minha válvula de escape, a minha melhor amiga e o meu passatempo preferido. Se não estou lendo em qualquer momento ou oportunidade da minha vida, sinto-me incompleta e até um pouco desorientada; assim, mesmo quando não tenho livros novos disponíveis, estou relendo e relendo os meus outros livros, da mesma maneira que fazia com os meus gibis da *Turma da Mônica* quando era criança.

Os meus livros são bens preciosos que nem todo o dinheiro do mundo pode comprar, e eu os conservo com muito carinho. Amo todos os livros que comprei com meu próprio dinheiro e todos os que ganhei dos meus pais, das minhas tias, dos meus tios, da minha avó, das minhas professoras e dos amigos dos meus pais. Amo os livros em bom estado, sem um único rasgo ou amassado, e amo igualmente os livros com lombadas gastas e páginas amareladas. O que eu faria com um bilhão de reais? Compraria todos os livros do meu carrinho da Amazon. O que eu quero de presente de aniversário? Um livro ou um box de livros, e assim por diante. O céu ideal para mim seria uma gigantesca biblioteca isolada em uma floresta cheia de árvores e riachos, na qual eu pudesse ler e reler todos os livros já escritos pelos homens por toda a minha eternidade.

DO QUADRO NEGRO AO LIRISMO: UMA HISTÓRIA DE LEITURA E DOCÊNCIA

Andressa Ajala da Silva⁸

Início este relato ao rememorar uma pessoa cuja presença marcou profundamente minha infância ao me introduzir no universo da leitura: Juliana, conhecida por mim como minha mãe. Recordo-me de quando ela me colocava diante de pequenos quadros-negros e cadernos, em um gesto simples, mas de imenso valor afetivo. Esse foi um dos meus primeiros contatos com a leitura e a escrita, deixando uma marca indelével em minha memória. Lembro-me, também, de uma professora de Língua Portuguesa que, na escola, comparecia às aulas sempre fantasiada de algum personagem, envolvendo-nos em um universo de imaginação e encantamento.

Minha mãe era uma das figuras da família que lia e escrevia com frequência. Eu costumava sentar-me ao seu lado, à mesa próxima à porta da varanda da casa de minha avó, enquanto todos se achegavam à nossa volta. Ali, as palavras ganhavam forma em sua voz e me transportavam para novos mundos e ideias. Ela me inspirou e ainda me inspira. Sempre fui uma criança curiosa e atenta a cada nova leitura, movida por uma busca insaciável por conhecer coisas novas. Recordo esses momentos com um sentimento extraordinário, pois o ato de ler ajudou-me a compreender melhor o mundo ao meu redor, ao mesmo tempo em que expandia meu horizonte intelectual e me inseria em temas diversos.

Ingressei no curso profissionalizante de Magistério, hoje denominado Formação de Docentes, no qual descobri uma paixão pela contação de histórias, pela produção de cenários e pela criação de recursos pedagógicos. A partir daí, a leitura tornou-se uma constante em minha vida. No Ensino Médio, envolvi-me com leituras mais simples; entretanto, atualmente, durante o curso de Letras, minha perspectiva e minha compreensão ampliaram-se consideravelmente. Essas leituras mais profundas estão, provavelmente, relacionadas à orientação dos professores, pois hoje consigo analisar as estruturas das propostas oferecidas pelas plataformas de ensino com as quais trabalho sob uma visão totalmente diferente.

Na esfera acadêmica, percebo uma preocupação constante dos professores em promover reflexões críticas e questionadoras. Autores que marcaram minha infância, como Monteiro Lobato, retornam agora sob uma nova perspectiva crítica e interpretativa, enriquecendo minha formação literária e ampliando minha visão de mundo.

8 Graduada em Letras – Português/Inglês pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), campus de Paranavaí. É professora da Educação Infantil e da Rede Estadual de Ensino do Paraná (PSS), com experiência na formação de leitores em diferentes níveis. No âmbito acadêmico, foi pesquisadora de Iniciação Científica, desenvolvendo estudos sobre a prosa lírica na obra de João Anzanello Carraschoza e bolsista do PIBID/CAPEs, investigando a interface entre literatura e ensino. Seus interesses de pesquisa incluem a teoria da narrativa e as intersecções entre prosa e poesia. Contato: dressajala@gmail.com e Instagram Andressa Ajala.

Pensadores da educação e da literatura, como Paulo Freire e Antônio Candido, ressaltam que a formação do sujeito ocorre por meio do acesso contínuo ao conhecimento, à leitura e à permanência em processos educativos significativos. Para esses autores, a educação e a literatura desempenham um papel essencial na construção da autonomia intelectual e na formação humana, o que contribui diretamente para uma trajetória acadêmica consistente e transformadora, aspecto que dialoga com minha experiência formativa e com o modo como a leitura esteve presente ao longo de minha vida escolar e universitária.

Atualmente, faço parte de um clube de leitura, projeto de extensão, coordenado pela professora Luciana Ferreira Leal, no qual são discutidos livros que abordam temáticas diversas, integrando perspectivas da vida pessoal e acadêmica. O último livro analisado foi *A vida não é útil*, de Ailton Krenak. A obra aborda, de maneira clara e objetiva, as dificuldades enfrentadas pelos povos indígenas, destacando a resistência cultural e a exploração promovida pelo capitalismo. O autor nos convida a refletir sobre a busca incessante e a demanda excessiva por recursos naturais, que resultam em uma exploração desmedida da Terra.

Em uma de suas aulas, a professora Luciana ressaltou que “a melhor literatura é aquela que nos faz refletir profundamente sobre nós mesmos e sobre o mundo ao nosso redor”. Nesse sentido, cito Octavio Paz (1982), que nos lembra que a literatura deixa marcas profundas de sentimentos e impressões em nossa alma. Esse processo transforma a literatura em um espelho que reflete o passado e o presente, oferecendo-nos a experiência de “ver” e “sentir”. A seguir, apresento um poema de minha autoria, como forma de reflexão acerca da literatura:

A literatura

é a arte de nos vestir, de sentir,
de fazer, de acreditar e ver.

É a mudança que humaniza, a
leitura que invade,

Atribui sentido aos cegos
da sociedade, E busca a
transformação.

Literatura é poderosa, Ela forma
e capacita.

Literatura não é só leitura, É
linguagem, é pensamento.

Manifesta sua arte Através
do pensamento, da dança,
da arquitetura, da música, da
escultura...

É forma e estrutura.

Concluo que a verdadeira literatura manifesta sua arte por meio do pensamento, encontrando expressão nas diversas formas artísticas. Essa interação entre diversidade cultural constitui a essência da literatura, revelando-se como uma expressão autêntica da humanidade.

INSPIRAÇÕES

Andressa Patrício⁹

Ser leitor muitas vezes é fazer escolhas e ter sentimentos por elas. Minha vida como leitora teve um ponto de partida na infância. Desde muito pequenina, tive muito incentivo dos meus pais, minha família e diversos livros de literatura infantojuvenil, mas *Pinóquio* de Carlo Collodi era o livro que eu não cansava de ler. Desenvolvi-me principalmente na escola, as culturas dos livros e das canções poéticas sempre estiveram presentes em minha vida. Lembro-me das obras de Cecília Meireles, Ruth Rocha, Vinícius de Moraes, Pedro Bandeira, Ziraldo, Heloísa Prieto, Heloisa Pires Lima e outros grandes nomes, não me recordo apenas dos nomes, mas também de suas esplêndidas obras. As aulas de Língua Portuguesa me cativavam intensamente, não é por acaso que aqui estou e, no fim deste capítulo, vocês saberão.

Quando íamos à biblioteca era o paraíso, apesar de ainda estar me desenvolvendo, sempre tive facilidade com a leitura e a escrita, até brincava por horas me imaginando como professora de Língua Portuguesa. Eu apreciava o simples toque nos livros, a compreensão, a calma que transmitia junto de persistência que me trazia. Entretanto, eu fui crescendo, amadurecendo e me tornando uma mulher cheia de sonhos. Foi então que iniciei meus estudos no Colégio Felisberto Nunes Gonçalves, onde realmente tive o verdadeiro contato com obras literárias, desde literatura infantojuvenil que marcou minha vida e foi onde tudo começou, até as canônicas, como Machado de Assis, José de Alencar, Ricardo Azevedo, ressaltando que Lygia Bojunga, nem é preciso dizer muito, esteve e está em minha história, *Bolsa Amarela*, *Meu Amigo Pintor*, *Os Colegas* e muitas outras de suas obras acompanharam minha trajetória como leitora e me fizeram amadurecer, desenvolver e progredir.

No entanto, há pessoas que foram preciosas em minha história e uma delas se chama Elisângela. Eu não poderia de maneira alguma contar a minha história como leitora sem lembrar dessa amiga, professora e confidente, nosso laço foi além da relação entre aluna e professora. Na 8ª série do colégio, nas aulas de Língua Portuguesa, a Eli fez um projeto com minha turma sobre a obra *Extraordinário* de Raquel Jaramillo Palacio. Iniciamos com a leitura da obra completa, fizemos cartazes, citações do livro e nos aprofundamos na obra, além de muitos outros livros e obras que apresentou a mim, diversos contos, poemas e escritos de Lygia Bojunga, Guimarães Rosa, o livro *O Pequeno Príncipe* de Antoine de Saint-Exupéry, obras africanas, indígenas, entre tantas culturas acompanharam minha trajetória como leitora. O tempo passou e cheguei ao terceiro ano do Ensino Médio com dedicação e amor pela leitura e essas referências em minha vida me fizeram ver o quanto

⁹ Graduanda em Letras – Português e Inglês pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), campus de Paranavaí. Interessada em linguística, leitura, literatura e formação docente, busca ampliar seus conhecimentos sobre o ensino de Língua Portuguesa, os estudos linguísticos, a literatura e as práticas de leitura.

eu amava essa realidade que se concretizou em minha vida.

Realizei meu vestibular na Unespar de Paranavaí para cursar graduação em Letras e fui abençoada. A partir disso iniciei minha graduação em licenciatura, para ser professora de Língua Portuguesa e de Literatura. Hoje estou no terceiro ano e me sinto cada vez mais completa, desejo transmitir aos meus futuros alunos essa graciosidade de tantas obras que muitos não têm contato e incentivo, mas que nos transformam e nos inspiram.

Na graduação, as aulas de literatura infantojuvenil me trouxeram ainda mais admiração. A professora Luciana Leal trouxe novamente as obras, muitas que havia lido e outras que li pela primeira vez, obras de todas as formas, brasileiras, indígenas, africanas e nos mostrou o quanto o leitor se forma pela leitura infantojuvenil. Eu tenho certeza de que, se hoje sou leitora, é porque tive contato com a literatura infantojuvenil que me abriu as portas para ir além. Durante o segundo ano de graduação, pude ler livros magníficos que ainda não tinha lido, como *Sapato de Salto* de Lygia Bojunga; *Por parte de pai* de Bartolomeu Campos de Queirós; *Para Você eu conto* de Moacyr Scliar e as admiráveis obras contemporâneas de João Anzanello Carrascoza. Durante esses anos de estudo, tive a honra de estar no projeto de pesquisa em literatura. O primeiro livro de Carrascoza que li foi *Aos 7 e aos 40*, encantou-me a forma como a história é narrada pela mesma pessoa em duas fases diferentes de sua vida, tive o contato com outras obras como *Aprendiz de Inventor*, *Prendedor de Sonhos*, *Meu Avô Espanhol*, *Diário das Coincidências*, *Casa de Penhor*, *Caleidoscópio de Vidas*, *Aquela Água Toda*, além da obra *O Armazém do Sol* que fez parte por mais de um ano do meu projeto de pesquisa e *O Homem que Lia as Pessoas* que foi essencial para mim, é a obra que estou estudando atualmente e terei um trabalho prático a partir dela. A forma como as palavras são escritas nessas obras e tantas outras é como se filtrasse até o coração. Muitas obras me remetem a lembranças preciosas de nossa história. Agradeço imensamente a professora Luciana Leal que tanto me fez ver com profundidade essa beleza da literatura.

Por fim, deixo uma mensagem ao meu professor e amigo Francis de Lima Aguiar: obrigada, meu amigo, pelo tempo como professor e amigo e pelo período que estive na biblioteca, por ter me incentivado na leitura. O querido Francis separava livro a livro para que eu fizesse a leitura das obras e ficávamos tanto tempo falando sobre a leitura que fizera, ele sempre foi espetacular diante de todos os sentidos e eu sinto sua falta, mas deixou apenas admirações e muita motivação em minha vida.

E novamente sou grata, gratíssima a minha querida família, todos raros para mim, pois estiveram ao meu lado, transmitindo sentimentos especiais sempre.

E claro a minha amiga e professora, ela teve, tem e sempre terá a minha admiração, sou agraciada a Elisangela por ter segurado em minhas mãos, apoiado-me e mostrado que eu era capaz de sonhar ainda mais alto.

Por fim, buscarei cada vez mais a leitura, pois ela é a chave de muitas portas e não me refiro a portas físicas. Ressalto a minha verdadeira e profunda gratidão! Contudo, ser leitor é ver com outros olhos o que está escrito e levar para a nossa vida, para a nossa grandiosa história.

ATRAVESSANDO OS CAPÍTULOS DE MINHA HISTÓRIA

Andyeline Vicentes¹⁰

Desde pequena, meus pais sempre compraram livros e liam para mim. Eu adorava folheá-los e ver o que havia neles mesmo sem nem saber ler, hábito que amo e faço até hoje. Sempre que arrumo meu guarda-roupa e arrumo meus livros, folheio um por um com um grande carinho, relembando os tempos passados e os sentimentos de quando os li.

Sempre tive interesse em livros desde pequena por conta de meus pais, mas até meus onze anos não sentia muita atração por livros sem imagens. Porém, ao sair do Ensino Fundamental 1, as imagens foram sumindo dos livros, entretanto sempre tentava escolher um livro com imagens. Em meu colégio, na nossa atividade de leitura, deveríamos ler a cada trimestre um livro, escrever o máximo de informações contidas nele, como o número de páginas, autor e editora, elaborando um resumo ao concluir a leitura. Confesso que nem sempre lia integralmente todos os livros, mas sempre começava a ler. Nesse período, já lia muito os quadrinhos da *Turma da Mônica* também.

Porém, minha relação com livros sem imagens começou a mudar depois que fui na casa de uma amiga que tinha uma coleção de livros da Kiera Cass. Achei as capas muito bonitas e decidi começar a ler um intitulado *A Sereia* e foi aí que começou meu vício em leitura. Devorei o livro e logo pedi a minha amiga para me emprestar uma trilogia da mesma autora, chamada *A seleção*, da qual gostei ainda mais que do livro anterior, a ponto que, desde lá até os dias de hoje, já li este livro mais de três vezes. Guardo um carinho muito grande por ele, pois me fez viajar por realidades diatópicas, vivenciar romances, lutas e me sentir melhor ao estar me sentindo meio deslocada em meio a outras garotas de onze ou doze anos.

Além dessa autora, outra que me marcou foi a Paula Pimenta, escritora brasileira de romances e poemas, que hoje possui até filmes adaptados de seus livros. Eu devorava os livros dela, pegava emprestado da mãe de uma amiga e da biblioteca, a qual comecei a frequentar muito, pois tinha uma variedade de livros desses que me interessavam, além dos mangás da *Turma da Mônica Jovem*, dos quais comecei a gostar muito a partir de meus onze anos. Sempre que tinha curso de inglês visitava a biblioteca que ficava ao lado. Ela era grande e muito bonita. Eventualmente, minha escola nos levava até lá quando estávamos no Ensino Fundamental 1 para ouvir contação de histórias, as quais eu amava muito, pois, além do narrador, pessoas interpretavam os personagens e interagiam com objetos relacionados à história, dando a ilusão de que a história passava literalmente em frente aos nossos olhos.

¹⁰ Graduanda em Letras – Português/Inglês pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), campus de Paranavaí. Bolsista do PIBID, com atuação na área de Literatura e pesquisa. Professora de Produção de Texto no contraturno escolar e corretora de redações em colégio particular. Contato: <https://www.instagram.com/andyelinevicentes?igsh=YWtdj3FoZW8wNG9q>.

Após conhecer essas autoras, comecei a explorar mais romances, principalmente os romances românticos e os fantasiosos, deixando de ter esse pequeno preconceito em relação aos livros sem figuras. Posso dizer, contudo, que até os dias de hoje sou apaixonada por livros que possuem algumas ilustrações nele, embora já não ache que elas são necessárias para tornar o livro mais interessante. Além disso, comecei a ter um apreço muito maior por diversos livros, gostando muito de passear por livrarias e bibliotecas, analisar as capas dos livros, anotar livros que me chamavam a atenção, folheá-los, cheirar e me deixar imergir ao máximo nessa fantasia da leitura mesmo sem tê-la de fato iniciado.

Após diversas páginas percorridas e palavras que navegaram pelos meus olhos, o próximo marco na minha vida de leitora foi quando, aos meus doze anos, mudei de escola, comecei o meu oitavo ano em um colégio novo, o qual possuía uma disciplina que não havia na minha escola antiga: “Produção de Texto”. Ela era ministrada pelo professor Jeferson Bicudo, professor que é apaixonado pela literatura e sempre deixava isso claro em sala. Ele demonstrava o amor que tinha pelos livros e sabia também ensinar sobre diferentes textos e explorar a criatividade dos alunos. Ele conseguia mostrar aos alunos que neles havia muito mais do que eles realmente demonstravam, nos ensinou a expressar e a deixar nossa criatividade viajar, o que ajudou até mesmo a nos conhecermos melhor. Nessa época, a convivência com o professor me inspirou a querer ser uma autora, pois amava escrever nas aulas dele. Minha imaginação rolava solta e eu amava bolar histórias e tentar meu melhor. Escrevi poemas, narrativas, microcontos, cartas, redações e passei por diversos gêneros. Nesse contexto, todo ano eram trabalhados alguns livros escolhidos pelo professor, os quais me fizeram sair da zona do conforto. Adorei alguns deles. Além disso, trabalhávamos diferentes tipos de leituras, ora fazíamos uma leitura compartilhada, na qual o professor interpretava algum personagem e pedia para algum aluno ser outro, ora líamos sozinhos em aula até determinado ponto. Mesmo que o livro fosse cobrado em prova, não sentia como se estivesse lendo por obrigação. Eu amava estas aulas e amava a leitura, por meio da qual descobria novas histórias, contextos, mundos ou universos. Foi nas aulas dele também que li pela primeira vez uma peça: *A megera domada*, de Shakespeare, que foi eleita como o livro favorito dos alunos quando eu estava no oitavo ano. Ademais, ele também promovia discussões e debates fazendo-nos trabalhar em nossos pensamentos críticos, nos ajudando a expressá-los melhor. Também muitas vezes interpretávamos o que líamos por meio de teatros nos quais nos divertíamos muito.

Esse professor também realizava todo ano um concurso de poemas, concedendo medalhas para os classificados até o 3º lugar e certificados para todos que se destacaram. No nono ano conquistei o 3º lugar nesse concurso, o que me deixou muito contente, pois meu sonho era ser escritora e me esforçava quando ia escrever.

Ao chegar ao Ensino Médio, fui perdendo a vontade ou talvez a espe-

rança de ser uma escritora *best seller*, porém continuei assídua com a leitura. Apesar de não ter mais aulas com o meu antigo professor de Produção de Texto, comecei a ter Literatura e Redação, que não teve um impacto muito direto com a minha leitura, apesar de eu ter um grande apreço principalmente por literatura. Gostava de estudar sobre os períodos literários e descobrir a particularidade de cada um, além disso ouvir as histórias sobre cada época que minhas professoras contavam, diferentes gêneros surgindo e ressurgindo, as mudanças nas histórias e na época que afetava a literatura. Achei tudo muito interessante, pois assim conseguíamos descobrir ainda mais sobre diferentes livros e olhar de fora, pensando no contexto em que foi escrito e de que modo foi afetado pelas circunstâncias.

Por conta do amor que comecei a nutrir pela literatura e que sempre tive pela leitura, no segundo ano do Ensino Médio, decidi cursar Letras, pois assim eu poderia falar de algo que amava: ler. Poderia contar histórias e até mesmo viajar por nossa própria história e quem sabe fazer, assim como meus professores fizeram, os alunos se apaixonarem pela literatura e pela leitura, assistindo animados comigo e envolvidos em diferentes histórias, discutindo diferentes pontos de vista.

Chegando ao fim do meu Ensino Médio, já não tinha mais tanta certeza se seguia para Letras ou Artes, pois percebi que sempre nutri um amor pela arte desde a infância. Percebi, então, que até mesmo em Letras temos a arte, afinal, a literatura é uma arte, e considero nossa oratória também uma arte tão complexa, mas ao mesmo tempo tão criativa, visto que criamos o tempo todo novas palavras, gírias, expressões. Assim, analisando, após ter passado tanto para a faculdade de Artes quanto a de Letras, ambas de licenciatura, decidi permanecer em Letras, e com certeza, não me arrependo, pois aqui obtive oportunidades únicas de viajar por nossa língua, pela literatura e até mesmo para espaços físicos como museus.

Passei a ver as palavras, sons e nossa língua de formas diferentes. Compreendi que nossa língua não é resumida apenas a gramática, que é muito cobrada desde o Ensino Fundamental, porém, independentemente de estar de acordo com a norma culta ou não, ela pode nos revelar muito mais do que pensamos, embora muitas vezes não aprendamos isso na escola, e sejamos ignorantes para determinadas situações. Ao analisarmos os textos, mesmo os estudantes mais jovens, com um pequeno auxílio ou incentivo, conseguem perceber que há muito mais do que enxergamos pelas palavras utilizadas em um texto e o quanto o uso delas de determinadas formas tem poder. Além disso, já no primeiro ano, na graduação em Letras, em Estudos Literários, descobri que não existe apenas uma forma correta de analisar um poema, que cada pessoa pode ter uma ideia do que nele está expresso, apenas tendo que provar ser coeso com o que está escrito nele.

Seguindo para o segundo ano da minha graduação, continuei algumas matérias e comecei novas, como a de Literatura Infantojuvenil, ministrada pela professora Luciana Ferreira Leal, que teve um grande impacto na

minha história como leitora e se tornou uma de minhas favoritas. Desde a primeira aula, estava ansiosa, já que sempre amei ler e amo histórias direcionadas para crianças e adolescentes. Eu me apaixonei pela matéria, na qual realizamos leitura de livros infantis e vimos que há muito mais do que apenas um livro “bobo” para crianças, mas que um livro verdadeiramente bom é que aquele que serve para qualquer idade, que te envolve e que você guarda um carinho por ele. Pude ver isso realizando a leitura, gostei muito de diferentes livros que li, os quais possuíam histórias divertidas, tocantes e ilustrações que impactavam na leitura.

Por meio dessa matéria, tive contato com diferentes gêneros e tipos de livros, além de conhecer mais da história dessa literatura direcionada às crianças. Nessa matéria, novamente me apaixonei pelos contos de fadas, mesmo os mais sombrios. Ademais, expandi minha leitura, tive pela primeira vez o contato com livro de poemas infantis, sendo que muitos eram divertidos e tocantes. Li e tive contato com livros que provavelmente nem chegaria a conhecer se não fosse pela matéria, livros com um conteúdo inesquecível, que são interessantes, fluidos e formam leitores de todas as idades, inclusive contribuindo imensamente em minha formação, pois, mesmo que eu já fosse leitora, minhas leituras tinham foco em apenas um nicho, um estilo ou gênero, porém, com esse contato com diferentes tipos e formas de texto, vi que muitos outros livros me agradam, mesmo não se tratando dos meus gêneros favoritos. Aprendi que, além de tudo, a leitura nos humaniza e nos torna mais críticos e que temos de sair de nossa zona de conforto, pois normalmente os locais mais fáceis de encontrar ouro são os nunca explorados.

Por fim, consigo ver que por meio de minhas aulas me tornei também uma leitora mais crítica, conseguindo enxergar mais do que antes por trás das palavras e ver o que considero a boa literatura, sendo uma que humaniza e nos faz enxergar muito do que ignoramos em nossa realidade. Entendi que nem sempre precisa haver um ensinamento, mas com certeza cada leitura terá algo para acrescentar em você e a cada leitura você muda. Os livros e a leitura têm um grande poder sobre as pessoas, porém é necessário que primeiramente ela se torne leitora e entenda o prazer que é viajar e trazer consigo uma bela lembrança em sua memória de cada viagem.

COMO OS FILMES ME LEVARAM AOS LIVROS

Brenda Raquel Soares¹¹

Início de Tudo

Desde pequena, nunca tive uma relação muito próxima com os livros. A leitura para mim, parecia algo distante, algo que não despertava o interesse que via em outras atividades. Lembro-me de como, na escola, as crianças devoravam histórias, enquanto eu me sentava, mais relutante do que entusiasmada, esperando que as páginas passassem o mais rápido possível. Sempre fui uma grande admiradora dos filmes. Desde pequena, sentia-me encantada pela forma como as narrativas ganhavam vida na tela, com personagens, cenários e emoções. Era como se, ao assistir uma produção de cinema, eu já estivesse vivenciando toda a história sem nem precisar abrir um livro. Por muito tempo, foi assim que eu “conhecia” as histórias que os livros contavam.

A adaptação cinematográfica muitas vezes me fornecia todos os detalhes necessários para entender a trama, e eu me sentia satisfeita por já saber o desenrolar da história. Era comum, para mim, saber de cor o enredo de vários livros apenas porque tinha assistido às suas versões cinematográficas. Muitas vezes, quando alguém falava sobre um livro, eu já conseguia participar da conversa com base no que tinha visto na grande tela. O problema é que, embora isso me desse uma noção geral da história, eu acabava perdendo a riqueza dos detalhes, das emoções e das interpretações pessoais que só um livro pode oferecer.

Essa relação entre filmes e livros foi confortável para mim durante muito tempo, pois, de alguma forma, eu sentia que estava “entendendo” as histórias sem o esforço da leitura. Porém, à medida que comecei a me aprofundar nos livros de fato, como foi o caso de *A Parte Que Falta*, percebi que havia muito mais para descobrir do que as adaptações cinematográficas poderiam mostrar. As obras fílmicas, por mais maravilhosas que sejam, são sempre uma versão condensada, enquanto os livros têm a capacidade de nos fazer mergulhar completamente no universo da história, oferecendo experiências que os filmes não conseguem capturar completamente. Isso me fez perceber o quanto eu estava deixando de lado esses detalhes ao me limitar às adaptações. Foi então que a leitura realmente começou a ter um lugar especial na minha vida. Até que, em algum momento, meu primeiro livro, *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry, entrou na minha vida. Naquela época, foi um alívio, algo simples, com figuras e palavras que pareciam ter um toque de mágica. Mas, por mais encantada que eu tenha ficado com as aventuras do príncipe, não foi esse livro que acendeu a chama da leitura em mim.

¹¹ Brenda Raquel Soares é graduanda em Letras – Português/Inglês pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), Campus de Paranavaí. Participa do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), no qual desenvolve atividades voltadas à leitura e à literatura em sala de aula. E-mail para contato: brendaraquelsoares@gmail.com

Foi mais tarde, quando encontrei *A Parte Que Falta*, de Shel Silverstein, que algo realmente mudou. A primeira leitura foi leve, simples, mas ao mesmo tempo, mexeu comigo de uma forma que eu não conseguia entender. O livro fala sobre a busca, a falta, a tentativa de encontrar algo que nos complete. Ele é breve, mas carrega uma profundidade que, aos poucos, fui percebendo. A história do personagem que procura por uma parte de si mesmo, e a forma como isso reflete as inseguranças e as buscas que fazemos ao longo da vida, tocou-me de uma maneira que até hoje, sempre que revisito essas páginas, sinto como se algo novo fosse revelado.

Esse livro foi o que realmente me aproximou da leitura. Ele me fez perceber que os livros podem ser muito mais do que palavras em uma página; podem ser companheiros, guias e, até espelhos. Depois de *A Parte Que Falta*, a leitura passou a ser mais do que uma obrigação escolar ou algo sem graça. Passou a ser um caminho para me entender melhor, para explorar o que há dentro de mim e do mundo ao meu redor, ainda assim, eu não possuía um amor pela leitura e nem a vontade de ler livros.

O PIBID na Minha Vida

O PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - foi uma experiência fundamental na minha formação acadêmica e prática docente. O programa oferece uma oportunidade para estudantes de licenciatura vivenciarem a prática de ensino ainda durante o curso, permite que tenhamos contato com escolas e com a realidade da sala de aula, além de nos proporcionar o desenvolvimento de atividades pedagógicas que contribuem diretamente para a nossa formação enquanto futuros professores.

Foi no PIBID que tive a chance de desenvolver e aplicar sequências didáticas voltadas à promoção da leitura e da interpretação. Nesse contexto, pude perceber, de forma mais concreta, a importância da literatura no processo de aprendizagem. Ao planejar e executar essas atividades, percebi como as histórias podem ser ferramentas poderosas para engajar os alunos, estimular sua imaginação e, ao mesmo tempo, trabalhar questões de interpretação, reflexão e até mesmo de construção de valores.

As sequências didáticas, especialmente aquelas direcionadas à literatura infantojuvenil, me ajudaram a entender melhor a importância de apresentar diferentes gêneros literários aos alunos e como a leitura pode ser trabalhada de forma criativa, despertando o interesse e ampliando o repertório literário dos estudantes. Foi incrível perceber que, por meio de atividades e leituras, os alunos começaram a se envolver e a refletir sobre os textos, e como eles passaram a enxergar a leitura não apenas como uma tarefa escolar, mas como algo prazeroso e enriquecedor.

Minha relação com a leitura também foi profundamente transformada pelas literaturas que eu não conhecia, mas tive a oportunidade de conhecer e me aprofundar mais sobre os temas, fazendo diversas apresentações em seminários e outros eventos que a faculdade nos proporciona. Durante o

programa, tive a oportunidade de planejar e realizar sequências didáticas, e uma delas, em particular, me encantou de maneira especial: a sequência de Literatura Indígena.

Ao trabalhar com textos e histórias indígenas, fui desafiada a compreender uma perspectiva literária totalmente nova para mim, que até então eu pouco havia explorado. A literatura indígena não só ampliou meu olhar sobre os povos originários do Brasil, mas também me fez refletir sobre a importância de valorizar as diferentes culturas e histórias que compõem a identidade brasileira. A riqueza simbólica e a profundidade das narrativas indígenas, que frequentemente envolvem mitos, lendas e a conexão com a natureza, trouxeram à tona aspectos da literatura que eu ainda não havia experimentado.

Nesse percurso, os autores Daniel Munduruku e Ely Macuxi desempenharam um papel fundamental na minha formação como leitora da literatura indígena. Munduruku, com sua escrita vibrante e suas histórias que transitam entre o mito e a realidade, ajudou a aprofundar meu entendimento sobre a cosmovisão indígena e sobre a importância da preservação das tradições orais. Seus contos, como *Como Surgiram os Cães*, e diversos outros, me proporcionaram um mergulho profundo nas questões identitárias dos povos indígenas, suas culturas, crenças, lendas, além de me desafiar a repensar a construção da história e da memória dentro de uma perspectiva indígena.

Já Ely Macuxi, com suas obras como *Ipaty: O Curumin da Selva*, trouxe-me uma visão rica da literatura indígena contemporânea. Sua escrita, que mescla a tradição e a modernidade, permite que o leitor compreenda a vivência de um povo indígena de forma sensível e impactante. A literatura de Macuxi me tocou não só pela sua beleza, mas pela sua capacidade de retratar com delicadeza e respeito as questões sociais, culturais e ambientais que afetam os povos indígenas no Brasil.

Esses autores não só me ajudaram a compreender melhor a literatura indígena, mas também me proporcionaram uma reflexão crítica sobre o papel da educação e da literatura na promoção da diversidade cultural e da valorização das culturas indígenas. A experiência com esses textos foi extremamente enriquecedora, não só em termos acadêmicos, mas também no meu processo pessoal de reconhecimento da importância de dar visibilidade às vozes indígenas. A riqueza simbólica e a profundidade das narrativas indígenas, que frequentemente envolvem mitos, lendas e a conexão com a natureza, trouxeram à tona aspectos da literatura que eu ainda não havia experimentado.

Os alunos, ao entrarem em contato com esses textos, também demonstraram grande interesse e curiosidade. A leitura das histórias, muitas vezes acompanhada de debates sobre as tradições indígenas e o respeito por essas culturas, foi uma maneira de ampliar o horizonte deles, permitindo que percebessem o valor dessas narrativas para além dos livros didáticos convencionais. A experiência com a literatura indígena no PIBID foi, para mim,

uma revelação sobre o poder da leitura em conectar diferentes realidades e, ao mesmo tempo, valorizar as vozes daqueles que muitas vezes são silenciados na literatura tradicional.

Essa vivência me fez perceber, mais uma vez, como a leitura é uma ferramenta poderosa para despertar a consciência crítica e a empatia. A literatura, quando bem utilizada no contexto educacional, é capaz de criar uma ponte entre diferentes mundos, oferecendo aos alunos não só o conhecimento, mas também a possibilidade de reflexão sobre o que é representado nas histórias e como elas se conectam com a realidade deles. O contato com a literatura indígena, com suas múltiplas camadas de significado, foi uma das experiências mais enriquecedoras que vivi como futura educadora e como leitora.

O encontro com esses textos e a realização de atividades dentro da sala de aula me fizeram perceber que a leitura não é algo isolado ou restrito a uma atividade acadêmica. Ela é uma ferramenta essencial para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social dos alunos. Além disso, ao aplicar essas sequências didáticas, entendi o quanto o papel do professor é importante para fomentar o gosto pela leitura e criar um ambiente onde os alunos sintam-se estimulados a explorar os livros de forma crítica e prazerosa.

Essa vivência no PIBID foi, sem dúvida, uma experiência transformadora. Ela não só fortaleceu minha compreensão sobre a importância da leitura, mas também me ajudou a perceber como a literatura pode ser usada de maneira prática e significativa no ensino. Esse aprendizado me acompanhou e continua orientando a minha formação docente como educadora e minha paixão por transmitir o amor pela leitura para os outros.

A Faculdade e a Literatura Infantojuvenil

A faculdade é, sem dúvida, uma fase de muitas descobertas, e a disciplina de Literatura Infantojuvenil, ministrada pela professora e doutora Luciana Ferreira Leal, teve um papel fundamental nesse processo. Ao longo do curso, eu comecei a olhar para a literatura de uma maneira muito diferente daquela que tinha quando era criança. A professora Luciana trouxe uma visão profunda sobre o universo literário voltado para o público infantojuvenil, com um enfoque especial nos contos de fadas, o que me fez enxergar esses textos sob uma nova perspectiva.

Quando pequena, eu sempre tive uma ideia limitada sobre os contos de fadas. Cresci acreditando que histórias como *Cinderela* ou *Branca de Neve e os Sete Anões* haviam sido criadas pela Disney, sem perceber que essas narrativas eram bem mais antigas e que suas versões originais eram muito diferentes das versões encantadas e adaptadas que conhecia. Foi na disciplina de Literatura Infantojuvenil que eu soube que as histórias mais conhecidas, como as que envolvem príncipes, princesas e feitiçarias, haviam sido recriadas e popularizadas pelos Irmãos Grimm, cujas versões eram muito mais sombrias e complexas do que aquelas que a Disney nos apresentava.

Descobrir que esses contos, na verdade, eram parte de uma tradição oral, cheia de simbolismos e significados profundos, foi algo que realmente me abriu os olhos. As histórias dos Irmãos Grimm, com sua violência implícita, suas lições de moral e seus elementos mais sombrios, eram um reflexo da sociedade e da época em que foram contadas. Isso foi um divisor de águas para mim, pois, ao aprender sobre essas versões originais, comecei a entender que os contos de fadas não são apenas histórias para crianças, mas que têm camadas de interpretação e significados que ultrapassam a visão superficial que se tem quando se olha para as adaptações modernas.

A professora Luciana Ferreira Leal fez com que eu refletisse sobre como as histórias infantis e juvenis podem ser um campo fértil para o estudo da cultura, da história e das transformações sociais ao longo do tempo. Eu comecei a perceber que, por trás de cada conto, há um contexto mais amplo, questões psicológicas e sociais sendo abordadas, e que as versões modernas não são apenas histórias encantadas, mas também transformações culturais que adaptam e suavizam as mensagens originais para um público diferente.

A partir dessa nova compreensão, minha visão sobre os contos de fadas se expandiu e comecei a valorizar ainda mais a literatura infantojuvenil como um todo, entendendo que ela é muito mais do que uma simples forma de entretenimento. Ela é uma ferramenta poderosa de reflexão sobre o mundo em que vivemos e, ao mesmo tempo, uma janela para o nosso próprio crescimento e entendimento pessoal.

Além dos contos de fadas, a faculdade me proporcionou uma outra grande descoberta literária. Durante as leituras obrigatórias, tive a oportunidade de explorar obras que marcaram minha formação como leitora, como *Quarto de Despejo* de Carolina Maria de Jesus e *Olhos D'Água*, de Conceição Evaristo. Esses livros, que retratam a realidade das periferias e das dificuldades de uma mulher negra e favelada, trouxeram uma perspectiva completamente nova sobre a literatura e suas funções sociais.

Quarto de Despejo, o diário de uma mulher que vive nas favelas de São Paulo, abriu meus olhos para as narrativas marginalizadas e a força das vozes que não costumam ser ouvidas nos espaços literários convencionais. A leitura dessa obra me fez refletir sobre a literatura como um instrumento de resistência e de denúncia social. Já *Olhos D'Água*, que traz uma escrita mais intimista e poética, continuou a me desafiar a olhar a literatura não apenas como uma forma de entretenimento, mas como uma ferramenta potente para entender a realidade e as complexidades do ser humano.

Esses livros, tanto os de literatura infantil quanto os mais voltados para a realidade social, ajudaram a expandir minha visão sobre a literatura, tornando-a uma linguagem mais plural, rica e capaz de refletir as múltiplas realidades que compõem a sociedade. Eles me ensinaram que a literatura vai além da ficção e do escapismo; ela pode ser um reflexo direto das condições sociais e um meio de transformação pessoal e coletiva.

Ao refletir sobre a minha trajetória literária, percebo o quanto a leitura foi se tornando uma parte essencial da minha formação pessoal e profissional. Se, no início, a leitura não fazia parte de meu cotidiano de maneira espontânea, com o tempo, ela foi se transformando em uma prática prazerosa e enriquecedora. A descoberta de obras significativas, como *O Pequeno Príncipe*, *A Parte Que Falta* de Shel Silverstein, e posteriormente os livros de Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo e Daniel Munduruku, foi fundamental para a construção da minha visão crítica sobre o mundo e sobre a literatura. Particularmente, foi a experiência na faculdade, com o aprendizado sobre a Literatura Infantojuvenil e a literatura indígena, que me proporcionou um olhar mais amplo sobre as narrativas que formam o nosso imaginário coletivo. Fiquei fascinada ao entender que contos de fadas como *Cinderela* e *Branca de Neve*, que eu acreditava serem criações da Disney, possuíam origens muito mais profundas, ligadas à tradição oral dos Irmãos Grimm. Mais ainda, a vivência no PIBID e as sequências didáticas, como as de Literatura Indígena, foram cruciais para que eu entendesse a relevância da literatura como ferramenta pedagógica e sua capacidade de conectar culturas e histórias diversas.

A literatura indígena, representada por autores como Daniel Munduruku e Ely Macuxi, ampliou minha visão sobre a literatura brasileira. Conhecer as obras de Munduruku, como *As Serpentes que Roubaram a Noite*, e o livro *Ipaty, o Curumim da Selva*, de Ely Macuxi, me proporcionou uma compreensão mais profunda da cosmovisão indígena e das questões que permeiam a vivência dos povos originários. Esses autores me ajudaram a reconhecer o quanto a literatura pode ser uma poderosa forma de resistência e um meio de dar voz aos que muitas vezes são silenciados. Além disso, os livros de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, com suas poderosas reflexões sociais e humanísticas, foram determinantes para que eu entendesse o papel da literatura na formação de leitores críticos e conscientes de seu papel na sociedade. As obras dessas autoras me mostraram que a literatura tem a capacidade de transformar realidades e de dar visibilidade a histórias e personagens que merecem ser reconhecidos e respeitados.

Em suma, a leitura se transformou de uma obrigação para um prazer, e com isso, minha jornada como leitora se entrelaçou com a minha formação acadêmica e pedagógica. O processo de construção da minha identidade como leitora foi permeado por descobertas literárias que expandiram meu entendimento sobre a cultura, a história e as diferentes formas de ver o mundo. A literatura deixou de ser algo distante para se tornar um reflexo da minha própria vivência e uma ponte para o entendimento de outras realidades.

Ademais, a experiência no PIBID e a realização de sequências didáticas me ajudaram a entender o impacto da literatura no ensino e a perceber que a leitura é uma ferramenta poderosa não apenas para adquirir conhecimento, mas também para formar cidadãos críticos, sensíveis e capazes de questionar e transformar a sociedade. Hoje, vejo a leitura como uma prática

que vai além da educação formal, que é capaz de tocar as pessoas de maneira profunda, influenciando suas percepções, emoções e visões de mundo.

Por fim, como futura educadora, sei da importância de incentivar a leitura de obras diversificadas, que contemplem a pluralidade de vozes e realidades que compõem a nossa sociedade. Espero poder compartilhar com meus futuros alunos a mesma paixão pela leitura que encontrei ao longo da minha própria jornada literária, despertando neles a curiosidade, a empatia e o desejo de explorar o vasto universo das palavras.

A FORMAÇÃO DA MINHA IDENTIDADE LEITORA

Fernanda Costa Delabiglia¹²

Minha Formação Inicial

Minha conexão com os livros se deu de forma tardia. Quando criança, morava em um sítio localizado no interior da cidade de Terra Rica, Paraná. Nesse período, eu gostava de fazer muitas coisas: brincar, correr com meus primos e irmãos e, de modo geral, aproveitar o tempo com as pessoas que tornavam meus dias mais alegres. Tudo era muito simples e, por morar longe da cidade, eu costumava usar minha criatividade para inventar brincadeiras e imaginar histórias, embora não houvesse muito contato com os livros.

Desde criança, sempre gostei de estudar e dificilmente faltava às aulas, pois considerava a escola um ambiente agradável, onde podia rever os amigos e me divertir. Lembro-me de um senhor que visitava a escola todos os anos vendendo kits com vários pequenos livros de histórias que já são bem conhecidas. Eu ficava encantada e sempre sentia vontade de comprá-los, embora nem sempre fosse possível. Ele também vendia livros de charadas e piadas, que faziam sucesso entre as crianças.

Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, meu contato com os livros infantis aumentou. A professora de Língua Portuguesa costumava nos levar à biblioteca para escolher um livro e realizar a leitura. No entanto, essas visitas quase sempre vinham acompanhadas de uma tarefa: preparar um seminário. Precisávamos ler o livro escolhido e, em uma data determinada pela professora, tínhamos que apresentar à turma o conteúdo da obra, suas temáticas e destacar os pontos da leitura que considerávamos mais interessantes. Esses momentos, para mim, eram bastante desafiadores. Eu era uma criança tímida e falar em público me deixava nervosa. Por isso, acabei associando a leitura a uma obrigação, algo que me causava ansiedade, e não a um momento de prazer ou descoberta.

Nos anos finais do Ensino Fundamental, minha trajetória de contato com os livros não foi muito diferente. Eu ainda não me sentia à vontade para ir à biblioteca e escolher uma obra por conta própria. Na verdade, eu não tinha muito conhecimento sobre autores ou gêneros literários que pudessem despertar meu interesse. Minhas leituras se resumiam às que eram solicitadas pela escola. Pelo que me recordo, não eram muitas. Assim, essa etapa foi marcada por um contato limitado com os livros, pois o interesse pela leitura, de fato, ainda não havia sido despertado em mim.

Foi apenas ao chegar no Ensino Médio que minha visão sobre a leitura começou a mudar. Nesse período, conheci novas pessoas e professores que

12 Acadêmica do 3º ano do curso de Letras – Português/Inglês pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), campus de Paranavaí. Durante a graduação, tem aprofundado os estudos sobre linguagem, literatura e ensino, o que tem contribuído significativamente para sua formação como futura professora. Atualmente, atua na Escola Municipal Armando João Bateloqui, no município de Guairaçá, onde tem a oportunidade de vivenciar a prática docente.

falavam sobre livros com entusiasmo, o que despertou minha curiosidade. Foi então que tive meu primeiro contato real com uma obra que li por completo: a trilogia *A Seleção*, da autora Kiera Cass. Li toda a saga pelo celular, em formato PDF, e mesmo com as dificuldades, consegui finalizar a leitura. Foi um momento marcante, uma conquista pessoal, pois pela primeira vez senti prazer em acompanhar uma história até o fim.

Ainda durante o Ensino Médio, ampliei um pouco mais meu repertório de leitura. Li obras como *O Pequeno Príncipe* e *Quando Nietzsche Chorou*, livros com temáticas bem diferentes, mas que me ajudaram a explorar novas formas de compreender a leitura. Nessa fase, eu ainda estava me descobrindo como leitora e não seguia critérios muito definidos na escolha dos livros, se algum amigo me recomendava uma obra, eu logo me interessava e me esforçava para lê-la.

Vale destacar que, durante o Ensino Médio, cursei Formação de Docentes, o que ampliou ainda mais meu contato com a literatura, especialmente com a literatura infantil. Foi nesse contexto que conheci e li obras como *Elmer, o elefante Xadrez*, *A Cesta de Dona Maricota* e *Chapeuzinho Amarelo*. Essas obras, embora simples e voltadas ao público infantil, foram fundamentais para minha formação como futura professora e também como leitora. Elas me ajudaram a compreender o poder das histórias na construção do imaginário infantil e na formação do gosto pela leitura desde cedo.

Ensino Superior e o Mundo Literário

Ao me formar no Ensino Médio, eu já tinha em mente qual curso desejava seguir e qual carreira profissional gostaria de construir. Escolhi cursar Letras e atualmente me encontro no terceiro ano da graduação. Ao ingressar no curso, deparei-me com uma realidade totalmente diferente de tudo o que havia vivido até então. No início, confesso que foi um grande desafio. As leituras teóricas, que agora faziam parte da rotina acadêmica, eram bem diferentes das poucas obras literárias com as quais eu havia tido contato. Textos densos e com uma linguagem muitas vezes difícil, exigiam atenção, interpretação e paciência. Lembro-me de sentir certa dificuldade em compreender as ideias de alguns teóricos e em acompanhar o ritmo das leituras propostas pelos professores. Porém, mesmo com dificuldade, esforçava-me para ler.

Na graduação, acredito que uma das partes mais importantes para minha formação como leitora foi a disciplina de Literatura Infantojuvenil, que cursei no segundo ano com a professora Luciana Ferreira Leal. O que mais me encantou nessa disciplina foi a forma como a professora transmitia prazer, alegria e entusiasmo ao falar sobre os livros que iríamos ler, seja naquele dia, seja ao longo de todo o bimestre. Era visível o amor que ela sentia pela leitura, e isso acabava nos contagiando. Foi por meio dessa vivência que comecei a perceber que a leitura não deve ser vista como um processo longo e cansativo, mas sim como uma experiência prazerosa, enriquecedora e essencial para a nossa formação pessoal e profissional.

Durante as aulas, tive a oportunidade de conhecer obras bastante distintas e com diversidade de temáticas. A professora nos mostrava que, mesmo em textos voltados para o público infantil, é possível encontrar reflexões profundas sobre a vida, os sentimentos e as relações humanas. Sem dúvida, essa disciplina representou um marco em minha trajetória leitora. Por meio dela, tive contato com os contos maravilhosos dos Irmãos Grimm e as fábulas de Esopo.

Além disso, foi também nessa disciplina que conheci, pela primeira vez, livros infantojuvenis da Literatura Afro-brasileira, que me apresentaram autores e autoras como Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus — nomes que marcaram profundamente a minha experiência com a literatura. Outro importante momento foi o contato com a Literatura Indígena, que até então, para mim, era algo desconhecido. Descobrir obras escritas por autores indígenas ampliou meu olhar sobre a literatura e sobre a diversidade cultural de nosso país. Essa experiência me fez perceber o quanto é essencial valorizar vozes e perspectivas que, muitas vezes, são silenciadas nos espaços de leitura escolar.

Porém, se eu pudesse escolher um momento que mais me marcou na disciplina de Literatura Infantojuvenil, certamente seria um dos últimos bimestres. Nesse período, a professora nos apresentou narrativas infantojuvenis mais longas, cuja leitura seria obrigatória. As leituras dessas obras eram realizadas, em sua maioria, durante as aulas, para que todos pudéssemos acompanhar juntos, compartilhando impressões e interpretações. Ao todo, foram mais de dez obras apresentadas a nós, entre as quais posso citar algumas: *Pobre corintiano careca*, *Por parte de pai*, *Antes que o mundo acabe*, *Sapato de salto*, *O fazedor de velhos*, *Lenora*, *Todos contra Dante* e *Para você eu conto*, entre outras.

Ao me deparar com toda essa lista de leituras, confesso que, a princípio, achei que não conseguiria acompanhar o ritmo, nem ler de todas as obras. Contudo, algo me surpreendeu profundamente: consegui realizar a leitura de todas as dez narrativas. Todas essas obras marcaram minha trajetória como leitora. Algumas possuíam temáticas mais leves e divertidas, enquanto outras abordavam questões mais sensíveis e profundas. No entanto, cada uma delas teve um papel importante, pois me levou a refletir sobre diferentes aspectos da vida humana como as relações humanas, os sentimentos e o autoconhecimento. Essas leituras não apenas ampliaram minha visão de mundo, mas também fortaleceram minha sensibilidade e capacidade de compreender o outro por meio da leitura. Foi nesse momento que percebi que a literatura é uma ferramenta essencial para todos.

O PIBID na Minha Formação Leitora

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) veio para impulsionar ainda mais minha formação leitora. Participar do programa tem sido uma experiência transformadora, pois me permite compreender a

leitura não apenas como um ato individual, mas também como uma ferramenta essencial no processo de ensino e aprendizagem. A vivência no PIBID me fez enxergar o papel da leitura de forma mais ampla e significativa. Ao acompanhar os alunos nas escolas e fazer a leitura de obras junto com eles, pude perceber o quanto a leitura tem o poder de despertar a curiosidade e promover reflexões.

Além disso, o programa ampliou meu repertório literário e metodológico, pois me levou a estudar diferentes gêneros e refletir sobre estratégias que tornem o ato de ler mais envolvente, tornando as sequências didáticas desenvolvidas mais prazerosas para os alunos. Cada planejamento, cada roda de leitura e cada conversa com os estudantes fortaleceu ainda mais minha identidade leitora, pois me vi constantemente em diálogo com os textos e com as experiências que eles despertavam em mim e nos outros.

No PIBID, tive a oportunidade de conhecer obras como *Casa de Penhor*, do autor João Anzanello Carrascoza, levando essa leitura para a sala de aula, compartilhando e discutindo a obra junto aos alunos. Essa experiência foi muito significativa, pois me permitiu refletir junto com eles e perceber diferentes interpretações e visões sobre o texto. Tais percepções, confesso, até então, eu mesma não havia tido. Tive ainda a oportunidade de ler *Olhos d'Água*, de Conceição Evaristo, uma obra que marcou profundamente minha trajetória como leitora. Trata-se de um texto intimista e sensível, que nos convida a enxergar e compreender múltiplas realidades. A escrita de Conceição Evaristo desperta empatia e reflexão, e me fez perceber o poder da literatura ao dar voz a experiências que muitas vezes são silenciadas.

Mais recentemente, pude ter contato novamente com obras da literatura indígena, como *Ay Kakyri Tama*, de Márcia Kambeba, e *A vida não é útil*, de Ailton Krenak. Essas leituras foram transformadoras, pois trazem uma visão de mundo diferente, mais conectada à natureza, à coletividade e à espiritualidade. São obras que nos convidam a repensar a forma como vivemos e nos relacionamos com o outro e com o planeta. Essas experiências proporcionadas pelo PIBID fortaleceram ainda mais minha formação leitora, permitindo-me compreender a leitura como um processo de construção coletiva e contínua, em que cada obra, cada discussão e cada troca de ideias contribuem para nosso olhar sobre o mundo.

Ao revisitar toda a minha trajetória leitora, percebo o quanto cada etapa foi essencial para a formação da leitora. Desde o contato tímido com os primeiros livros da infância até as leituras mais densas e reflexivas da graduação, cada experiência contribuiu para construir o meu olhar de forma sensível e crítica diante dos textos e do mundo. A leitura, que antes parecia uma obrigação, transformou-se em uma prática de prazer, descoberta e autoconhecimento. As experiências vividas ao longo da graduação, especialmente na disciplina de Literatura Infantojuvenil e no PIBID, tiveram papel fundamental nesse processo. Por meio dessas obras, aprendi a reconhecer diferentes vozes, culturas e realidades, ampliando minha percepção sobre a importância da literatura na formação humana e social.

Hoje, entendo que ser leitora vai muito além de decifrar palavras: é mergulhar em histórias, refletir sobre a vida e transformar o olhar sobre o mundo. A literatura me tornou uma pessoa mais sensível, mais crítica e, acima de tudo, mais humana. Descobri que, por meio da leitura, é possível viajar para diferentes tempos e lugares, conhecer outras realidades e compreender sentimentos que, muitas vezes, nem sabíamos nomear. Ser leitora é, portanto, um exercício constante de empatia e descoberta. A leitura me permite, assim, enxergar o mundo com mais profundidade, reconhecendo nas entrelinhas as vozes que compõem a diversidade humana, vozes essas que inspiram, questionam e provocam mudanças.

TRAJETÓRIA LITERÁRIA: AS NUANCES DE UMA JORNADA LITERÁRIA INTERMINADA

Gabriel Bispo¹³

Trajeto e trajetória são palavras que, embora pareçam similares, carregam significados distintos. Segundo Cunha (2009, p. 522), a palavra “trajeto” refere-se ao caminho que se há de percorrer, ao percurso físico ou simbólico que se é possível fazer em direção a algum objetivo. Já o vocábulo “trajetória” remete à ideia de um movimento contínuo, de uma linha de desenvolvimento, de um caminho que se constrói ao longo do tempo.

Neste panorama, o conceito de *trajeto* pode ser entendido como o caminho inicial percorrido por um leitor ao se deparar com a leitura, o início da exploração literária. Esse trajeto pode ser repleto de escolhas conscientes ou não. O trajeto literário é, nesse caso, o percurso inicial, no qual o leitor busca, explora e experimenta, muitas vezes, movido pela curiosidade ou pela necessidade. Ao longo desse trajeto, o leitor pode se deparar com textos mais simples, que funcionam como introdução ao universo literário. Em resumo, o trajeto está feito, é um caminho que pode ser observado ao longe, como se fosse, de fato, uma porta aberta esperando que o leitor entre.

Por outro lado, a *trajetória* literária refere-se a um movimento mais amplo e contínuo, à evolução da relação do leitor com a leitura. É um processo que se desenvolve com o tempo, marcado por uma constante ampliação do repertório literário e por transformações nas escolhas e nas formas de interpretação dos textos. À medida que o leitor se aprofunda na leitura, sua trajetória se diversifica, incorporando uma variedade de gêneros, estilos e autores. Essa trajetória pode ser cheia de descobertas e reinterpretações, com momentos de reflexão e aprendizado que acompanham o crescimento pessoal. Desse modo, a trajetória é o caminho pelo qual o leitor passou para se tornar leitor, pois, por mais que o trajeto, como dito, está pronto, cada leitor é idiossincrático em sua formação, e suas peculiaridades serão ditas pela sua trajetória.

Em ambos os casos, porém, seja no trajeto ou na trajetória, o leitor é sempre convidado a percorrer um caminho que nunca é linear, mas sim cheio de desvios, descobertas e até mesmo dúvidas. A literatura, assim como a vida, é uma jornada de constante reconstrução, em que cada obra lida adicio-

13 Graduando em Letras – Português/Inglês pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), campus de Paranavaí. Atua como pesquisador em nível de Iniciação Científica na área de Linguística, com ênfase em Linguística Aplicada ao ensino de Língua Portuguesa, desenvolvendo estudos sobre práticas de análise linguística e metodologias de ensino. Possui experiência docente em instituição religiosa, atuando como mediador teológico.

Interessado na articulação entre teoria e prática pedagógica, busca aprimorar-se continuamente nas abordagens contemporâneas de ensino de língua e na reflexão sobre o papel da linguagem nos processos educativos. Tem como foco investigativo compreender de que modo a linguagem, por meio da interação entre autores e interlocutores, constrói sentidos e valores nos diversos enunciados que circulam nas práticas sociais dos diferentes campos de atuação da vida humana.

na camadas à experiência de quem lê. No entanto, a trajetória literária é mais do que um simples ato de leitura; é um processo de transformação e construção pessoal. Por meio dela, o leitor se conecta com diferentes mundos, realidades e formas de pensar, o que contribui para o seu crescimento não apenas como leitor, mas também como ser humano. Isto posto, tomo como base este conceito-chave para conceber este capítulo.

Para compreender meu percurso como leitor, é preciso considerar que ainda estou em tenra idade – 20 anos – e que tenho muito a vivenciar nesta peregrinação chamada “vida”. Como afirma o excerto do poema *Desenho* (1963), de Cecília Meireles: “Todos os dias estarás refazendo o teu desenho / Não te fatigues logo. Tens trabalho para toda a vida / E nem para o teu sepulcro terás a medida certa / Somos sempre um pouco menos do que pensávamos / Raramente, um pouco mais”. Essas palavras ilustram o caráter subjetivo e mutável da vida, e me permitem refletir sobre o caminho que percorri – e ainda percorro – como leitor. Assim como a vida, minha trajetória literária também é marcada por altos e baixos, por descobertas e aprendizagens constantes. Portanto, minha caminhada como leitor, caro interlocutor, é deveras semelhante à vida do excerto de *Desenho*. Sei que tenho trabalho para uma vida ainda, está cedo para me cansar. Sei que nada levarei para o sepulcro, tampouco minha lápide será bela e em medida certa. Mas algo aprendi: deixar um legado é mais do que deixar uma história para ser contada, é deixar uma história para ser inspirada por outros. Para organizar minha trajetória como leitor, decidi dividir o texto em três seções, a saber: o início de uma caminhada infinda; o meio da jornada, cujas descobertas se intensificaram; e o atual cenário da trajetória.

O Início de uma Jornada Infinda

Minha jornada como leitor começou na infância, um tempo em que a curiosidade era minha guia, afinal, qual criança não é curiosa? Lembro-me de ter lido *A Ilha Perdida* (1944), escrito por Maria José Dupré, e depois de algum tempo – na graduação –, e me identificado muito com a curiosidade das protagonistas. Desse modo, grande parte das crianças personificam essa personagem intensa e curiosa, e comigo não foi diferente. Desde muito cedo, me vi fascinado pelas histórias, adorava ouvi-las, ansiava pelas leituras em roda. Não sabia ler e, por vezes, nem entendia as histórias lidas, mas este universo, das letras, dos relatos, da contação, da reunião, da permuta, sempre me encheram os olhos.

Minha professora alfabetizadora, Cleia, amava contar essas narrativas a mim, tanto que me ensinou a contá-las. Desde cedo gostava de dar vida às palavras, lê-las de modo enfático, sobrepor uma personalidade aos signos combinados, dar ânimo ao inanimado. Alfabetizado fui à maneira clássica: B com A é = BA e etc., mas queria mesmo era contar histórias. Coisa boa é reunir o pessoal e contar, queria aprender a ler para contar, sempre tive este desejo. Quando enfim aprendi, não me seguravam: lia tudo. Placas nas ruas,

os avisos em postos de saúde (aqueles textos enormes que tratam de orientações para a saúde da população), lia tudo. Panfletos de mercado, jornais jogados no chão. Só queria ler. Na escola, toda vez que solicitavam um leitor na roda de leitura, eu me candidatava. Não suportava o silêncio de ninguém querer ler, era logo o primeiro a erguer o braço, acho até que se cansaram de me ouvir, mas eu não me cansei de falar, gostava de ler, gostava de contar.

Um tempo passou até que comecei a me identificar nas famosas histórias em quadrinhos (HQs), especialmente as de heróis, que me transportavam para mundos onde o impossível se tornava possível. As aventuras de personagens inventados por Stan Lee, como o Capitão América, Homem de Ferro, Homem-Aranha, entre outros, alimentaram minha imaginação e me instigaram a refletir sobre coragem, justiça, poder de transformação, lutas internas e externas, responsabilidade e os dilemas do bem e do mal. Não conhecia as epopeias gregas de Homero, como a *Ilíada* e a *Odisseia*, mas conhecendo-as hoje, devo a elas meu gosto pela leitura, afinal, elas deram origem aos gêneros heroicos que se têm hoje. As protagonistas, com superpoderes, enfrentavam desafios impossíveis e viviam aventuras épicas, sempre com um toque de fantasia que tornava tudo mais envolvente. A frase “com grandes poderes vem grandes responsabilidades” proferida pelo tio de Peter Parker (Homem-Aranha), Ben, antes de morrer, ecoava nas paredes brancas do meu quarto e me inspiravam a querer transformar o mundo, ajudar pessoas, o que refletia em minha vida social. Ora, das narrativas em quadrinhos, nasceu um jovem leitor que, atencioso, educado e sorridente saía todos os dias pela manhã a estudar com o desejo de sanar os problemas da comunidade. Era nesse universo repleto de cor e ação que comecei a entender o impacto das narrativas. As HQs, com suas ilustrações vibrantes e diálogos dinâmicos, abriram um espaço para a leitura, tornando-a algo envolvente e estimulante. Esse início pode parecer simples, mas foi a base de uma jornada que, ao longo dos anos, foi expandida para outros horizontes literários dos quais as HQs foram o primeiro espaço em que aprendi a lidar com narrativas e a enxergar o poder das histórias para refletir sobre o mundo real. Começou nas páginas das histórias em quadrinhos, mas não terminou nelas. Meu trajeto estava traçado, mergulhei nessa porta aberta.

O Meio da Caminhada: Descobertas que se Intensificaram

À medida que fui crescendo, minha leitura foi se diversificando. As histórias de heróis continuaram a me acompanhar, mas, aos poucos, passei a explorar novas formas de literatura. Comecei a me aventurar por livros que abordavam questões mais profundas e complexas, que me desafiavam a pensar além do óbvio. Foi nesse período que me deparei com o prazer da leitura da *Bíblia*.

O contato com o universo religioso foi novidade para mim. Sempre fui à igreja com meus pais, mas nunca me interessei. Porém, ao ler a *Bíblia*, me encantei com cada palavra, meu desejo por ler e viver o que cada persona-

gem bíblico viveu foi crescendo, isso aliado à minha fé Cristã que crescia à medida que conhecia mais Daquele que cria. Busquei por outras fontes, como o famoso livro altamente poético *O Peregrino* (1678), escrito pelo inglês John Bunyan, me fascinei. É poesia pura. Tive de reler, voltar páginas. Meu primeiro contato com a poesia. Achei difícil. Para além da literatura cristã, busquei romances como *O Mundo de Sofia* (1991), de Jostein Gaarder. Encantei-me com a leitura fluida e também difícil à época, mas gostava de ler. Chegava da escola à tarde e ia para o quarto ler. Fui – e este verbo está no pretérito perfeito, pois compreendo minha negligência quanto à leitura literária atualmente – um leitor assíduo. Novas formas de escrita me abriram portas para a reflexão sobre o ser humano e o mundo ao meu redor. Li *A Cabana* (2007) de William P. Young, romance que trata da aceitação do pai à uma morte brutal de sua filha. Mexeu com minhas emoções, tornei-me mais sensível ao olhar para o outro, afinal, a literatura é isso: é olhar para si, mas também olhar para o outro, colocar-se no lugar dele. Li *A Seleção* (2012) de Kiera Cass, romance que trata do amor de uma jovem pobre por um príncipe belo e rico, tornei-me mais romântico, lembro-me de usar frases do livro com meninas de que gostava – foi muito positivo, adquiri mais experiência amorosa. Em síntese, dos 10 aos 15 anos, minha experiência literária foi deveras ampliada, minha visão de leitura encontrou outros horizontes e me permitiu entender que a literatura é um terreno fértil para o autoconhecimento. Explorei camadas de mim mesmo que sem a literatura, jamais poderia acessar.

O Atual Cenário da Caminhada

Aos 17 anos, quando se tem a oportunidade de ingressar em uma universidade, escolhi cursar Letras. Confesso não ser minha primeira opção, meu sonho era ser piloto de avião, mas veja: um piloto precisa saber se comunicar bem, logo não estou fora de meu propósito – contém ironia. A verdade é que entendo que o curso há de me abrir outras portas, caso não queira docência. Sempre gostei de ler, de contar, de falar, de estabelecer vínculos comunicativos, de construir pontes entre mim e os demais e penso que essa minha singularidade me fez optar pelo curso em cuja grade curricular possui mais de dez disciplinas de literatura, curioso? Não acho, encontrei-me com um teórico, por nome Bakhtin que defende a literatura como: “um meio pelo qual diferentes vozes e perspectivas se encontram, promovendo um diálogo contínuo entre os autores, os personagens e os leitores. A literatura tem o poder de conectar indivíduos de diferentes contextos, permitindo o entendimento e a reflexão sobre a diversidade humana” (Bakhtin/Volochinov, [1929] 2017, p. 271).

Ora, somente a literatura pode ter me dado a ânsia por construir pontes! Não há outra explicação. Estar neste curso, encontrar-me com teorias mais aprofundadas sobre a literatura me fez questionar se, porventura, esse não seria o curso ideal para mim. A resposta: somente minha trajetória poderá lhes confirmar.

Hoje, com 20 anos, estou em uma fase mais madura de minha jornada literária. Li obras machadianas, obras bonjanguianas, contos de Carrascoza, irmãos Grimm, Chimamanda, entre outros, mas ainda reconheço que a estrada é longa. Minhas escolhas de leitura continuam sendo guiadas por um desejo incessante de explorar o mundo através das palavras, todavia, agora orientadas por profissionais na área, a saber, Profa. Luciana Ferreira Leal, na disciplina de Literatura Infanto-Juvenil; Profa. Fernanda Sasso Curanishi, em Estudos Literários e Prof. Bruno Ciavolella, em Linguística Aplicada. Pessoas que, com suas trajetórias pessoais, acadêmicas e profissionais, inspiram-me a ser um leitor mais rigoroso e atencioso a títulos e obra literárias de qualidade e que contribuam não só para minha formação, mas para me ensinar a formar outros leitores assim como fui formado pela Prof. Cleia, no passado.

Ao olhar para trás, vejo o quanto minha trajetória como leitor foi moldada por cada livro lido, cada história que me tocou e cada reflexão gerada. A cada página virada, sinto-me mais consciente de que minha jornada está apenas começando. E, como nos versos de Cecília Meireles, a caminhada não terá fim – ela será sempre renovada, com novos desenhos e novos desafios.

Referências

BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Tradução: BEZERRA, P. São Paulo: Martins Fontes, 2011[1979], p. 261-306.

CUNHA, A. G. **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa**. 2ª ed. ver. e ampl. de acordo com a nova ortografia. Rio de Janeiro: Lexikon, 2009.

MEIRELES, Cecília. O desenho. In: **O estudante empírico**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

A LITERATURA COMO UM UNIVERSO EM CONSTANTE EXPANSÃO

Geovana Santos Oliveira¹⁴

De certo, a vida é o escrever de uma história, própria e particular e simultaneamente pública e influenciável pelo espaço que ocupamos, pessoas com quem convivemos e o contexto em que estamos inseridos. A história da vida tem seu início a partir do momento em que chegamos ao mundo, e tudo o que vivenciamos após esse momento tornam-se linhas tecidas habilmente pelas nossas experiências e aprendizados, grandes ou pequenos. A vida, assim como a literatura, é a arte de extrair o melhor e o pior do ser humano, mostrar as nuances de seus sentimentos, os altos e baixos da humanidade e o subjetivo de sua psique.

Podemos compreender, então, que todos estamos sujeitos à literatura enquanto parte que nos pertence, mesmo sem termos total ciência de sua influência em nossas vidas; é uma questão a ser descoberta na jornada particular de cada um ao escrever sua própria história. O contato com a arte literária torna o tecer da vida mais belo e complexo, expande e transforma nosso universo particular, adicionando novas camadas de conhecimento, metamorfoseando a vida daquele que usufrui da literatura.

Minha história com a literatura inicia-se cedo, na capital de São Paulo, onde nasci e vivi até os cinco anos com a minha família. Inicia-se com as histórias e canções de minha mãe – minha primeira professora – antes de dormir, as leituras dos livros presenteados pelo meu pai – um leitor casual – e as histórias criadas em meus momentos a sós – como filha única até os quatro anos –, oriundas de uma imaginação que apenas uma criança curiosa e contemplativa é capaz de ter. O tornar-se leitora então ocorre cedo, graças às contações de histórias feitas pelos meus pais e avós e à pré-alfabetização feita por minha mãe, e ganha novos ares e novos interesses ao ingressar à escola e, posteriormente, à universidade, onde ainda me encontro, buscando compreender melhor a arte da literatura e suas variadas formas de expandir universos.

Procuo criar uma linha temporal cronológica sobre esta trajetória, destacando os marcos importantes da minha história com a literatura, minhas referências pessoais e as expectativas para um futuro profissional e acadêmico que inclua a arte da literatura como uma parte essencial desse processo.

14 Acadêmica do curso de Graduação em Letras – Português/Inglês pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), onde atua como bolsista no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBD) no período de 2024 a 2026 e no Programa de Bolsa de Incentivo à Produção Artístico-Cultural (BIPAC), em 2025. Nesse programa, desenvolve um projeto como escritora e ilustradora de um livro infantil. Possui formação técnica integrada ao Ensino Médio em Formação Docente (2021) e, atualmente, aplica essa formação de maneira prática em estágio, atuando como auxiliar pedagógica. E-mail: cgmf.geovana@gmail.com

A Descoberta de um Novo Mundo Escrito

Uma memória vívida e nostálgica na maior parte dos leitores é o ponto de partida: o primeiro livro. O livro que você entende como algo mais que um aglomerado de papel costurado ou colado, mas como um baú repleto de tesouros escritos em palavras. Vindo de um lar cristão, minha primeira memória de um livro vem de uma Bíblia ilustrada, presente dos meus pais, que liam as histórias para mim sempre que podiam. A leitura nunca foi algo prazeroso para minha mãe, que era quem as regia na maioria das vezes, mas era um esforço que ela buscava fazer, para que esse interesse fosse cultivado em mim. Como ex-aluna do magistério (atual formação docentes), ela entendia a necessidade desse incentivo. Para além da leitura, minha mãe sempre motivou minha criatividade a ir além, inventando finais para os livros, criando histórias e músicas e incentivando meu lado artístico de todas as formas que lhe fossem possíveis, tanto para mim, quanto para minha irmã posteriormente. Meu pai era quem me presenteava com a maioria dos livros e sempre que podia também fazia a leitura deles, fazendo-me emergir em suas páginas por meio das histórias e de suas ilustrações.

Os desenhos e pinturas sempre me fascinaram, sendo a arte plástica meu primeiro interesse e paixão, que passou a ser acompanhada pela literatura posteriormente, quando meus livros passaram a ter temáticas mais diversas. O conjunto de ilustração e história – presente na maioria dos livros infantis – é até hoje algo que me fascina; a forma com que se complementam e intensificam um ao outro é um de um patamar artístico superior, sendo até mesmo a própria ilustração capaz de contar uma história, transmitindo emoções, sentimentos e visões de mundo ao leitor, demonstrando a magnificência do poder da literatura de dizer tudo, mesmo sem ter por escrito nenhuma palavra.

Com a vinda para Paranavaí e o ingresso no Ensino Fundamental I na Escola Municipal Getúlio Vargas, surge uma nova perspectiva da literatura com a forma de contar histórias da professora, que se difere da forma de contar histórias de minha mãe. A entonação da professora era diferente, assim como a forma de ler as histórias que se restringiam a um único fim. Já pré-alfabetizada por minha mãe, a apreensão da leitura foi um processo tecnicamente fácil, e com poucos amigos, a leitura se tornou uma excelente companhia, especialmente nos dias de empréstimo – sempre às sextas-feiras –, quando íamos à pequena e restrita biblioteca. Os livros disponibilizados eram simples em sua maioria – aqueles com quatro páginas e história extremamente resumida –, já que livros mais elaborados não ficavam à disposição dos alunos. Ainda assim, as leituras foram transformadoras e imersivas o suficiente para que a imaginação prosperasse ainda mais, ampliando meu próprio universo de conhecimentos. Livros da *Coleção Gato e Rato* (1998); as clássicas fábulas de Esopo e outras como *A Galinha Ruiva* de Elza Fiúza (1997); contos de fada como *Chapeuzinho vermelho*, João e o pé de feijão, *O patinho feio*, *O soldadinho de chumbo* e *A princesa e a ervilha*; *Menina bonita*

do laço de fita (1986) de Ana Maria Machado e *Chapeuzinho Amarelo* (1970) de Chico Buarque, são alguns dos diversos títulos que marcaram essa fase de descoberta da leitura na escola, mas não se restringiu apenas ao ambiente educacional.

Durante seu trabalho como pedreiro, meu pai ganhou uma coleção de seis livros de histórias clássicas de contos de fadas da antiga Editora Siciliano – definitivamente a edição mais linda que eu já tive conhecimento – e estes livros tornaram-se uma nova paixão, tanto para mim quanto para minha irmã. As histórias – o mais fiel o possível a suas versões originais – ornavam perfeitamente com as ilustrações, transportando o leitor ao mundo mágico e medieval das narrativas, quase como se elas realmente existissem; de repente, eu era capaz de sentir o gosto do mingau do bebê urso degustado por Cachinhos Dourados e o incômodo da princesa ao se deitar sobre cem colchões e sentir a ervilha debaixo de todos eles. Esses livros trouxeram as encenações ao patamar das brincadeiras favoritas entre mim, minha irmã e primos durante as longas tardes após a escola, e sob o papel de narradora desses teatros improvisados, surge a vontade de escrever minhas próprias histórias. O desenvolvimento como desenhista foi fundamental para a imaginação de minhas primeiras narrativas. Imaginar não era o suficiente, era preciso transpassar as milhares de ideias para o papel, e antes de qualquer descrição ou esboço escrito, desenhar era ótimo para concretizar o que eu queria escrever, mesmo que nada muito grandioso e memorável tenha saído dessas primeiras tentativas.

É então que tenho meus primeiros contatos com a poesia, com o poema *As Meninas* (1964) de Cecília Meireles, encenado em uma das apresentações da escola. Outras também são mencionadas durante as aulas, poucas, mas nunca de uma forma tão efetiva e memorável, não sendo considerada uma necessidade essencial pelos componentes curriculares da época – realidade não muito diferente da atual. Com maior prática na leitura, os gibis passaram a fazer parte do vasto cardápio de histórias, e me aventuro com a *Turma da Mônica* de Maurício de Souza e *O menino Maluquinho* de Ziraldo, disponibilizados para as turmas mais velhas da escola.

O ingresso no Ensino Fundamental II no Colégio Estadual Professor Bento Munhoz da Rocha Neto (Unidade Polo) traz novamente a mudança do tipo de literatura consumida. Restrita até então à leitura de gibis e a outros gêneros populares da época, como *O diário de um banana* (2010) de Jeff Kinney e o *Querido diário otário* (2004) de Jim Benton, o apego ao recurso visual impedia-me de avançar no desbravar literário. Um trabalho de Língua Portuguesa é o que muda essa restrição exclusiva, ao apresentar-me a coleção vaga-lume, em especial, *O caso da Borboleta Atíria* (1951) de Lúcia Machado de Almeida. Recordo-me de ler outros livros da série vaga-lume, mas nenhum me marcou tanto quanto o inebriante e fantástico suspense construído pela autora. A história ocorre em um jardim, o que diminui as nossas dimensões de espaço a se imaginar como leitores; além disso, sendo todos os personagens

insetos, somos levados a ter o tamanho da própria Atíria, com um mundo gigantesco ao nosso redor, e uma expansão de possibilidades.

É então que passo a buscar obras mais diversas, sobretudo, obras infantojuvenis com a fantasia em foco principal. E é por reconhecer o título *O Jardim Secreto* (1911) de um filme de mesmo nome (1993), que dou uma chance ao clássico da literatura infantojuvenil inglesa de Frances Hodgson Burnett, descobrindo que o livro é ainda melhor que o filme. Esse livro é responsável por acender uma consciência social, visto as falas preconceituosas das personagens que trazem estranhamento e desconforto. Anos depois, uma segunda leitura da obra traz um pensamento ainda mais crítico sobre ela, não deixando de contemplar sua beleza, mas trazendo uma visão mais madura, o que ocorre com a maioria das obras que datam um período histórico. Assim, não foi possível ter outro olhar ao me deparar com outro maravilhoso clássico da literatura infantojuvenil, dessa vez de Lucy Maud Montgomery. *Anne de Green Gables* (1908) tornou-se uma de minhas obras favoritas e não pude deixar de mergulhar por completo no inebriante universo de Montgomery em sua série de livros sobre a criativa e sonhadora Anne. Sendo um objeto de estudo particular, a série é instigante em sua cronologia e criatividade que cativam o público leitor – sendo eu mais uma de suas vítimas –, o cenário é encantador, imersivo e, durante a leitura, foram muitos os momentos em que me vi na aconchegante cidade de Avonlea, sob a perspectiva de Anne e sua criatividade.

A fantasia heroica fez-se presente com *Eragon* (2002) de Christopher Paolini e *Onde as árvores cantam* (2012) de Laura Gallego García, cujos mundos fantásticos e os conflitos políticos fascinaram e trouxeram-me novos entendimentos que tornaram meu universo de conhecimentos ainda mais amplo, fazendo-me buscar por conteúdos sociais, políticos e até mesmo filosóficos, enquanto meu interesse pelo fantástico aumentava. Foi, então, com a professora Edna Bezerra, que novos tipos de literatura passam a ser explorados, é quando conheço as obras de Machado de Assis e tenho ciência de sua genialidade através de contos como *A carteira* e *A cartomante*, apresentados como uma deleitosa experiência à alma. É a professora que instiga a leitura, apresentando-a como uma dádiva maravilhosa e transformadora.

Novas Percepções, Novas Literaturas Descobertas

Na transição para o Ensino Médio em 2018, junto às mudanças que o momento vivido possibilitou, passo a entender a literatura como algo a mais do que um mero prazer pessoal, mas sim como um ato político. Neste momento, obras como *Vidas secas* (1938) de Graciliano Ramos, *Dom Casmurro* (1899) de Machado de Assis e outros poucos contos e crônicas de célebres autores nacionais são abordados em sala de aula, essenciais para os vestibulares, mas escassos em comparação à magnitude e pluralidade de literaturas existentes. Sendo boa parte dessas obras lidas durante a pandemia, o proveito foi pouco, ainda mais pelo ensino ser técnico, o que, somado ao

contexto pandêmico, reduziu ainda mais as possibilidades de prática de leitura literária, que já eram poucas e supérfluas desde o Fundamental I, que se reduzia a uma ficha de dados e um desenho de seu momento favorito. Entretanto, a literatura nunca deixou de ser incentivada.

Com a conclusão do Ensino Médio e as incertezas quanto ao futuro, surge a oportunidade de cursar Letras na Universidade Estadual do Paraná (Unespar) campus de Paranavaí. Ser uma letróloga não era minha primeira opção, mas uma área de interesse que eu possuía graças a um interesse particular em encadernação e diagramação de livros. Todavia, devido a falta dos cursos que eu tinha como parâmetro para a construção de um futuro profissional, o curso de Letras veio a calhar como uma ponte para complementar e atingir meus objetivos e uma porta de entrada para um aprofundamento nos conhecimentos literários e editoriais. Logo nas primeiras semanas de curso houve uma identificação direta, especialmente com a área de literatura, devidamente incentivadas e abordadas pelas professoras Dras. Fernanda T. S. Curanishi e Luciana Ferreira Leal.

Foi graças à professora Luciana que houve a possibilidade de conhecer o PIBID de Letras, o programa de iniciação à docência que realiza sequências de literatura em colégios do município. O programa não apenas apresentou novas literaturas, diversas, essenciais e encantadoras aos alunos, mas também me apresentou esse novo conhecimento literário, tão rico e complexo, que abriu a oportunidade para diversas discussões relevantes dentro e fora de sala de aula. Somadas aos novos conhecimentos, novas concepções críticas foram formadas, sob as visões de mundo de teóricos da área como Edward M. Forster, Massaud Moisés, Octavio Paz e Rildo Cosson, que discorrem e interagem com a literatura que é apresentada sob percepções críticas, com práticas literárias eficientes, capazes de extrair o melhor de cada obra, em uma troca de entendimentos e percepções entre autor, livro e leitor.

Na disciplina de Literatura Infantojuvenil, ministrada pela professora Luciana, nós – os alunos – somos apresentados à história da literatura inicialmente voltada para esse público. Da mesma forma que são introduzidas diversas obras desconhecidas e excepcionais, e outras conhecidas que têm seus próprios universos expandidos e novas percepções criadas durante as aulas, que agem como um elemento catalisador sobre as variadas concepções criadas a respeito das literaturas lidas até o presente momento em toda a minha trajetória. Nenhum desses entendimentos são permanentes, todos têm a possibilidade da mudança, da expansão de horizontes e sentidos, e a literatura é um meio fundamental para esse propósito.

A Construção do Saber É Constante: O Universo Continua a se Expandir

A história da vida, que é particular de cada um, não se finda, permanece mesmo após a morte na memória dos que ficam, como fragmentos de

uma poesia antiga. Essa história é fortalecida pelo fato de que a literatura se faz presente no tecer de suas linhas, mostrando que o mundo ao qual pertencemos pode ser contemplado sob diversos pontos de vista. A literatura é uma ferramenta social de emancipação política, é capaz de abrir portas para mundos e realidades distintas que cativam os olhos e a mente, dando abertura para múltiplas interpretações e formas de expressões de seus elementos, ampliando e intensificando o viés artístico que a própria literatura por si só já possui.

A arte – visual e plástica – ainda é um interesse intrínseco a ser explorado, mas agora, de mãos dadas com a literatura, fará parte de todas novas percepções que se construirão durante minha formação acadêmica e profissional, se mesclando de forma a mostrar as magnitudes oriundas dessa junção artística. Apresentar a literatura como uma forma de arte válida e essencial em uma sociedade que desvaloriza a literatura, que não tem acesso ou que pelo menos se mostra seletiva quanto a ela, é um desafio a ser encarado como docente de Línguas e Literatura, mas que com uma abordagem orquestrada para esse fim e uma evidente e sincera demonstração de apreço pela literatura, pode mudar percepções e transformar alunos em leitores com universos inteiros para se descobrir.

LIVROS, SONHOS E DESTINO: A HISTÓRIA QUE COMEÇOU ANTES DE MIM

Júlia Lopes Pavão Martins¹⁵

Fui agraciada com o privilégio de nascer em uma família que acredita no poder da educação. Nem de perto uma família perfeita ou tradicional, mas uma família que soube me guiar pelo caminho até que eu pudesse ver, com os meus próprios olhos, o novo horizonte que a educação poderia me proporcionar. É essa fé na educação que fez e faz a semente do meu ser leitora. E vai além: é quem me fez ser quem sou, como um todo.

Apesar de ter uma mãe e avós amorosos e atenciosos, cresci brincando sozinha: minhas tardes eram ocupadas pelas bonecas, pelos filmes e por ouvir as conversas que a minha avó tinha com as amigas. Em resumo, eu estava sempre rodeada por histórias: as que criava, às que assistia e as que ouvia. Durante a minha primeira infância não me lembro de ter contato com os livros; certamente o tive na pré-escola, porém na minha memória se fixaram as histórias. Foram as histórias que me marcaram: a possibilidade de saber algo que eu não sabia antes. Minha primeira professora, a professora Rose, foi uma das responsáveis: me recordo com carinho de histórias contadas e encenadas por ela e a sua capacidade de nos envolver com os personagens e o enredo em todos os aspectos. Junto com ela, quase ao mesmo tempo, meu avô foi peça fundamental como semeador da minha curiosidade incessante. A gente sentava no carro dele, colocava um CD para tocar no rádio e ele, enquanto dirigia, me falava coisas como “escuta bem o que o cantor tá falando nessa parte”. Eu não tinha cinco anos ainda, e, com certeza, ele falava isso na esperança de que eu parasse de falar um pouco, mas me fez entender uma coisa: as palavras diziam mais do que seus significados, elas carregavam também os sentidos que dávamos a elas. Acho que foi a partir disso que me tornei uma curiosa assumida: queria saber sobre tudo e de tudo, entender e aprender me fascinavam.

A leitura entrou na minha vida, primeiramente, pela saudade. Minha mãe havia perdido uma coleção de livros que fizera parte de sua juventude e, em todos os momentos oportunos, recordava da coleção e de como eu gostaria de ler. Ler, então, tornou-se algo predestinado para mim: eu sabia que, em algum momento, eu me tornaria uma leitora. Aos dez anos, a professora Civani fazia seminários com a gente, e eu me lembro de ter lido alguns livros e de sentir muita raiva de quem tratava aquilo como “chatice”. Uma vez, peguei um livro só porque tinha um pavão na capa, e eu lembro de gostar

15 Formada no curso de Formação de Docentes, uma formação profissionalizante em nível técnico na área da pedagogia, e optou pela educação. Atualmente, é graduanda em Letras – Português/Inglês pela UNESPAR, campus de Paranavaí, professora do Ensino Fundamental e pesquisadora iniciante. Busca, todos os dias, recordar as palavras de Paulo Freire, para quem “a alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. Ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria” (1996).

tanto da história que ficava pensando “como alguém conseguiu criar algo tão divertido e diferente?”, e foi esse questionamento o meu primeiro impulso para procurar em outros livros histórias que alimentassem a minha curiosidade e que me permitissem conhecer outras realidades. A “eu leitora” nasceu, de fato, enquanto folheava um catálogo da Avon. Achei o título interessante, e meu avô me deu de presente *A culpa é das estrelas*, de John Green, foi o meu primeiro livro lido por querer. Acho que nunca vou esquecer da sensação de ter terminado o meu primeiro livro e, logo em seguida, começar a ler de novo. Por sorte, a professora Civani deixou eu fazer o seminário sobre ele. O meu amor pelos livros e pela literatura nasceu aí.

Depois daquele meu primeiro livro, em 2014, eu nunca mais parei. Minha família percebeu esse querer pela literatura, e todos os meus presentes se tornaram livros. Como ainda não tínhamos acesso à internet em casa, ler era a única saída que eu tinha do mundo real. Dos dez aos quatorze anos, a maioria das minhas lembranças é de ler e estar sempre acompanhada por um livro. Todos os livros de *Harry Potter*? Li em um mês e meio. *Crepúsculo*? Em um mês tinham acabado todos. Eu lia o que era possível, o que estava ali, nas bibliotecas. Lia o que me emprestaram e o que me davam. Porém, em nenhum momento, li com a escola. Por ler tanto, comecei a perceber que a minha compreensão de mundo e do texto ficou melhor. Então todas as vezes que alguma professora me elogiava, eu dizia: “Não é meu, eu apenas leio bastante” e elas concordavam. Se elas sabem que ler faz diferença, por que não incluíam nas aulas? Essa era a minha constante dúvida.

Hoje eu entendo a realidade do colégio público e entendo que elas faziam todo o possível, dentro da estrutura que lhes era oferecida, para lecionar boas aulas. Mas, naquela idade, esse questionamento foi o ponto-chave do meu desejo de ser professora. Levar os livros para a sala, fazer com que os alunos conhecessem mundos e realidades diferentes das suas próprias, contribuir, pelo menos um pouquinho, para mostrar as possibilidades que existem... Para mim, só a literatura seria capaz disso. Que bom que a minha família acolheu esse desejo, e que as boas professoras que tive puderam me transmitir o brilho no olhar que só quem é, de fato, um professor tem e entende.

Com a certeza, firme de que meu destino era ensinar e ensinar com os livros, escolhi cursar o Formação de Docentes (FD) no meu Ensino Médio. E acho que foi a melhor decisão da minha vida. Mas, como a maioria dos jovens brasileiros, precisei conciliar o colégio ao trabalho. E às vezes colégio e dois trabalhos. E às vezes colégio e dois trabalhos. Como o FD exigia um pouco mais e trabalhar me tirava muito do meu tempo, os livros foram sendo deixados de lado. Aos poucos e contra a minha vontade, não havia mais tempo para leitura e, quando havia, eu cochilava nas primeiras cinco páginas. O meu amor pela educação só crescia e, apesar de não me considerar mais uma leitora, o meu desejo de cursar Letras só se fortificava. E foi assim que no meu último ano de FD, encontrei aquela coleção perdida da minha mãe

nas prateleiras da biblioteca do colégio. E assim como a nossa vida caminha pelos trilhos certos e Clarice estava certa sobre não escaparmos dos nossos destinos, hoje escrevo esse texto sob os 31 livros vermelhos de capa dura que ouvi falar durante toda a minha infância. A coleção *Os Imortais da Literatura Universal* foi um presente que minha mãe ganhou quando adolescente de uma das patroas da minha avó.

E eu não sei se ela sabe, mas eu sei que foram esses livros que lhe apresentaram novas possibilidades e novos mundos, permitindo que ela sonhasse. Talvez a dureza da realidade não tenha contribuído para que esses sonhos ao menos fossem considerados, mas essa ânsia por voar que existe na minha mãe vive em mim também e é o combustível de todos os meus dias. Ler transformou minha mãe no âmagô e ver seus olhos brilhando quando cheguei em casa com os livros só me fez ter ainda mais certeza: possibilitar que outros se tornem leitores também deve ocupar os meus dias.

A aprovação no curso que eu tanto almejei e sonhei aconteceu em uma quarta-feira. Em março, as aulas começaram, e eu pude vivenciar um mundo que antes só existia nos meus sonhos. Não apenas eu, mas toda a minha família. Meus avós não tiveram a oportunidade de estudar: meu avô foi ajudar na fazenda aos doze anos, e minha avó começou a trabalhar como doméstica aos oito. Já mais velho, Vô Pavão fez o supletivo e, com um pouco mais de instrução, tornou-se leitor também. Hoje em dia, em quase todos os assuntos, ele diz: “Uma vez eu li um livro sobre isso”. Minha mãe estudou tudo o que teve oportunidade e se formou como técnica em contabilidade. Talvez ela não leia tanto quanto antes, mas há algo que ainda ama: as histórias. Fazer uma faculdade é carregar comigo e dentro de mim essas três pessoas que sempre fizeram das tripas coração para que eu pudesse seguir meus desejos e minhas paixões.

Na faculdade, eu me encontrei não na literatura, como imaginava, mas na Linguística, podendo unir minhas duas paixões: o ensino e a leitura. Hoje, minhas leituras são mais teóricas, e eu, que nunca me arrisquei como autora, agora escrevo sobre a ciência que pesquiso e produzo. Não vou mentir: ainda não leio como antes. Pode ser falta de tempo e um pouco de cansaço também. Mas a Júlia de 2014 ficaria orgulhosa e surpresa ao ver os lugares para onde a leitura me levou. Aliás, escrevo este texto às vésperas de entrar em uma escola pela primeira vez como professora de verdade.

Apesar de saber que hoje não sou a leitora que gostaria de ser, cursar a disciplina de Literatura Infantojuvenil me fez perceber que posso retomar o hábito da leitura e compreender os caminhos para formar leitores entre meus futuros alunos, como tanto almejo. A professora Luciana, ao nos imergir nos livros, fez com que eu voltasse a ser aquela menina que vivia para a leitura, reacendendo em mim a magia que, de alguma forma, eu havia esquecido.

Penso que meu caminho como leitora tem um pouco de encanto, um pouco de destino e um pouco de vontade. Não é um caminho raro ou surpreendente, mas é verdadeiro. Nada transforma mais do que a literatura! Só

ela permite vivenciar uma infinidade de vidas e realidades dentro da nossa existência finita. Que bom que encontrei a literatura e que ela me encontrou; foi ela que me permitiu sonhar e realizar meus sonhos. Espero ser uma professora que transmita essa magia aos meus alunos e que aquela criança curiosa e atenta aos livros e ao mundo, que ainda mora em mim, nunca cresça.

DA LEITURA AO MUNDO: LITERATURA INFANTIL COMO EXPERIÊNCIA FORMADORA

Letícia Lilian¹⁶

De acordo com Paulo Freire, “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, e essa afirmação reflete com precisão a minha vivência leitora. Antes de decifrar o código das páginas, eu já lia o mundo ao meu redor, suas cores, traços, sons e cheiros. Comecei a ler os códigos aos cinco anos, mas só aos oito me encantei com o significado que eles denotavam. Foi então que percebi como tudo isso, ao se juntar, podia transcender a página impressa e integrar-se à minha construção como pessoa, nos âmbitos social, pessoal, acadêmico e profissional.

Caro leitor, preciso admitir que tive uma sorte enorme que poucos têm e, por isso, contar sobre duas pessoas fundamentais na minha relação com a leitura: meus pais. Meu pai, Henrique, estudou até a 8ª série, e minha mãe, Luzia, até a 4ª série. Reconheço que as condições sociais e econômicas não são iguais para todos e foi justamente, por isso, que meus pais, apesar do desejo de continuar aprendendo, não puderam concluir seus estudos. Apesar disso, nunca deixaram de me mostrar o quanto aprender é valioso e como a educação é a forma mais justa que eu teria de escrever – ou reescrever – meus próprios caminhos.

Lembro-me de que, quando criança, minha mãe me ensinou a ler e a escrever em casa, na fazenda onde morávamos, antes mesmo de eu começar a frequentar a escola. Eu amava as tardes em que nos sentávamos juntas e juntávamos as letras para formar as sílabas, as sílabas, as palavras, e as palavras para construirmos significados. Aprender com minha mãe não acontecia apenas nas leituras e nas escritas, mas também acontecia na cozinha, entre panelas, tigelas e copos. Dois ovos, duas xícaras de farinha, um pouco de leite... ao fazermos um bolo juntas, colocávamos todos os conhecimentos em prática. E quando nos sentávamos para comer o bolo com leite e “Nescau”, era como se degustássemos também as letras e sílabas que tínhamos aprendido a juntar. O ato de ensinar, desde muito cedo, para mim significa afeto.

Meu pai sempre teve um jeito próprio de ensinar, mesmo que suas lições fossem mais ligadas aos números – um ensino pautado em exatas e na lógica – do que às palavras. Ele trabalhava o dia todo no campo, mas sempre encontrava tempo para me ensinar e me contar causos e histórias que passavam de geração em geração. Mesmo sem perceber, ele fazia literatura; não escrita, mas falada, e cada história carregava saberes, valores e um jeito único de ver e viver o mundo. É nesse contexto que se percebe a base comum do pensamento humano, pois, conforme Antonio Candido (1965, p.52),

¹⁶ Graduanda em Letras – Português/Inglês, Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR, Campus Paranavaí. E-mail: leticialilian45@gmail.com.

“No homem de hoje, perduram lado a lado o mágico e o lógico, fazendo ver que, ao menos sob este aspecto, as mentalidades de todos os homens têm a mesma base essencial”.

Assim, leitor, entre os anos de 2010 e 2015, quando eu ainda estava no Ensino Fundamental 1, chegavam às portas das escolas aquelas maletas cheias de livros e CDs, sabe? Adorávamos (digo no plural, pois represento a voz de boa parte das crianças desta geração, em que a leitura ainda era apreciada), e lembro que ficava ansiosa para receber o folhetim com o tema de cada maleta. Meus pais, sempre com muito carinho, compravam livros para mim, e eu os lia e relia. Eles passavam semanas ouvindo as mesmas histórias, com uma felicidade inigualável.

Se hoje sou quem sou e guardo a literatura no coração, foi porque essas duas pessoas, sob muito sol, luta e dedicação, me mostraram que cada palavra é um novo respiro que a vida nos dá. Na escola, leitor, não posso me esquecer da querida professora Noemi Oliveira da Costa, ou, como eu costumava chamá-la, “a bonita”. Foi ela quem ocupou um lugar especial na minha formação como leitora e me mostrou que a literatura não estava apenas nos livros, mas também nas coisas do dia a dia. Através dos seminários que ela pedia, me apaixonei ainda mais tanto pela literatura no papel quanto fora dele. Não se tratava apenas de obter uma boa nota, mas de relatar o que eu havia lido e compreendido. Eu gostava de absorver o conhecimento dos livros, processá-lo mentalmente e apresentá-lo aos outros de maneira diferente. Era a minha interpretação do mundo se unindo à interpretação da palavra com a leitura do texto. Cada explicação, cada conversa e cada olhar de incentivo dela me fazia perceber que ler e interpretar o mundo era algo dinâmico, que transcende o ambiente escolar. Ela me ensinou que as palavras são poderosas, que a imaginação pode mudar a realidade e que o amor pela leitura é uma luz que se acende quando alguém acredita em você.

Diversos autores passaram pela minha vida, mas um dos primeiros livros grandes que li foi Mafalda – *Toda Mafalda*, de Quino, com suas 444 páginas que nem cabiam na minha bolsa. Mesmo assim, isso não me fez desistir de levá-lo comigo. Leitor – ou, nesse ponto, já posso chamá-lo de amigo? Seria um clichê afirmar que Maurício de Souza também integrou essa jornada? Que assim seja, então. Embora hoje eu ame profundamente Machado de Assis, nenhuma criança brasileira nasce sendo seu leitor. Nossos primeiros encontros literários aconteceram com o Machado da nossa geração, o querido Maurício, que nos levou a mundos, risadas e aventuras que ficarão eternamente em nossas lembranças. Jeff Kinney também marcou minha pré-adolescência com a saga *Diário de um Banaína*, trazendo humor e identificação para aqueles anos de descobertas. Posteriormente, autores como Rick Riordan, que me conduziu a mundos de fantasia e mitologia, e Júlio Hermann, cujas obras me impactaram profundamente, ampliaram minha perspectiva e revelaram a variedade e a força da literatura, mesmo em momentos conturbados.

Na faculdade, tive a honra de ler grandes clássicos como Machado de Assis, Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles, William Shakespeare e George Orwell. Contudo, foi antes desses autores, ao explorar obras fora do cânone tradicional, que me tornei a leitora que sou hoje. Esses primeiros encontros, usualmente discretos, foram os responsáveis por despertar meu interesse pela leitura e moldar minha percepção, preparando-me para compreender e captar a relevância dos clássicos que viriam a seguir.

Muitos pensam que ser leitor é só se aprofundar nos clássicos, porém, como já disse, ninguém nasce lendo as obras canônicas que marcaram seu país ou sua geração. Primeiramente, somos atraídos por livros que chamam nossa atenção, e, no caso da literatura infantil, isso geralmente se dá por meio de capas coloridas e ilustradas. O conhecido ditado “não julgue um livro pela capa” não se aplica às crianças; ao contrário, é por meio dessas primeiras impressões que se desperta o interesse pela leitura. E, como uma criança leitora, corroboro essa ideia: o fascínio começa pelo olhar, e é dele que surge o prazer de se aprofundar nas histórias.

Desenvolver um repertório oral extenso desde cedo foi possível por meio da literatura em suas diversas formas, bem como pela atenção dedicada à leitura e compreensão de cada palavra nas páginas, além da identificação dos diferentes códigos presentes nos textos. Hoje, noto que a geração atual carece desse contato profundo com a literatura e a variedade de textos, já que ler é muito mais do que decodificar palavras: é uma atividade que vai além da simples compreensão e nutre a expressão. Pense, meu caro leitor, em como teria sido minha infância nos primeiros anos da alfabetização se eu não tivesse tido acesso a tantas culturas através dos livros — talvez minha linguagem não fosse tão ampla, nem minha imaginação tão fértil.

Quando declaro que a literatura perpassa a vida pessoal e se estende à vida acadêmica e profissional, não estou fazendo uma declaração vazia. Dentre as diversas experiências que ela me concedeu, saliento o convite da professora Luciana Ferreira Leal para integrar o projeto de extensão *Clube de Leitura João Anzanello Carrascoza*, que ainda incluía uma bolsa. Permaneci durante dois anos como bolsista e atualmente me encontro no mesmo como participante. Se o livro é uma porta para o conhecimento, o Clube Carrascoza foi a chave que me permitiu abri-la. Dentro desse ambiente, não só líamos os textos, como também aprendíamos a elucidar as entrelinhas da vida de cada pessoa, por meio das múltiplas interpretações de uma mesma obra. Nas palavras de Antonio Candido:

Toda obra é pessoal, única e insubstituível, na medida em que brota de uma confidência, um esforço de pensamento, um assomo de intuição, tornando-se uma “expressão”. A literatura, porém, é coletiva, na medida em que requer uma certa comunhão de meios expressivos (a palavra, a imagem), e mobiliza afinidades profundas que congregam os homens de um lugar e de um momento, para chegar a uma “comunicação” (Candido, 2021, p. 146).

Por meio do Clube, recebi o privilégio de interagir de forma direta com os literatos dos livros que lia. Lembro-me de ter um bate-papo com Heloísa Prieto, autora de *1001 Fantasma*, e de ouvir as observações de Daniel Galera, autor de *Barba ensopada de Sangue*. E, naturalmente, tive a honra de conhecer João Anzanello Carrascoza, o homenageado cujo nome o clube leva, e isso resultou em uma experiência ainda mais profunda e significativa.

O trabalho de João Anzanello Carrascoza, com toda sua sensibilidade, ensinou-me que a literatura não é algo distante, ou apenas ficcional, mas o retrato mais próximo do fiel daquilo que a gente é. O Clube era um espaço de troca de experiências, onde a palavra ganhava a forma de cada um. Eu saí de lá sabendo que a leitura não é um ato solitário, mas um encontro: do autor, do texto, do leitor e do mundo.

Notei que, por meu fascínio pela literatura, a graduação que escolheria não poderia estar desvinculada desse universo. No decorrer do curso, estudei diversas disciplinas, mas em todos os anos havia sempre um segmento entre Linguística e Literatura, independentemente de suas formas. No segundo ano, tive a oportunidade de estudar Literatura Infantojuvenil, o que me possibilitou compreender algo que eu já suspeitava: o modo como a infância e a literatura se entrelaçam e se alimentam mutuamente. Imagine, amigo leitor: a infância representa uma fase em que a imaginação é desenvolvida, a curiosidade é estimulada e as histórias são criadas; a literatura, consequentemente, expande esse universo e o torna palpável, se é que podemos expressar desta maneira.

Nesse instante, compreendi que a leitura e a literatura infantil excedem a simples assimilação de conteúdos curriculares: incluem um vínculo profundo com a sensibilidade, criatividade e as variadas formas de ser e existir do ser humano. Essa experiência, proporcionada pela professora Luciana, me ajudou a compreender que a literatura tem um enorme poder: bem como nos ensinar a viver, ela nos proporciona as ferramentas — as palavras — para afirmar nossos sentimentos, entender o mundo e orientar nossa trajetória por ele. A leitura deixou de ser apenas um passatempo e transformou-se em, para mim, a melhor maneira de viver no mundo, evidenciando que palavra e vida são verdadeiramente indissociáveis.

Referências

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 1965.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 2001.

AUTOCONSTITUIÇÃO COMO LEITORA

Luana Pozzan Comin¹⁷

Minha trajetória como leitora teve início ainda no Ensino Médio, e, apesar dos incentivos da escola para a leitura, foi nesse período que enfrentei certa resistência em reconhecer o valor e a importância desse hábito. A escola oferecia várias oportunidades, e os professores encorajavam bastante o contato com a literatura, sugerindo diversos livros e destacando o poder transformador que a leitura poderia ter em nossas vidas. Contudo, devido a uma certa imaturidade em compreender a relevância dessa prática, acabei não explorando as leituras sugeridas naquele momento.

Entretanto, uma obra em especial me marcou profundamente e permanece até hoje como meu livro favorito: *Feliz Ano Velho*, de Marcelo Rubens Paiva. Esse livro apareceu na minha vida, curiosamente, quase que por acaso. Certa tarde, enquanto estava na biblioteca da escola, passeando distraída entre as prateleiras, deparei-me com esse título. Havia algo de intrigante naquela capa e no título sugestivo que me chamou a atenção de imediato. Decidi emprestar o livro e levar para casa, sem muitas expectativas. Mal sabia eu que essa leitura mudaria a forma como eu enxergava os livros e, principalmente, as histórias que eles traziam.

A experiência de ler *Feliz Ano Velho* foi, sem dúvida, enriquecedora e surpreendente. Nessa obra, Marcelo Rubens Paiva narra com uma intensidade única e tocante a sua própria trajetória de vida. A narrativa flui como um relato autobiográfico em que ele nos conduz pelos seus dias, desde os momentos mais felizes e descomplicados de sua juventude até os episódios mais desafiadores, repletos de adversidades e de superação. É como se, ao abrir as páginas desse livro, o leitor entrasse, de forma imediata, em contato com os sentimentos e pensamentos do autor, quase como um amigo compartilhando confidências.

Um dos aspectos que mais me impressionou na obra foi o modo como Marcelo Rubens Paiva aborda, de forma crua e sincera, o acidente que sofreu e que transformou completamente sua vida. Em um salto de jovem comum e cheio de sonhos, ele passa a enfrentar os desafios decorrentes de uma nova realidade, a tetraplegia. Esse evento, tão inesperado e intenso, desencadeia uma série de reflexões e questionamentos sobre a vida, a resi-

¹⁷ Atualmente, cursa o quarto ano de Letras – Português/Inglês na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), onde desenvolve pesquisas na área de Linguística Aplicada por meio de um projeto de Iniciação Científica. Paralelamente, estou no segundo ano do curso de Pedagogia pela FATECIE, na modalidade EAD, o que tem ampliado sua compreensão sobre os processos de ensino e aprendizagem.

Sua trajetória acadêmica reflete o desejo de articular teoria e prática, buscando constantemente aprimorar seus conhecimentos sobre a linguagem e suas múltiplas formas de expressão. Tem especial interesse em aprofundar-se na área da Língua Inglesa e em construir minha carreira como professora, contribuindo para a formação de novos leitores e aprendizes por meio da educação.

liência e o processo de adaptação às mudanças, que são temas centrais da narrativa. A obra passa, então, a funcionar como um canal para o leitor refletir sobre os próprios obstáculos e a maneira como cada um encara os desafios que surgem.

O que mais me marcou foi a maneira com que a narrativa nos envolve emocionalmente. A escrita de Marcelo Rubens Paiva é autêntica e natural, como se ele estivesse conversando diretamente com o leitor, sem filtros ou censuras. O autor nos conduz por uma jornada de autodescoberta, fazendo com que o leitor também questione a sua própria vida e valores. Durante a leitura, senti-me compelida a refletir sobre temas profundos e universais, como a busca pela felicidade, o enfrentamento dos próprios limites e o poder de superação. É impossível ler *Feliz Ano Velho* sem se envolver completamente e sem se sentir parte daquela história.

Ao longo do livro, percebi que a leitura poderia realmente ser uma ferramenta poderosa de autoconhecimento e de reflexão sobre a vida. Essa percepção foi um divisor de águas para mim, pois, a partir desse momento, passei a enxergar os livros como verdadeiros aliados na minha formação pessoal e emocional. Cada página de *Feliz Ano Velho* me levava mais fundo na história do autor, e, ao mesmo tempo, ajudava-me a entender melhor minhas próprias emoções e valores. Desde então, a leitura passou a ocupar um espaço importante na minha vida, não apenas como uma atividade prazerosa, mas também como uma oportunidade de aprender e crescer enquanto pessoa.

Assim, posso afirmar que *Feliz Ano Velho* foi muito mais do que uma leitura passageira; foi uma experiência transformadora que despertou em mim um interesse genuíno pelos livros e pela riqueza que eles trazem. A obra de Marcelo Rubens Paiva tornou-se um marco na minha trajetória de leitura, pois foi ela que abriu as portas para o mundo literário e me fez perceber que cada história tem o poder de nos tocar de maneiras únicas, deixando uma marca que carregamos para sempre.

Essa experiência fez com que eu me reconectasse com a literatura e me motivou a buscar novas obras, a explorar diferentes autores e estilos, sempre com a expectativa de encontrar novas perspectivas e aprendizados. Hoje, reconheço que a leitura é um caminho que, além de ampliar os horizontes do conhecimento, nos ensina a enxergar a vida com mais empatia e profundidade.

Após concluir o Ensino Médio, houve um período em que minha trajetória como leitora entrou em uma espécie de pausa. Com a rotina agitada e novas responsabilidades, acabei me afastando dos livros, algo que, até então, fazia parte do meu cotidiano de forma mais esporádica. Esse hiato durou até minha entrada no curso de Letras, momento em que redescobri o prazer e a importância da leitura. O ambiente acadêmico e o incentivo dos professores reavivaram meu interesse, trazendo de volta a curiosidade e o entusiasmo por explorar o vasto universo da literatura. Essa retomada não apenas

expandiu minha visão sobre o mundo literário, mas também teve um papel essencial no meu desenvolvimento pessoal e intelectual, fazendo-me ver a leitura como uma ferramenta de autoconhecimento e enriquecimento cultural.

No curso de Letras, tive a oportunidade de ler uma variedade de textos, que iam desde obras teóricas e científicas até grandes clássicos literários. Essa diversidade de leituras abriu meu olhar para diferentes formas de escrita, estilos e perspectivas. Entre as leituras mais marcantes, destaco os clássicos gregos, como *Iliada* e *Odisseia*, que me apresentaram ao universo dos mitos e das narrativas épicas. Essas obras me ensinaram sobre as origens da literatura ocidental e o poder da narrativa em retratar temas universais, como a coragem, a astúcia e a busca pela redenção. A jornada de Odisseu, com seus desafios e provações, ressoou em mim como um símbolo de perseverança e resiliência, valores que passei a admirar ainda mais e que, de certa forma, refletem nossa própria jornada acadêmica e pessoal.

Entre as obras brasileiras que li durante a graduação, destaco *O Céu Implacável*, de João Anzanello Carrascoza. A narrativa de Carrascoza traz uma delicadeza poética que me tocou profundamente. Sua habilidade em retratar a simplicidade da vida e a complexidade das relações humanas fez com que eu me aproximasse da literatura brasileira de uma forma nova, mais madura e consciente. Essa obra mostrou-me como a literatura pode abordar aspectos comuns e ao mesmo tempo intensamente profundos da existência, algo que passei a valorizar e procurar em minhas leituras. Esse contato com a literatura nacional fez com que eu sentisse uma conexão ainda mais próxima com minha própria cultura e com os desafios e belezas que permeiam as relações humanas, especialmente na nossa sociedade.

Recentemente, uma obra que marcou particularmente minha trajetória foi *Lenora*, de Heloísa Prieto, leitura proposta pela professora Luciana Ferreira Leal. *Lenora* foi uma experiência que trouxe algo novo e, ao mesmo tempo, familiar: um retorno à literatura juvenil, com temas profundamente ligados à adolescência e aos conflitos internos típicos desse período. A conexão entre as duas personagens Lenora e o mistério envolvente da narrativa criaram um ambiente de leitura que me capturou completamente. Por meio da personagem principal e do enredo cheio de nuances, *Lenora* me proporcionou um mergulho nas complexidades do amadurecimento, da busca por identidade e dos desafios emocionais, temas que ainda reverberam na fase adulta.

A leitura de *Lenora* me envolveu de tal maneira que fiquei curiosa para conhecer a continuação da obra, *Ian*. A expectativa de que a sequência mantenha o mesmo nível de mistério e profundidade emocional desperta em mim o desejo de continuar explorando essa história. Sinto que, por meio dessas obras, estou redescobrimo o gosto pelo suspense e pelo mistério, o que faz com que o processo de leitura se torne ainda mais prazeroso e significativo. Essa experiência recente também me mostrou como a literatura juvenil, quando bem trabalhada, pode ser igualmente impactante para leitores de diferentes idades, pois trata de temas universais que nos acompanham ao longo da vida.

Assim, posso afirmar que o retorno à leitura durante a graduação tem sido transformador para minha trajetória. Cada obra lida, desde os clássicos gregos até as narrativas contemporâneas brasileiras, contribuiu para a construção de uma nova perspectiva sobre o valor da literatura em nossas vidas. O curso de Letras tem sido fundamental para que eu compreenda a leitura não apenas como uma atividade acadêmica, mas como uma prática de autodescoberta e ampliação dos horizontes. Hoje, vejo que cada livro tem algo único a oferecer, uma lição a ensinar ou um sentimento a despertar.

A experiência de voltar a ler intensamente durante a graduação não só me reconectou com a literatura, mas também reforçou em mim a certeza de que a leitura é uma ferramenta essencial para a construção do pensamento crítico e do conhecimento sobre o mundo e sobre nós mesmos. Esse reencontro com os livros fez com que eu percebesse que a literatura é um campo vasto, sempre à espera de ser explorado, e que cada obra, independentemente do gênero ou do tema, tem o poder de nos transformar e enriquecer nossa visão de mundo.

Concluo, portanto, que essa retomada da leitura durante a graduação, impulsionada pelas obras e pelos temas que explorei, não apenas reavivou meu gosto pela literatura, mas também consolidou sua importância em minha formação pessoal e intelectual. Através dos livros, fui capaz de me reconectar com questões profundas sobre identidade, cultura e emoções humanas, valores que levarei para além dos estudos. Essa jornada literária me mostrou que a leitura é um processo contínuo de descoberta e reflexão, essencial para entender o mundo e a nós mesmos. A literatura, assim, reafirma-se como um instrumento de crescimento, capaz de moldar nossa percepção e enriquecer nossa experiência de vida a cada nova obra.

TRAJETÓRIA DE AUTOCONSTRUÇÃO COMO LEITOR

Maria Letícia Genaro¹⁸

Para falar sobre a construção da minha trajetória como leitora, precisei refletir um pouco e voltar no tempo, para a época em que estava sendo alfabetizada em uma escola pública, entre 2005 e 2006, quando tinha 5 ou 6 anos. Não tenho muitas memórias dessa época, mas alguns momentos ficaram bem marcados na minha lembrança. Vou começar contando acerca do quanto eu adorava quando minhas professoras contavam histórias. Recordo-me de duas que são as minhas favoritas. A primeira é a história *Menina bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado, que até hoje amo. Sempre imaginei o coelho, personagem desse livro, realizando as ações para conseguir mudar sua cor.

A segunda história que gosto, embora não saiba o nome do livro, ficou marcada na minha memória. Lembro bem da narrativa que falava de um menino que começou a frequentar a escola e descobriu que tinha um lápis de escrever mágico. Quanto mais ele apontava, mais ele crescia. Por isso, o garoto se sentava perto da janela, pois seu lápis era tão grande. Confesso que, na época, imaginei que eu também tivesse um lápis assim e o apontava várias vezes para ver se ele crescia.

Continuando a linha do tempo da minha trajetória como leitora, lembro-me de quando estava na minha vez de aprender a ler, ainda sem muita prática, na segunda série. A professora fez algumas fichas de leitura, e embora não consiga lembrar exatamente o que estava escrito, sei que havia uma folha colorida atrás e os textos eram curtos. Acho que incluíam alguns poemas e fábulas. Com isso, treinávamos a fluência na leitura e precisávamos apresentá-la diante dos colegas.

Também tentei me lembrar se havia uma biblioteca na minha escola, que não era tão grande, mas não consigo. O que sei é que, no final da sala, havia uma estante com aqueles livrinhos clássicos, com histórias curtas. No começo de cada ano, um moço passava na escola vendendo algumas coleções desses livrinhos. Porém, não eram tão baratos, então meus pais às vezes compravam um livro para mim e outro para meu irmão.

A última memória literária que tenho da minha infância está relacionada aos gibis da *Turma da Mônica*. Quando estava na quinta série, eu adorava ler esses gibis. Levava-os para a escola e, quando terminava as provas e atividades, ficava lendo. Teve um dia que a professora até me pediu para

¹⁸ Graduada em Pedagogia, com pós-graduação em Neuropsicopedagogia, e acadêmica do curso de Graduação em Letras – Português/Inglês, pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). Atua como professora regente no Ensino Fundamental – Anos Iniciais. Tem interesse em pesquisas voltadas à educação, literatura e práticas pedagógicas inovadoras, buscando constantemente aprimorar sua atuação docente. E-mail para contato: maria.leticia.genaro007@gmail.com . Instagram: leticia__genaro

guardar, pois não era para ler depois da avaliação. Ainda tenho os quatro gibis que meu pai comprava quando íamos ao mercado e eu lia tudo no mesmo dia. Quando minha mãe ia ao dentista, eu aproveitava para ir junto, porque na bancada de revista havia um gibi da *Turma da Mônica Jovem*, e eu nunca tinha lido os novos lançados.

Quando fui para os anos finais do Ensino Fundamental, estava em uma escola nova, pública, e lá havia uma biblioteca. Não tínhamos um incentivo para frequentar este espaço, mas todo ano eu fazia a carteirinha e pegava alguns livros, que, confesso, não terminava de ler. Na verdade, eu não sabia por onde começar a descobrir qual seria o meu gênero literário favorito. No entanto, lembro de uma vez que escolhi um livro que tinha como título *Vida e morte*. Tentei ler no ônibus, a caminho do colégio, mas não entendi nada e devolvi. Uma vez ganhei o livro *Nariz de vidro*, do Mario Quintana, e teve um poema romântico de que eu gostei muito, chamado *Bilhete*, que até hoje sei de cor.

No final do nono ano, pedi para meu pai comprar um livro que vi no mercado. Eu sabia que não tinha o hábito da leitura, mas a capa me chamou a atenção. Como sempre, ele comprou para mim. Meus pais não são leitores, mas sempre me incentivavam, comprando os livros que me interessavam. O livro desta vez se chama *A garota dos sonhos*, de Lauren Mechling. O desenho da capa era fluorescente e a história de fantasia falava sobre uma garota que tinha visões do passado. Demorei muito para terminar de ler, por não ter hábito da leitura, e acabei desenvolvendo o costume de, quando o livro começava a ficar “chato”, parar de ler.

Já no início do Ensino Médio, também em colégio público, pedi mais um livro para meu pai, novamente atraída pela capa. O livro era *Uma prova de amor*, de Emily Giffin. Desta vez, um romance. Então, descobri que gosto de ler esse gênero. No entanto, demorei muito para ler, porque no meio da história o casal se separou e só voltou no último capítulo. Lembro que, nesse novo colégio, também havia uma biblioteca. Mais uma vez, não tínhamos incentivo à leitura e só frequentávamos o local durante o intervalo, para ficar sentados no sofá, que era confortável.

Quando estávamos terminando o Ensino Médio, sabíamos que precisaríamos fazer o vestibular e que seria exigida uma lista de livros que, na verdade, nunca havíamos estudado e muito menos lido. Então, a professora de Português passou um trabalho em grupo, no qual ela dividiu alguns títulos de livros para pesquisarmos, montarmos um resumo e apresentá-lo. Lembro que até fui à biblioteca tentar encontrar o livro, mas não tive sucesso.

Na faculdade de Pedagogia, em uma instituição privada, tínhamos acesso a uma biblioteca muito grande, que era até dividida em andares. Os professores chegavam a sugerir livros sobre o que estávamos estudando, mas o que mais pediam para ler eram artigos. No mesmo ano em que terminei essa faculdade, comecei uma graduação a distância na área de Educação Especial, pois já atuava e percebia a necessidade de me aperfeiçoar

mais. Também havia passado no curso de Letras na Unespar.

Tinha o sonho de cursar Letras por causa da Língua Inglesa, mas, quando comecei a estudar Literatura, meu coração ficou dividido. Se me perguntar qual delas devo escolher, simplesmente respondo que gosto das duas disciplinas. Nesse período, comecei a comprar livros de romance, que é meu gênero preferido, e também investi em livros da Literatura Brasileira e Inglesa, os que chamamos de clássicos.

No segundo ano de Letras, na disciplina de Literatura Infantojuvenil, a professora Luciana pedia para lermos alguns livros para prova. Foi aí que me deparei com um novo desafio: ler gêneros um pouco diferentes do que estava acostumada e, além disso, gerenciar meu tempo para dar conta de ler tudo, ser professora, cursar duas faculdades ao mesmo tempo, fazer curso de inglês e cursar uma pós-graduação.

Nessa disciplina, percebi a importância da leitura na vida das crianças e dos adolescentes, além da necessidade de incentivo. Por isso, como já atuo como professora do terceiro ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental, busco estimular meus alunos com visitas semanais à biblioteca, contação de história, produção de textos e o nosso “leiturômetro”, um painel na sala no qual registramos nossas leituras.

No ano passado, em 2024, trabalhei em um projeto a importância de não jogar lixo no chão, explicando como ele vai parar no mar e prejudica os animais marinhos. Utilizei também uma obra literária para ajudar nessa explicação. Pesquisando bastante, encontrei um livro chamado *O mar começa aqui*, mas, como ele foi criado em Lisboa, não estava disponível no Brasil. Por isso, utilizei a versão digital. Na semana passada, meu ex-aluno me disse que havia ganhado o livro de sua avó, que veio de Portugal, e que iria me mostrar. Quando peguei o livro, fiquei ainda mais encantada. Ele me disse que aquele livro era meu. Fiquei muito emocionada tanto por receber um presente tão precioso quanto por saber que ele havia gostado tanto da história que contei, a ponto de pedir à sua avó que trouxesse de Portugal para ele.

Acredito que posso me considerar uma pessoa leitora. Tenho muito o que ler ainda: histórias infantis para meus alunos, os romances de que gosto, me aventurar em outros gêneros e, principalmente, nunca desistir no meio da leitura, porque nunca sabemos a reviravolta que pode acontecer. Pretendo continuar montando minha biblioteca particular, com mais de oitenta livros, marcando as partes que mais me emocionam, que são engraçadas e também aquelas que me fazem chorar.

MINHA TRAJETÓRIA DE AUTOCONSTRUÇÃO COMO LEITORA

Milena Pereira do Espírito Santo¹⁹

O início de Tudo

Lembro-me do primeiro livro que me despertou interesse, da primeira vez que consumi uma história com vontade e prazer. Desde os momentos iniciais nos quais folhei as primeiras páginas de *Percy Jackson e os Olimpianos* me senti transportada para um mundo repleto de aventuras, mitologia e personagens incríveis. Essa coletânea infantojuvenil que conta a história de deuses e semideuses em pleno século XXI foi essencial à formação da minha autoconstrução como leitora.

A minha família foi uma das peças principais durante essa trajetória, pois dentro de casa sempre se incentivou muito a leitura. Os meus pais foram leitores ávidos, consumiam livros sempre que podiam, minha mãe com seus livros de fantasia como *Alice no país das maravilhas* e meu pai com seus livros de casos criminais. Por isso, sempre incentivaram esse costume de leitura em mim e em meus irmãos.

Recordo-me que, nessa época, minha mãe até pagava uma assinatura do banco Itaú, na qual todos os meses nós recebíamos em casa livros infantis e infantojuvenis e ela compartilhava comigo e com meus irmãos e incentivava a leitura de todas as formas possíveis. Ela sempre foi muito mais incentivadora do que meu pai nesse sentido, ela sempre comprava todos os livros que a gente demonstrava interesse, por mais que eles não representassem uma literatura de qualidade; para ela era mais importante que lêssemos algo do que não ler nada.

Seguindo esse rumo, ela foi a responsável por me presentear com o meu primeiro livro da saga de Percy Jackson - *Percy Jackson e o ladrão de raios*. Nesse livro eu descobri o prazer que a literatura poderia me trazer e não parei mais, “consumi” a saga com tanta vontade e em tão pouco tempo que durante a vida o reli muitas outras vezes e até considero como minha leitura de conforto.

Já na educação o meu “relacionamento” com o mundo literário não foi tão produtivo, a partir do 7º ano o incentivo à literatura na escola na qual eu estudava já não era tão frequente, quase inexistente, e por ser integral o incentivo em casa começou a diminuir também, assim fui me afastando da literatura e perdendo o prazer que sentia com os livros. No Ensino Médio

19 Graduanda em Letras - Português/Inglês pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR - Campus Paranavaí). Atuo como bolsista do PIBID, desenvolvendo atividades pedagógicas em escolas públicas, com foco na mediação de leituras e no protagonismo discente. Participante de projetos de extensão e ensino como: Teatro Unespar 2025 e Literatura e cinema: Ainda Estou Aqui. Atualmente trabalho como Revisora de matérias educacionais (apostilas) na empresa Lab Tec - Tecnologia educacional. E-mail para contato: milena.santo.69@estudante.unespar.edu.br

acabei me afastando de vez da literatura, pois com as responsabilidades da vida quase adulta e do curso que fazia na época, a leitura foi sendo totalmente jogada para escanteio, sem o incentivo do colégio e de casa, já que nessa época meus pais acabaram se separando e eu já não tinha mais minha mãe por perto para me “ajudar” a ler, eu me afastei totalmente da literatura.

Todos esses anos eu não retornei ao mundo literário, nem mesmo com Percy Jackson, acabei deixando tudo de lado, pois para mim já não existia mais o prazer em ler qualquer coisa; mas ao chegar ao mundo universitário, a faculdade foi um pontapé para me colocar de volta ao mundo dos livros. Ao ingressar no curso de Letras fui “empurrada” novamente para o costume de ler, mesmo que não seja algo que me agrada igual antigamente, o incentivo que a faculdade me trouxe ajudou muito a reviver a minha vontade de consumir mais literatura.

Meu Cotidiano como Leitora após o Ingresso na Faculdade

A faculdade de Letras foi um verdadeiro divisor de águas na minha relação com a literatura. Desde o primeiro dia, fui colocada em um ambiente que valorizava a leitura, a literatura e a análise crítica de textos. As aulas me proporcionaram uma nova perspectiva sobre diversas obras literárias, principalmente as aulas das disciplinas de Literatura Infantojuvenil, Estudos Literários, Cultura Clássica e Fundamentos do ensino da Literatura.

Essas disciplinas foram essenciais para o meu retorno ao mundo literário, já que me mostram todas as nuances do mundo literário. A Literatura infantojuvenil conseguiu fazer com que eu lesse em um ano mais livros do que li durante um bom tempo, pois me apresentou obras de tamanha qualidade e que nunca chegaria a ler por conta própria. A disciplina de Cultura Clássica também foi uma grande responsável, já que me mostrou as obras literárias mais clássicas e me encantou mesmo com sua leitura complicada pela antiguidade dessas obras.

Tudo isso despertou um desejo de explorar diferentes estilos e autores dos quais nunca tive conhecimento antes. Além disso, o compartilhamento com colegas apaixonados por literatura abriu um espaço para a troca de ideias, inspirações, conhecimentos e novas perspectivas das quais eu não tinha a possibilidade antes da faculdade.

Por mais que ainda não seja um hábito em minha vida e, muitas vezes, eu ainda leia algumas coisas pela obrigatoriedade do curso, o retorno às aulas mudou muito o meu ponto de vista como leitora e a minha forma de ver e ler um livro. O projeto PIBID de Língua Portuguesa, com foco em literatura, é outro ponto que me ajuda muito nesse processo de retorno ao mundo literário.

Mesmo que ainda não me considere uma leitora ávida como algumas pessoas, sinto que estou indo bem neste processo de autoconstrução no mundo literário. Passei a arranjar mais espaço para incluir a leitura no meu

cotidiano e a me interessar mais por diversos gêneros literários, conseguindo ler diferentes estilos de livros feitos para diferentes idades. Um exemplo disso são os livros *O carteiro chegou*, de Allan Ahlberg, e *Sapato de salto*, de Lygia Bojunga, que são considerados literatura infantil e juvenil, mas que mesmo assim me chamaram muita atenção e fizeram com que eu concluísse a leitura com rapidez e vontade. Enquanto o primeiro, com sua história infantil mostrando o carteiro envolvido em diversas outras histórias tão conhecidas na literatura, proporcionou-me um sentimento de nostalgia e satisfação ao ler e relembra-los historinhas tão marcantes na minha infância; o segundo, de Lygia Bojunga, fez-me ver que a literatura juvenil não se limitava à fantasia a que eu estava acostumada, mas que poderia ser pesada e até mesmo traumatizante ao apresentar uma história que pode ser a realidade de muitos.

Os Resultados do Processo de Retorno ao Mundo Literário

Sinto que ainda tenho uma longa caminhada no meu processo de autoconstrução, mas estou satisfeita com as mudanças feitas até agora. Cada página virada me fez descobrir novas histórias e levantar esse meu lado leitora que estava jogado para escanteio todo esse tempo. Essa jornada através da literatura me mostrou as nuances do mundo e como cada um tem a sua perspectiva e suas histórias.

Essa caminhada no mundo da literatura, agora em outro sentido, com o olhar acadêmico, me fez perceber a sua importância na vida das pessoas, pois através da leitura podemos nos tornar pessoas melhores. Ao ver o mundo sob novas perspectivas, desenvolvemos não só sabedoria, mas também a empatia para com o próximo e a vontade de compartilhar o conhecimento descoberto através da literatura com outras pessoas.

Sei que a partir de agora continuarei meu processo de autoconstrução como leitora, mas junto incentivarei a minha família, amigos e meus futuros alunos nessa jornada também, pois algo que aprendi é que com a literatura podemos nos tornar pessoas melhores, podemos mudar nossas vidas e até mesmo temos a oportunidade de tentar mudar o mundo para melhor, já que desenvolvemos nosso senso crítico e empatia.

Finalizo este texto, então, pedindo para que nunca abandonem o mundo literário, pois ser leitor te leva a conhecer e explorar novos mundos, criando, às vezes, experiências mágicas que podem te afastar da realidade que tanto machuca.

TUDO COMEÇOU COM UMA HISTÓRIA EM QUADRINHOS

Nicolý de Arruda Peixer²⁰

A Leitura na Infância: A Influência da Família

Minha trajetória como leitora é um processo que reflete não apenas o desenvolvimento de habilidades, mas também uma jornada de descoberta de mundos, de questionamentos e de transformações. Desde que me lembro, a leitura sempre esteve presente na minha vida, em diferentes formas, as quais foram se expandindo e se complexificando ao longo do tempo. Inicialmente, a leitura fazia parte de uma rotina familiar e escolar que estimulava minha curiosidade e meu amor pelos livros. Depois, na adolescência e, posteriormente, na vida adulta, a leitura se aprofundou, diversificou-se e, além da literatura infantojuvenil, passou a incluir obras acadêmicas e literárias de maior densidade. Em todos os momentos dessa trajetória, a leitura foi fundamental para moldar minha forma de ver o mundo, minha identidade e meu lugar na sociedade.

A minha trajetória de leitura começou muito cedo, dentro de casa, no convívio com meus pais e familiares. Eles, sendo leitores, sempre incentivaram minha curiosidade pelo mundo dos livros. Lembro-me de que, desde os primeiros anos, a leitura sempre foi uma prática comum e prazerosa em casa. Meus pais liam histórias para mim todas as noites, antes de dormir, e isso estabeleceu uma ligação direta entre o ato de ler e o de se encantar. Meus pais não apenas liam para mim, mas também me faziam perguntas sobre as histórias que estávamos lendo, ajudando-me a refletir sobre os personagens e os acontecimentos. Essas interações estimulavam minha imaginação e desenvolviam minhas habilidades de compreensão e raciocínio.

Esses primeiros contatos com a leitura foram marcados, sobretudo, por livros infantis, como as obras de Monteiro Lobato e Ruth Rocha. *O Sítio do Picapau Amarelo* e as histórias de *Marcelo, Marmelo, Martelo* estavam entre as minhas favoritas, pois, além de trazerem histórias divertidas, também abriam espaço para refletir sobre temas como amizade, coragem e justiça. As personagens eram tão reais para mim que sentia estar, de fato, vivendo aquelas aventuras, o que fez com que o amor pela leitura fosse cultivado de forma orgânica, como algo natural e desejado.

Uma das primeiras lembranças que tenho, de fato, de um livro sendo o centro das minhas atenções é a de uma ocasião em que, ao visitar um amigo da família, encontrei um gibi da *Turma da Mônica* em uma prateleira. Não sabia ler ainda, mas, apenas com as imagens, a história se desdobrava na minha mente, de modo que eu me sentia parte do universo dos personagens.

²⁰ Graduanda em Letras – Português e Inglês pela Universidade Estadual do Paraná (UNES-
PAR), campus de Paranavaí. Interessada em leitura, literatura e formação docente, busca ampliar
seus conhecimentos sobre o ensino e a prática da leitura em diferentes contextos educacionais.

Embora ainda não tivesse a capacidade de compreender os textos, fui capaz de captar o conteúdo visual e narrativo, e essa experiência foi profundamente marcante. Mesmo sem entender as palavras, os quadrinhos me fizeram sentir uma espécie de magia e despertaram um desejo profundo de aprender a ler.

A Escola e o Estímulo à Leitura

Ao entrar na escola, o ambiente de leitura passou a ser estruturado de maneira mais formal. Na infância, a escola desempenhou um papel importante, promovendo atividades como contação de histórias e visitas frequentes à biblioteca municipal. Essas atividades criavam momentos especiais, nos quais eu e meus colegas podíamos experimentar a magia dos livros. Durante esse período, fui apresentada a autores como Ana Maria Machado e Ziraldo, cujas obras trouxeram reflexões sobre o cotidiano e o comportamento humano, além de despertarem meu interesse por novos temas. Esses encontros literários, tanto nas aulas quanto na biblioteca, permitiram-me explorar diversos universos sem sair do lugar e, mais do que isso, entender que a literatura não se limitava à ficção, mas também podia ser um espelho da realidade.

A experiência na biblioteca da escola foi uma das mais significativas. Lembro-me de como as prateleiras lotadas de livros me fascinavam. Cada visita era uma oportunidade de descobrir novos autores e novas histórias. Era nesse espaço que os mundos se abriam diante dos meus olhos, e eu sentia que estava cada vez mais perto de me tornar uma verdadeira leitora, alguém capaz de decifrar as palavras e se perder nas tramas dos livros. Durante o Ensino Fundamental, também participei de várias competições de leitura, nas quais eu precisava ler livros e, depois, fazer resumos ou responder a questões sobre eles. Isso me ajudou a aprender a interpretar textos de forma mais eficiente e a me envolver mais profundamente com as histórias que lia.

A Leitura no Ensino Médio: Desafios e o Gosto pela Fantasia

No Ensino Médio, a relação com a leitura passou por um momento de distanciamento. As leituras obrigatórias, muitas vezes, pareciam mais uma obrigação do que uma escolha, o que dificultava minha conexão com os livros. Ao mesmo tempo, a pressão das provas e a cobrança por notas começavam a interferir na minha percepção da leitura como uma atividade prazerosa. Porém, mesmo nesse período, o gosto por livros de fantasia e aventura continuou a me acompanhar. Refugiei-me em obras como as de Rick Riordan, especialmente a série *Percy Jackson*, que me permitiu escapar para mundos fantásticos, nos quais a mitologia grega se misturava ao cotidiano de um adolescente. Esses livros me proporcionavam o prazer da leitura sem que fosse necessário me preocupar com a exigência acadêmica.

Foi também no Ensino Médio que comecei a explorar outros gêneros literários, mais voltados para o romance e a fantasia, como *Harry Potter*, de

J.K. Rowling. Essas obras alimentaram minha imaginação e me ajudaram a compreender o poder da literatura de nos transportar para mundos completamente diferentes, nos quais a realidade pode ser moldada conforme os desejos do autor.

A Literatura Acadêmica e a Formação Crítica

A verdadeira transformação no meu processo de leitura aconteceu durante a faculdade, com o ingresso no curso de Letras. No ensino superior, a leitura passou a ser vista de maneira mais crítica e reflexiva. A literatura, de fato, assumiu um novo lugar na minha vida, não mais como um simples passatempo, mas como um campo de estudo sério e profundo. A disciplina de Literatura Infantojuvenil, que cursei com grande entusiasmo, foi especialmente importante para a minha formação como leitora crítica. Ela me apresentou uma grande variedade de autores brasileiros que eu provavelmente não teria conhecido se não fosse pelo curso.

Autoras como Clarice Lispector e Rachel de Queiroz fizeram parte das leituras obrigatórias, mas também pude conhecer escritores como Daniel Munduruku e Conceição Evaristo, que traziam uma visão da realidade brasileira até então desconhecida para mim. Esses autores me permitiram compreender a riqueza da literatura brasileira e as diferentes vozes que a compõem. A partir dessas leituras, pude perceber a diversidade cultural do Brasil e a importância da literatura como ferramenta de resistência e de afirmação das identidades marginalizadas.

Outro ponto importante do curso foi o estudo das narrativas indígenas e afro-brasileiras. Aprender sobre os mitos e as tradições dos povos indígenas brasileiros, por meio da obra de Munduruku, e explorar as questões de gênero e de classe nas obras de Evaristo foi fundamental para que eu compreendesse o papel da literatura na construção de uma consciência crítica e na formação de leitores mais reflexivos. O estudo dessas obras ampliou minha percepção sobre a complexidade da cultura brasileira e me levou a refletir sobre a importância da literatura como espaço de representação e resistência.

A Contribuição da Leitura para Minha Vida Pessoal, Acadêmica e Profissional

A leitura foi essencial para o meu desenvolvimento pessoal, acadêmico e profissional. Em termos pessoais, os livros me permitiram desenvolver uma visão mais ampla do mundo e ajudaram-me a compreender as diferenças, a empatia e a necessidade de respeito às diversas culturas. Além disso, a leitura me ofereceu uma ferramenta poderosa de introspecção, possibilitando-me compreender melhor meus sentimentos, minhas emoções e minhas ações. Foi por meio da leitura que aprendi a me comunicar de forma mais eficiente, a ouvir e a me colocar no lugar do outro, o que foi fundamental para o meu crescimento pessoal.

Academicamente, a leitura me proporcionou não apenas o desenvolvimento das habilidades interpretativas e críticas, mas também uma base sólida para a análise de textos complexos, competências essenciais durante a graduação e que continuam sendo imprescindíveis na minha vida profissional. Aprendi a lidar com as diferentes camadas de um texto, seja ele literário, acadêmico ou de outra natureza, a identificar os elementos que compõem uma narrativa e a refletir sobre o impacto que essas obras podem exercer sobre o leitor e a sociedade.

No âmbito profissional, a leitura tornou-se uma ferramenta crucial no meu trabalho, permitindo-me ser mais criativa, analítica e reflexiva, além de aprimorar minha capacidade de escrever de forma clara e objetiva. As leituras acadêmicas contribuíram para a construção de uma base sólida para compreender teorias literárias, metodologias de pesquisa e práticas pedagógicas, áreas que hoje fazem parte do meu campo de atuação profissional.

Reflexões Finais: A Leitura como Processo Contínuo

A leitura, para mim, sempre foi um processo contínuo de descoberta. A cada novo livro lido, uma nova faceta da vida se revela. Minha trajetória como leitora é marcada por uma constante busca por conhecimento, emoção e reflexão. Hoje, mais madura e com uma perspectiva mais crítica, reconheço como os livros contribuíram para a construção de uma identidade mais complexa, ensinando-me a refletir sobre as questões que atravessam a sociedade e a vida cotidiana.

Seja por meio da literatura infantil e juvenil, seja por meio de obras literárias mais densas ou de leituras acadêmicas, a leitura foi e continua sendo o combustível que impulsiona minha jornada de autoconhecimento. O que antes era apenas diversão transformou-se em uma poderosa ferramenta de transformação pessoal e social, e meu compromisso com a leitura continuará a me guiar, agora e no futuro.

Assim, a leitura, em suas diversas formas e dimensões, tornou-se parte essencial da minha vida. Por meio dela, fui capaz de formar minha visão de mundo e construir minha própria trajetória de vida.

TRAJETÓRIA LITERÁRIA

Sara Correia Lopes²¹

Leitor... O que é ser leitor? É aquele sujeito que tem o hábito de ler, ler para si mesmo ou por gosto pessoal. Mas qual é a nossa trajetória como leitor? O que nos impulsiona a isso? Eu sou leitora? São perguntas que faço a mim. De fato, desde que entrei na graduação, comecei a refletir sobre isso, pois antes não pensava muito nesse assunto. Nunca me considerei leitora, venho de uma família em que não há leitores e não havia o hábito de ler. Passei por lugares, fiz amizades com pessoas que também não eram leitoras ou apenas não se consideravam leitoras como eu, apesar de já terem lido algo na vida. Mas, para responder a esses questionamentos, é preciso olhar para trás com atenção, e, para falar sobre trajetória, precisamos citar o começo de tudo.

Nasci e fui criada em uma cidade no interior do Paraná, chamada Paranavaí. Não é uma cidade tão pequena, mas também não é grande. Meus pais não são leitores, pelo menos não por gosto. Mas sempre incentivaram que nós, eu e minha irmã, lêssemos.

Desde pequena, minha mãe lia para mim e para minha irmã antes de dormir. Tínhamos um livro com mais de cem histórias sobre contos de fadas da Disney. Ele tinha uma capa linda e, por grande parte da minha vida, eu me interessei por livros que tivessem capas bonitas. Nós amávamos escutar e imaginar todas as possibilidades de encantos por meio das palavras da minha mãe e assim surgiu o desejo de aprender a ler.

Enquanto isso, na escola, começava a alfabetização. Nesse processo, lia de tudo: todo objeto que havia em casa, toda logomarca de loja por onde passava; lia o nome de todos os produtos do mercado. Lia sempre, constantemente, lia sem parar, sílaba por sílaba, palavra por palavra, até ler fluentemente uma frase inteira. Lia em voz alta e chamava meus pais para ouvirem que eu estava aprendendo; lia no pensamento, lia baixinho só para mim, o que era motivo de orgulho, pois meus pais falavam para alguma visita: “Ela já sabe ler, está lendo tudinho!”. E eu sempre recebia parabéns, o que me deixava ainda mais contente.

Esse encanto pela leitura continuou. Na escola, tínhamos projetos como a maleta da leitura, que era uma maleta com vários livros para ler em casa, e quando era a minha semana... Ah! Que felicidade! Líamos todos os livros de uma vez, pois era divertido e levávamos aquilo como uma brincadeira, tanto eu quanto minha irmã. Em seguida, minha mãe começou a comprar

21 Graduada do curso de Letras – Português e Inglês pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). Ao longo da graduação, vem desenvolvendo conhecimentos teóricos e práticos voltados ao ensino de línguas e à formação docente. Participa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), experiência que tem contribuído significativamente para sua atuação em contexto escolar. Essas vivências fortalecem seu interesse pela educação, pelo ensino de línguas e pela reflexão sobre práticas pedagógicas.

livros de literatura infantil, desde *Moranginho* até *Sítio do Picapau Amarelo*, desenhos a que eu amava assistir, pois sempre fui apaixonada pelo audiovisual e pelo contato com vídeos, músicas, coisas que eu não tinha nos livros. Então, passei a me entreter com essas novas atividades, e a leitura continuava só na escola. Os livros ficavam em casa como decoração, espalhados pelo quarto, diversas histórias, personagens e universos pelos cantos da minha casa.

Esse desinteresse passou, e havia uma biblioteca municipal próxima à minha casa. Fiz um pedido à minha mãe para que ela me levasse lá, para me cadastrar e poder ler os livros da biblioteca, e assim aconteceu. Li alguns livros de lá, mas não me cativavam tanto quanto os filmes e a música. Ainda assim, adorava ir à biblioteca, pois lá eu tinha contato não só com os livros, mas também com a música: fazia aulas de violão e, sempre no final da aula, levava um livro comigo para casa, fazendo um pouco de cada coisa.

Na escola, o incentivo dos professores não era o mesmo. Não tínhamos mais a maleta da leitura, pois era só para os mais pequenos. O contato que tínhamos com a leitura era em sala de aula, por meio dos livros escolares. Esporadicamente fazíamos apresentações para a escola sobre algumas obras literárias que havíamos lido antes, em forma de teatro, como *O Sítio do Picapau Amarelo*, e isso era o que eu mais gostava de fazer. Naquele momento, era o que mais chamava minha atenção enquanto criança: a comunicação e a interação com os outros alunos e com as pessoas que iam nos assistir.

Assim, o tempo foi passando e, com isso, fui crescendo. Lia de vez em quando, não grandes obras literárias, mas posts do *Facebook*, letras de músicas em outros idiomas, leituras da escola e as milhares de formas de ler existentes.

Quando entrei no Ensino Fundamental II, o incentivo à literatura também era escasso. Tínhamos carteirinhas para pegar o que quiséssemos da biblioteca. Toda terça-feira era dia de farra: todos ficavam animados para ir buscar um livro e levar para casa. Eu ficava animada também. Li alguns livros de lá; às vezes começava e não terminava — posso dizer que foi assim na maioria das vezes. As únicas leituras que me interessavam eram os gibis; as histórias em quadrinhos chamavam minha atenção. Amava ler, acho que li quase todos daquela caixinha. Não levava para casa; lia ali mesmo, um atrás do outro.

Embora fizesse essas pequenas leituras, não tinha mais o hábito de ler como quando eu era criança, o que me faz duvidar e pensar que talvez nunca tenha sido leitora. Aquela fase no colégio era legal no começo, mas depois virou mais um dia normal em que íamos à biblioteca para passear e conversar; não íamos com o intuito de ler de verdade. Ficou assim por muitos anos: lia somente por obrigação e, às vezes, nem assim. Sempre falava: “Prefiro mil vezes ver um filme”. E tudo bem, também era um tipo de arte que eu adorava.

Nesse tempo, minha vida literária evoluiu da literatura infantojuvenil

para a literatura acadêmica. Não havia mais livros do Monteiro Lobato, mas sim livros didáticos e textos que os professores passavam para leitura, interpretação de texto, apresentações de trabalho, atividades e provas. Não era mais divertido, não fazia mais para me entreter; era minha obrigação como estudante ler o que era proposto.

Dessa forma, o interesse pela literatura foi diminuindo, e eu já era adolescente. Ler obras não era uma das minhas coisas preferidas no mundo. Sempre fui uma pessoa estudiosa em relação ao colégio e ao aprendizado contínuo, mas ler não era prioridade; era obrigação, e foi assim durante todo o Ensino Médio. Mas veio a pandemia, período que mudou a vida de muitas pessoas. Ficávamos em casa sem ter o que fazer; chegou um momento em que as redes sociais não eram mais suficientes, pois só havia isso para fazer.

Então, comecei a me interessar novamente. Comprei alguns livros e ganhei outros. Ler era diferente: não posso dizer que era divertido, mas também não era chato. Eu estava fazendo por vontade própria; ninguém estava me obrigando dessa vez. As leituras não eram grandes obras literárias renomadas, mas, ainda assim, eram livros que, de alguma forma, faziam com que eu me envolvesse com as histórias que estavam sendo contadas e encontrasse conforto nisso. Percebi que, com o tempo, ainda amava histórias em quadrinhos e comecei a ler mais histórias desse gênero. Não eram gibis; eram livros com histórias diferentes. Encantava-me por livros de romance, aqueles bem *teen* de que os jovens falavam na época. Adorava ver resenhas sobre eles na internet, comentar com quem também lia; era divertido. Não li tantos livros assim, li alguns, mas, para quem não lia nada, estava de bom tamanho.

Então, entrei na faculdade, no curso de Letras, e, para quem não gostava de ler e também não se considerava leitora, era um terror imaginar que as pessoas que eu iria encontrar lá provavelmente seriam todas leitoras, e eu não. Fomos apresentados a muitas obras e, como caloura, não conhecia nada, nem fazia ideia de quem tinha escrito tais obras e de como elas eram importantes na formação de um letrólogo, que é o profissional que se forma em Letras, uma área de atuação muito diversificada. Não imaginava que os meus maus hábitos com a leitura me levariam à faculdade de Letras.

As aulas começaram e, até então, tive contato com várias obras. Li algumas — não posso dizer que por inteiro, mas tentei, até mesmo leituras acadêmicas mais sérias, como artigos sobre determinados assuntos, pesquisas, projetos de literatura e tudo mais sobre esse mundo. Vale destacar que nós tivemos muito contato com a literatura infantojuvenil durante o 2º ano da graduação, quando nos apresentaram diversos livros que passaram pela nossa infância: livros lindos e emocionantes, sobre muitas histórias e grandes escritores importantes para o Brasil. Toda aula era uma grande nostalgia, pois havia muitos livros que nós conhecíamos, que tínhamos em casa, livros que nos tornaram leitores por muito tempo e que têm um certo valor emocional para nós. Essa disciplina nos mostrou que não são apenas “livrinhos” de

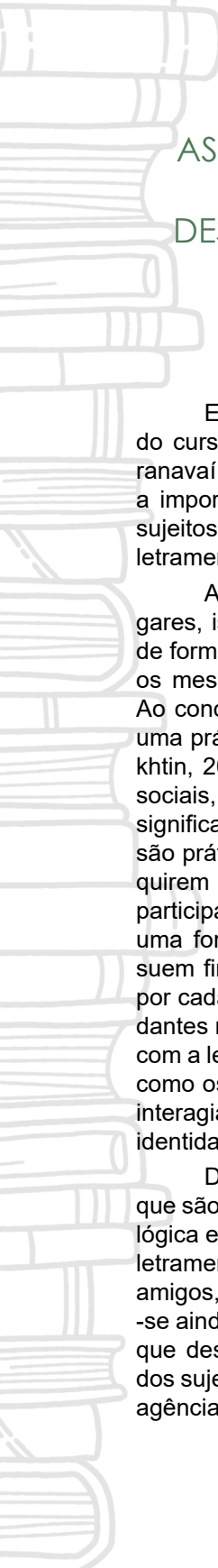
criança, que esses “livrinhos” carregam grandes histórias importantes, histórias fortes e emocionantes. Histórias que nos faziam questionar se eram mesmo para um público juvenil. Tivemos contato com uma imensidade de obras que nos faziam refletir a cada aula.

Mas essa não era a única disciplina sobre literatura. A cada semana, estávamos afundados nas páginas de um livro diferente: literatura clássica, literatura brasileira, contato com escritores nacionais, que nos ajudavam a entender o que se passava na cabeça deles ao escrever tais obras e como isso nos incentivava a aprender. Fomos apresentados a diversas estratégias de leitura, como a leitura da professora, de um colega de classe, até mesmo em forma de teatro — em que cada um interpretava um personagem e dava vida às importantes histórias para a nossa formação. Assim, posso afirmar que a graduação contribui muito com a nossa trajetória, pois é impossível não ler: sempre haverá algo que precisamos saber, conhecer, como profissionais.

Contudo, hoje, não leio mais contos de fadas, romances ou contos, às vezes por não ter interesse ou por falta de tempo. A falta de hábito atrapalha um pouco; com a escrita desse capítulo, tive muitas dificuldades e isso me fez questionar várias coisas. Perguntei-me várias vezes se sou mesmo uma leitora ou se estou em um processo para me tornar uma. Mas, seguindo os pontos de que me lembrei, acho que sim: sou uma leitora em formação. Às vezes leio por interesse e, na maioria das vezes, por obrigação, mas não deixo de ler. Leio em casa, na faculdade, no trabalho, e isso não deixa de ser importante.

Ler não é tão fácil como parece; criar um hábito não é tão simples assim. Nós somos inseridos nesse processo desde crianças, e nessa fase é diferente, pois somos curiosos com o mundo e queremos pôr em prática tudo o que aprendemos na escola. Isso explica por que nós lemos tudo nessa primeira fase, o quanto somos incentivados a ler mais e mais, para que cada vez possamos entender melhor as diferenças entre as palavras, entre os sentidos que cada frase nos traz. Enquanto crianças, essa é a prioridade no ensino. Mas, à medida que crescemos, nos deparamos com tantas outras coisas, tantas formas de expressão diferentes, e está tudo bem se identificar mais com uma do que com outra, pois posso afirmar que não é toda literatura que chama a minha atenção e desperta um grande interesse pela leitura, mas também não são todas que nos deixam desinteressados. Há histórias para todos os gostos e estilos.

Ler é dedicação, é atenção aos detalhes. A literatura é abrangente e necessária para todos nós, pois lemos o tempo todo: desde a embalagem de um produto no mercado até grandes livros de grandes escritores brasileiros e, até mesmo, estrangeiros. Lemos em outras línguas, idiomas, e temos acesso a novas culturas. E isso nos traz grandes aprendizados e um leque de conhecimento sobre muitos assuntos.



AS VOZES QUE FORMAM LEITORES: AGÊNCIAS DE LETRAMENTO NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO LEITOR DE ESTUDANTES DE LETRAS

Bruno Ciavolella

Luciana Ferreira Leal

Este livro apresenta a história da formação de leitores dos graduandos do curso de Letras, da Universidade Estadual do Paraná, campus de Paranavaí. Ao analisar os relatos desses estudantes, é possível compreender a importância da mediação de leitura no processo de constituição desses sujeitos como leitores, destacando, principalmente, o papel das agências de letramento.

Apesar de a cultura escrita estar atualmente presente em muitos lugares, isso não significa que a aprendizagem da leitura e da escrita ocorra de forma natural, nem tampouco que os usos e significados da escrita sejam os mesmos para todos os sujeitos e em todas as culturas (Street, 2014). Ao conceber a escrita não simplesmente como uma tecnologia, mas como uma prática social (Street, 2014), essencialmente dialógica e valorativa (Bakhtin, 2016), atesta-se que ela está diretamente relacionada aos contextos sociais, por isso se faz de modos distintos, com diferentes usos e múltiplos significados. Ler uma notícia, um bilhete, um texto literário, um contrato etc. são práticas sociais diferentes, demandam conhecimentos específicos e adquirem significados distintos a partir do contexto em que se realizam e dos participantes envolvidos. Ou seja, os usos da escrita (e das linguagens de uma forma geral) se fazem por meio de práticas de letramento, que possuem finalidades específicas e, portanto, recebem uma valoração diferente por cada grupo social e por cada sujeito. Nesse sentido, os relatos dos estudantes mostram compreensões situadas sobre a forma como se envolveram com a leitura e, mais especificamente, com a literatura, revelando, sobretudo, como os contextos em que se inseriram, bem como os parceiros com quem interagiam, atuaram de forma substancial no processo de construção de sua identidade como sujeito leitor.

Dessa forma, destaca-se o papel das agências de letramento, visto que são as instâncias promotoras de práticas letradas e orientam social, ideológica e culturalmente a forma de se relacionar com a escrita nas práticas de letramento. São exemplos de agências de letramento, a família, os grupos de amigos, a escola, a universidade, a mídia, os projetos sociais etc. Ressalte-se ainda o papel dos agentes de letramento, considerando os papéis sociais que desempenham nessas práticas, atuando diretamente no envolvimento dos sujeitos com os usos da escrita nos contextos em que estão inseridos. As agências e os agentes de letramento desempenham papel fundamental na

inserção dos sujeitos nas práticas sociais de leitura e escrita. A forma como essa inserção se dá interfere diretamente nas maneiras pelas quais os indivíduos se relacionam com os usos da linguagem escrita. Nesse sentido, o envolvimento dos sujeitos nessas práticas não ocorre de maneira neutra, mas é atravessado por relações de poder e orientações ideológicas e axiológicas que configuram e condicionam os modos de participação nos letramentos.

A análise das trajetórias leitoras de estudantes do curso de Letras demanda considerar não apenas as práticas de leitura em si, mas as condições sociais de sua produção. As agências de letramento, como instâncias que legitimam e organizam práticas letradas, e os agentes de letramento, como mediadores dessas práticas, desempenham papel central na forma como os sujeitos se inserem, significam e ressignificam a leitura ao longo de sua formação. Isso se torna fundamental no caso do acesso à leitura e, de forma particular, à literatura, porque ninguém se forma leitor sozinho. A constituição do sujeito, conforme ensina o filósofo russo Mikhail Bakhtin, se faz continuamente na e pela interação discursiva com os outros sujeitos e discursos. Ou seja, todo sujeito é constituído pelas vozes de outros sujeitos a partir da participação em práticas de interação discursiva. Assim, por meio da análise dos relatos dos estudantes, torna-se possível conhecer não só como as agências e os agentes de letramento atuaram na constituição desses leitores, mas, principalmente, os sentidos e as valorações atribuídos a eles.

Pretende-se, neste texto, discutir os sentidos e os valores atribuídos às agências de letramento na trajetória dos estudantes do curso de Letras. Nos relatos, várias agências de letramento foram citadas e desempenharam papéis fundamentais na trajetória leitora dos estudantes, entretanto, a discussão centra-se em três agências que foram as predominantes nos textos dos alunos: a família, a escola e o curso de Letras.

A Família como a Primeira Agência de Letramento

Em alguns relatos, a família aparece como uma das primeiras agências de letramento na vida dos estudantes do curso de Letras. No ambiente familiar, os estudantes são inseridos em eventos de letramento da cultura escrita de diferentes formas, seja por meio de vivências efetivas ou do incentivo a práticas de leitura.

Alguns estudantes relataram ver seus familiares lendo, como uma atividade comum em suas vidas ou também que vivenciaram experiências de familiares contando histórias e lendo livros para eles: *“Estou com cinco anos de idade, sentada no sofá da sala [...], e a minha tia, irmã mais nova de minha mãe, está encostada em meu ombro esquerdo, segurando uma fina revista sobre a história de José [...].”* (Ana Paula Souza Cândido); *“Inicia-se com as histórias e canções de minha mãe – minha primeira professora – antes de dormir[...]. O tornar-se leitora então ocorre cedo, graças às contações de histórias feitas pelos meus pais e avós”* (Geovana Santos Oliveira). A vivência em práticas de letramento, nestes casos, recebe um valor afetivo, a demons-

trar como essas práticas, embora singelas, tiveram um papel fundamental na trajetória de leitura desses alunos.

Outros estudantes destacaram o incentivo à leitura por parte de seus familiares, concretizado, muitas vezes, pelo gesto de presentear os filhos com livros, gibis etc.: “[...] *estou sentada no chão da sala, no tapete, e minha mãe atravessa o cômodo com o uniforme alvo de praxe das enfermeiras e me entrega uma pequena sacola que contém três preciosos tesouros: três gibis sobre as aventuras da Turma da Mônica*” (Ana Paula de Souza Candido); “*as leituras dos livros presenteados pelo meu pai – um leitor casual*” (Geovana Santos Oliveira).

É possível interpretar que os estudantes atribuem à família, como agência de letramento, o sentido de inserção em uma prática social de valor na sociedade, ou seja, a família é quem primeiramente apresenta e incentiva o ato de ler a esses sujeitos. Esse sentido precisa ser discutido, porque a leitura não ocupa tanto espaço entre os lares brasileiros, como historicamente tem apontado a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil. Além disso, o hábito de ler não é tão comum entre os brasileiros, principalmente, entre aqueles que sobrevivem em condições socioeconômicas insuficientes, que tiveram nenhum ou pouco acesso à escolarização, como são muitas das famílias dos estudantes.

Portanto, ao inserir os estudantes nas práticas de letramento de textos literários, a família ajuda na constituição de valor a respeito dessas práticas, contribuindo para que a leitura seja compreendida como uma prática significativa e importante para o desenvolvimento social, cognitivo e cultural desses sujeitos.

A Escola como Principal Agência de Letramento

A escola é a agência de letramento mais citada pelos estudantes e cumpre importantes e diferentes papéis no processo de desenvolvimento do leitor, a partir dos quais é possível depreender e discutir alguns dos sentidos atribuídos pelos alunos em seus relatos.

Em primeira análise, a escola também tem o sentido de inserir os estudantes em práticas de leitura com o texto literário, principalmente porque muitos não tiveram esse contato inicial no ambiente familiar: “*A apresentação à leitura também se deu pela escola*” (Andressa Ajala da Silva). Essa inserção se faz por meio de práticas comuns à escola, como a apresentação da literatura pelos professores, pela contação de histórias e pelas vivências de atividades em que os estudantes tiveram contato com os livros em sala de aula: “*Levar os livros para a sala, fazer com que os alunos conhecessem mundos e realidades diferentes das suas próprias, contribuir, pelo menos um pouquinho, para mostrar as possibilidades que existem... Para mim, só a literatura seria capaz disso*” (Júlia Lopes Pavão Martins); “*Minha professora alfabetizadora, Cleia, amava contar essas narrativas a mim, tanto que me ensinou a contá-las*” (Gabriel Bispo Ramos da Silva).

Os sentidos que os estudantes atribuem à escola, como agência de letramento, em muitos casos, estão diretamente relacionados à atuação do professor como agente de letramento: *“Na 8ª série do colégio, nas aulas de Língua Portuguesa a Eli fez um projeto com minha turma sobre a obra Extraordinário da autora Raquel Jaramillo Palacio, iniciamos com a leitura da obra completa, fizemos cartazes, citações do livro e nos aprofundamos na obra[...]”*(Andressa Patrício); *“O próximo marco na minha vida de leitora foi quando, aos meus 12 anos, mudei de escola, comecei o meu oitavo ano em um colégio novo, o qual possuía uma disciplina que não havia na minha escola antiga: “Produção de Texto”. Ela era ministrada pelo professor Jefferson Bicudo, professor que é apaixonado pela literatura e sempre deixava isso claro em sala”* (Andyeline Vicentes); *“Na escola, leitor, não posso me esquecer da querida professora Noemi Oliveira da Costa, ou, como eu costumava chamá-la, “a bonita”. Foi ela quem ocupou um lugar especial na minha formação como leitora e me mostrou que a literatura não estava apenas nos livros, mas também nas coisas do dia a dia”* (Leticia Lilian dos Santos). Os estudantes destacam como é importante o professor não simplesmente apresentar a leitura aos estudantes, mas, sim, ser um leitor e desenvolver práticas que evidenciem como a literatura se faz presente em sua constituição como sujeito. Esse ponto merece ser discutido, pois embora a leitura seja objeto de trabalho do professor, nem sempre o docente é um sujeito leitor, aspecto que pode interferir na mediação do trabalho com a leitura.

Outro sentido recorrente é a associação da escola como um espaço que escolariza as práticas de leitura, associando-a, muitas vezes, a atividades avaliativas, o que pode transformar a leitura em uma prática instrumentalizada, voltada mais à avaliação do que à experiência estética: *“Em meu colégio, na nossa atividade de leitura, deveríamos ler a cada trimestre um livro, escrever o máximo de informações contidas neles como número de páginas, autor e editora, elaborando um resumo ao concluir a leitura. Confesso que nem sempre lia integralmente todos os livros, mas sempre começava a ler. Nesse período, já lia muito os quadrinhos da turma da Mônica também”* (Andyeline Vicentes); *“A professora de Língua Portuguesa costumava nos levar à biblioteca para escolher um livro e realizar a leitura. No entanto, essas visitas quase sempre vinham acompanhadas de uma tarefa: preparar um seminário. Precisávamos ler o livro escolhido e, em uma data determinada pela professora, tínhamos que apresentar à turma o conteúdo da obra, suas temáticas e destacar os pontos da leitura que considerávamos mais interessantes”* (Fernanda Costa Delabiglia). Nesses casos, as vivências em práticas de letramento não estão apenas associadas à fruição estética, mas também à rotina escolar, o que torna essa prática uma obrigação, o que, em muitos casos, em vez de aproximar o estudante da literatura pode gerar uma barreira, um afastamento.

A escola recebe o sentido de uma agência que inicia o processo de especialização das práticas de letramento literário, a oferecer conhecimentos mais específicos e ampliar o horizonte de leitura dos estudantes: *“Um*

trabalho de língua portuguesa é o que muda essa restrição exclusiva, ao apresentar-me a coleção vaga-lume, em especial, O caso da Borboleta Atíria (1951) de Lúcia Machado de Almeida. Recordo-me de ler outros livros da série vaga-lume, mas nenhum me marcou tanto quanto o inebriante e fantástico suspense construído pela autora” (Geovana Santos Oliveira). Nesse sentido, a escola não apenas introduz os estudantes na leitura literária, mas também amplia e qualifica essa experiência, promovendo o contato com obras, autores e gêneros que contribuem para a formação de um leitor mais crítico e autônomo.

Um sentido muito interessante relacionado à escola é o contato com a literatura pelo acesso à biblioteca: *“Logo, na pré-adolescência, sem uma única alma amiga para passar os intervalos e sempre desejando sumir do ambiente opressivo da minha sala de aula, a biblioteca da escola tornou-se meu refúgio”* (Ana Paula Souza Cândido), *“Quando íamos à biblioteca então, para mim era o paraíso, apesar de ainda estar me desenvolvendo”* (Andressa Patrício); *“Quando fui para os anos finais do Ensino Fundamental, estava em uma escola nova, pública, e lá havia uma biblioteca. Não tínhamos um incentivo de frequentar este espaço, mas todo ano eu fazia a carteirinha e pegava alguns livros, que, confesso, não terminava de ler”* (Maria Leticia Genaro).

De forma específica, chama-se a atenção para a menção à biblioteca, como um espaço com valor significativo na trajetória leitora de alguns estudantes. Embora pareça óbvio que a biblioteca seja o espaço destinado à leitura, ao conhecimento e aos livros, sua presença em uma escola nem sempre é realidade, visto que muitas escolas brasileiras ainda não possuem esse espaço. A biblioteca, para esses alunos, significa ter acesso, de forma mais ampla, às práticas de letramento literário, uma vez que possibilita o contato com muitos livros, de variados autores e gêneros. O que parece ser corriqueiro para quem tem condições de frequentar livrarias e bibliotecas, o acesso à biblioteca dentro de uma escola assume um sentido importante para esses estudantes, porque significa potencializar o acesso à leitura, especialmente para aqueles que não têm condições de possuir livros, nem de escolher o que desejam ler.

Os diferentes sentidos atribuídos à escola, como agência de letramento, evidenciam a sua importância na formação do leitor, seja na inserção inicial dos estudantes na cultura escrita, na mediação exercida pelo professor, na organização de práticas escolares de leitura ou no acesso a espaços como a biblioteca. Ao mesmo tempo, esses sentidos revelam tensões entre a leitura como experiência formativa e sua escolarização, o que permite compreender a complexidade do papel da escola na formação de leitores.

O Curso de Letras como Agência Especializada na Formação de Leitores

A universidade e, mais especificamente, o curso de Letras foram citados por todos os estudantes como uma agência de letramento com papel

significativo em sua constituição como leitores. Nas palavras dos estudantes, o curso de Letras atua como uma agência que os qualifica como leitores, por meio dos conhecimentos especializados discutidos nos componentes curriculares, bem como por meio da inserção em práticas de leitura que abrangem desde a literatura canônica até a não canônica: *“Na esfera acadêmica, percebo uma preocupação constante dos professores em promover reflexões críticas e questionadoras. Autores que marcaram minha infância, como Monteiro Lobato, retornam agora sob uma nova perspectiva crítica e interpretativa, enriquecendo minha formação literária e ampliando minha visão de mundo”* (Andressa Ajala); *“No curso de Letras, tive a oportunidade de ler uma variedade de textos, que iam desde obras teóricas e científicas até grandes clássicos literários. Essa diversidade de leituras abriu meu olhar para diferentes formas de escrita, estilos e perspectivas”* (Luana Pozzan Comin); *“A verdadeira transformação no meu processo de leitura aconteceu durante a faculdade, com o ingresso no curso de Letras. No ensino superior, a leitura passou a ser vista de maneira mais crítica e reflexiva”* (Nicoly De Arruda Peixer).

Ao contribuir para o processo de desenvolvimento leitor, por meio de conhecimentos especializados e por permitir uma discussão mais crítica e significativa dos textos, o curso de Letras também tem o sentido de fazer com que os estudantes tomem consciência de sua constituição como leitores, ou seja, passam a se questionar e a analisar o seu próprio desenvolvimento em relação à leitura: *“Consigo ver que por meio de minhas aulas me tornei também uma leitora mais crítica, conseguindo enxergar mais do que antes por trás das palavras e ver o que considero a boa literatura, sendo uma que humaniza e nos faz enxergar muito do que ignoramos em nossa realidade”* (Andyeline Vicentes); *“Hoje, com 20 anos, estou em uma fase mais madura de minha jornada literária. Li obras machadianas, obras bonjanguianas, contos de Carraschoza, irmãos Grimm, Chimamanda, entre outros, mas ainda reconheço que a estrada é longa”* (Gabriel Bispo Ramos da Silva)

Outro sentido também atribuído ao curso de Letras, como agência de letramento, está atrelado à formação docente para ser um mediador de leitura, ou seja, não apenas se discute a literatura, mas também como ensiná-la: *“Hoje estou no terceiro ano e me sinto cada vez mais completa, desejo transmitir aos meus futuros alunos essa graciosidade de tantas obras que muitos não têm contato e incentivo, mas que nos transformam e nos inspiram”* (Andressa Patrício).

Ao se constituir como um espaço de formação especializada e de formação docente, o curso de Letras possui valor no processo de formação humana dos estudantes: *“Essas leituras não apenas ampliaram minha visão de mundo, mas também fortaleceram minha sensibilidade e capacidade de compreender o outro por meio da leitura. Foi nesse momento que percebi que a literatura é uma ferramenta essencial para todos”* (Fernanda Costa Delabiglila); *“A experiência de voltar a ler intensamente durante a graduação não só me reconectou com a literatura, mas também reforçou em mim a certeza de*

que a leitura é uma ferramenta essencial para a construção do pensamento crítico e do conhecimento sobre o mundo e sobre nós mesmos” (Luana Pozzan Comin). Observa-se a importância do curso de Letras como agência de letramento que promove a expansão da consciência socioideológica, aspecto essencial para a formação humana, mas também para a formação docente.

Na universidade, além das atividades de ensino, as atividades de pesquisa e de extensão também contribuem para a formação do leitor. Dois projetos foram citados por muitos estudantes: o PIBID e o Clube de Leitura.

O PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) é um projeto fomentado pela CAPES/MEC cujo objetivo é valorizar o magistério e fortalecer a formação inicial de professores em nível superior. O PIBID, como agência, tem o sentido de se constituir, por excelência, como um espaço destinado à formação de mediadores de leitura. Ou seja, torna-se um espaço em que os estudantes, como professores em formação e como mediadores de leitura, podem perceber e agir sobre o processo de formação leitor do outro, isto é, dos alunos das escolas participantes do projeto: *“Foi no PIBID que tive a chance de desenvolver e aplicar sequências didáticas voltadas à promoção da leitura e da interpretação. Nesse contexto, pude perceber de forma mais concreta, a importância da literatura no processo de aprendizagem”* (Brenda Raquel Soares) *“A vivência no PIBID me fez enxergar o papel da leitura de forma mais ampla e significativa. Ao acompanhar os alunos nas escolas e fazer a leitura de obras junto com eles, pude perceber o quanto a leitura tem o poder de despertar a curiosidade e promover reflexões”* (Fernanda Costa Delabiglia).

Outro projeto com grande relevância como agência de letramento é o Clube de Leitura João Anzanello Carrascoza, coordenado pela professora doutora Luciana Ferreira Leal. Para os estudantes, o clube significa um espaço de encontro coletivo para refletir sobre as leituras e, dessa forma, é valorado pelo papel que tem em aproximar a literatura..., não só as que estão no ambiente acadêmico: *“O Clube era um espaço de troca de experiências, onde a palavra ganhava a forma de cada um. Eu saí de lá sabendo que a leitura não é um ato solitário, mas um encontro: do autor, do texto, do leitor e do mundo”* (Leticia Lilian dos Santos).

A universidade atua como uma agência de letramento muito significativa para os estudantes, posto que se constitui como uma voz de autoridade ao qualificar os estudantes por meio de conhecimentos especializados sobre a literatura. Além disso, o curso de Letras contribui de forma significativa para a ampliação da consciência socioideológica e para identidades dos estudantes como mediadores de leitura.

Das Vozes que Formam Leitores

Neste texto, foi possível refletir sobre como as agências de letramento, principalmente a família, a escola e o curso de Letras, constituem-se como vozes fundamentais que marcaram a trajetória leitora dos estudantes prota-

gonistas desta obra. Ao retomar os sentidos atribuídos às agências de letramento, o objetivo não foi compará-las, mas, sim, entender como elas atuam, de forma particular, no processo de formação do leitor.

De forma geral, a família foi apontada como a primeira agência de letramento na vida de alguns graduandos do curso de Letras, sendo reconhecida por possibilitar o acesso a uma prática social com grande valor social. Por sua vez, a escola se torna a principal agência de letramento, pois garante o acesso à literatura para aqueles que dependem desse espaço para ter contato com livros e com atividades de mediação de leitura. Como um espaço complexo, muitas vezes a escola, ao priorizar atividades avaliativas, escolariza a literatura, ocasionando o afastamento dos estudantes das práticas de leitura. Por fim, a universidade e, principalmente, o curso de Letras são compreendidos como a instância que qualifica os estudantes a se tornarem leitores mais críticos e, em razão disso, contribuem para a compreensão da leitura como um elemento importante para o autoconhecimento e para a formação cidadã mais crítica e humanizada.

Portanto, compreende-se que as agências de letramento não são apenas espaços ou instâncias isoladas, mas vozes que constituem os estudantes e permanecem ecoando ao longo de suas vidas. A família, a escola e a universidade não apenas apresentam a leitura, mas ensinam a significá-la e a reconhecê-la como uma atividade social, de valor cultural muito importante para cada indivíduo. São essas vozes que moldam a relação com as palavras, com o mundo e com o outro. Em cada livro lido, em cada mediação vivida, em cada experiência compartilhada, há marcas singulares dessas agências que marcaram e continuam a se fazer presentes na vida de cada sujeito.

Referências

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Trad.: Paulo Bezerra. Notas da edição russa: Seguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

STREET, B. V. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

ORGANIZADORES

Luciana Ferreira Leal



Graduada em Letras (Universidade Estadual Paulista - UNESP, campus de Assis), tem Mestrado em Letras (Universidade Estadual de Londrina) e Doutorado em Literatura e vida social (UNESP). É professora e pesquisadora da UNESPAR. Tem experiência na área de Literatura, com pesquisa nos seguintes temas: literatura infantil e juvenil, ensino de literatura, formação do leitor literário, literatura clássica e contemporânea. Possui Pós-doutorado em Letras pela Faculdade de Ciências e Letras, UNESP e desenvolveu estágio de Doutorado Sanduíche, com bolsa CAPES, junto à Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro em Vila Real, Portugal. Integra os grupos de pesquisa GELLE (Grupo de pesquisa em língua, literatura e ensino) e NIPELL (Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Ensino de Língua e Literatura). É autora de livros, capítulos de livros e artigos publicados em periódicos acadêmico-científicos nacionais e internacionais. Paranavaí, Paraná, Brasil. Links do Lattes e ORCID: <https://lattes.cnpq.br/1185097680420065>; <https://orcid.org/0000-0002-7139-6765>. E-mail: luciana.leal@unespar.edu.br

Bruno Ciavolella



Professor adjunto do Colegiado de Letras da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), campus de Paranavaí. Doutor em Letras - área de concentração Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Maringá (2022), instituição na qual cursou o mestrado em Letras (2015) e a graduação em Letras- Português e suas respectivas Literaturas (2012). É especialista em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (2015). Líder do grupo de pesquisa Interação e Escrita (CPNq/UEM). Desenvolve suas pesquisas nos seguintes temas: ensino-aprendizagem de língua portuguesa; práticas de linguagem: leitura, análise linguística e produção textual; multiletramentos. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0271-8350>. E-mail: bruno.ciavolella@unespar.edu.br

AUTORES

Ana Paula de Souza Candido



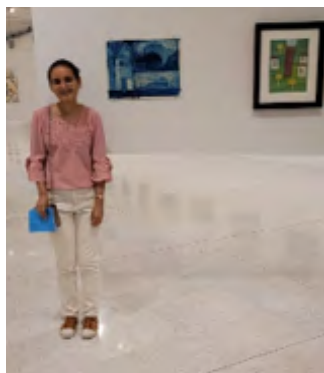
Já na infância, eu sabia o que era sentir-me solitária no meio de uma multidão; compreendi que o meu silêncio e o meu retraimento incomodavam as pessoas ao meu redor. Sou uma pessoa naturalmente reservada e introvertida e, desde sempre, por algum motivo, senti-me um pouco solitária em minha vivência. No entanto, a partir da adolescência, os livros passaram a preencher o vazio da minha alma, nunca mais saíram da minha rotina e, assim, tornaram-se meus melhores amigos. O ato de ler é, para mim, mais do que um hábito: é um momento de alegria e de escapatória de um mundo no qual sinto que não me encaixo; é viver sem expectativas e aprender sem necessariamente experienciar tudo na prática. Por meio de linhas, versos e muitas páginas, posso afirmar, com toda certeza, que eu existo e que estou aqui, agora.

Andressa Ajala da Silva



Minha trajetória com a leitura é caracterizada por uma dupla procura: a de me entregar plenamente ao afeto do texto e a de investigar sua delicada construção. Essa tensão me constitui e transformou minha trajetória de leitora apaixonada em pesquisadora da prosa lírica. O que a leitura me ajuda a compreender em mim é, precisamente, esse anseio de transitar entre o sentir e o saber, sem jamais anular um pelo outro. Desejo ser reconhecida como uma mediadora que vê, na literatura, o ponto exato em que emoção e estrutura se fundem, tornando-se uma única e potente arte.

Andressa Patrício



Minha trajetória como leitora teve início ainda na infância. Recordo-me de como as histórias em quadrinhos me cativavam profundamente. Com o tempo, porém, esse amor se expandiu e se intensificou quando conheci Francis, amigo e professor de Língua Portuguesa, já falecido. Foi ele quem me apresentou às obras de Machado de Assis e de outros autores fundamentais, especialmente durante o período em que partilhávamos conhecimentos no Ensino Médio. Talvez o leitor se pergunte o motivo do título *Inspirações* neste capítulo da minha história como leitora, e

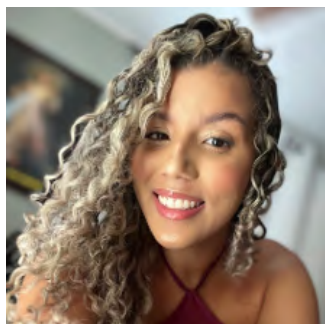
posso afirmar que Francis é um dos principais motivos para essa escolha. Apesar de sempre ter tido acesso a muitos livros e de contar com o incentivo constante de meus pais e professores, foi Francis quem me inspirou na literatura de uma maneira única, uma forma de olhar e sentir a leitura que só ele possuía.

Andyeline Vicentes



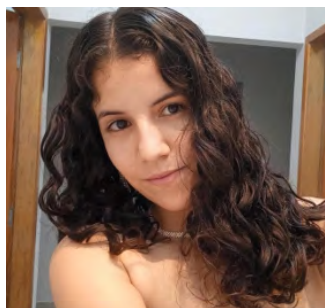
O ato de ler sempre foi algo mágico para mim, com o qual tive contato desde a infância. Viajei e conheci diversos mundos, realidades alternativas, personagens e criaturas místicas, criando um vínculo com cada história, mesmo com aquelas que não me agradaram. A leitura de obras literárias tornou minha vida mais leve e, hoje, tenho a oportunidade de demonstrar aos meus alunos o quanto a leitura pode ser importante e poderosa, formando leitores que possam desfrutar dela assim como eu.

Brenda Raquel Soares



Minha relação com a leitura começou de forma diferente. Não fui uma criança próxima dos livros, mas sempre me encantei pelos filmes e pelas histórias contadas nas telas. Com o tempo, percebi que os livros também podiam despertar em mim reflexões e emoções distintas. No Ensino Médio, passei a ter contato com obras literárias, mas foi na faculdade que compreendi a importância da leitura para a formação pessoal e profissional.

Fernanda Costa Delabiglia



Minha trajetória como leitora foi construída lentamente, marcada por descobertas que transformaram minha relação com os livros e com a leitura ao longo dos anos. De uma infância distante dos textos literários à formação acadêmica em Letras, cada etapa representou um novo despertar. A leitura, antes vista como obrigação, tornou-se uma prática prazerosa e formadora. As experiências vivenciadas na graduação, especialmente na disciplina de Literatura Infantojuvenil e no Programa PIBID, foram fundamentais nesse processo. Este capítulo apresenta esse percurso, destacando como cada vivência contribuiu para minha formação como leitora.

Gabriel Bispo Ramos da Silva.

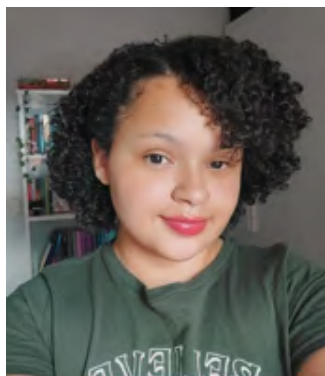


A trajetória apresentada neste capítulo reflete um percurso de descobertas e ressignificações. O curso de Letras não foi minha primeira opção, mas revelou-se uma escolha transformadora. Por meio do contato com a literatura e com o estudo da linguagem, encontrei um espaço de reflexão sobre mim mesma e sobre o mundo. A leitura, a escrita e a pesquisa tornaram-se caminhos de crescimento intelectual e sensível, conduzindo-me a uma compreensão mais ampla do papel da palavra na formação humana. Assim,

minha jornada literária permanece em constante construção, marcada pelo encantamento e pela busca por sentido. A enunciação, que sempre foi minha

paixão, hoje apresenta-se como parte da minha rotina; e, afinal, o que é a rotina senão a repetição de momentos? Gosto de pensar que as palavras constituem minha vida e que enunciar se tornou minha repetição diária.

Geovana Santos Oliveira



Nasci em 20 de setembro de 2003, nomeada por meus pais como Geovana Santos Oliveira. Nasci na capital de São Paulo, mas há dezessete anos resido no estado do Paraná, na cidade de Paranavaí – uma paranaense de criação, por assim dizer. Em todos os meus anos de vida, a literatura fez-se tão presente quanto o ar que respiro, como o sol que aquece ou como o abraço forte de uma amiga, que hoje me acompanha em minhas pesquisas, estudos, escrita, anseios profissionais, hobbies, idealizações e dedicações particulares, em uma jornada que se perpetua ao

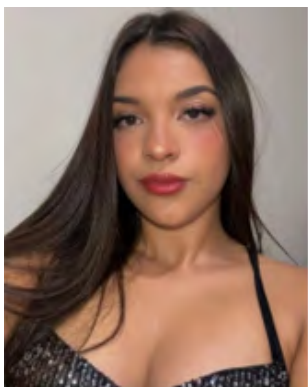
longo da vida, infindável mesmo diante do revelar de sua finitude, como um universo em constante expansão

Júlia Lopes Pavão Martins



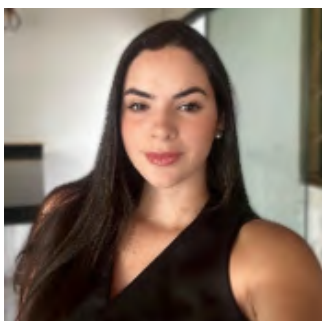
Minha vida sempre foi cercada por minha família e por suas histórias, desde as conversas da minha avó até as músicas ouvidas com o meu avô. A leitura entra na minha vida como um destino e se torna abrigo, motivo de sonhos e de escolhas. Minha história com os livros segue sendo o centro da minha própria história.

Letícia Lilian



Atualmente, tenho 22 anos e um coração cheio de sonhos – sonhos esses que espero não morram antes de serem realizados. Nestas páginas, você conhecerá um pouco da minha trajetória como leitora. Espero que muitos se sintam envolvidos pelo que compartilho. Hoje, ao apresentar este capítulo, desejo ser mais do que “a autora destas linhas”: quero ser reconhecida como alguém que mantém uma fé constante no poder das palavras. Alguém que leu para fugir, compreender e se reconstruir. Alguém que acreditou que um livro é capaz de nos tornar mais compreensíveis, mais ouvidos e mais completos.

Luana Pozzan Comin



Meu nome é Luana Pozzan Comin; sou natural do Noroeste do Paraná e venho de uma família de trabalhadores da classe média baixa, na qual a leitura aparecia, sobretudo, em contextos religiosos. Sempre estudei em escola pública e trabalho desde os 16 anos, o que fez com que a leitura entrasse em minha vida de forma tardia, mas profundamente significativa. Minha primeira experiência marcante foi com *Feliz Ano Velho*, de Marcelo Rubens Paiva, seguida por *A Culpa é das Estrelas*, obra que marcou minha adoles-

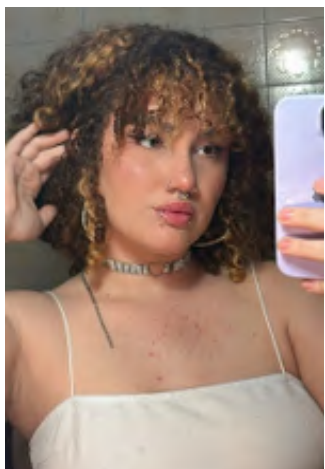
cência. Foi apenas na universidade, ao cursar Letras, que descobri os clássicos, como *Ilíada* e *Odisseia*, os quais ampliaram de maneira decisiva minha visão de mundo. A leitura tornou-se, então, uma forma de reconhecer minhas origens, compreender quem sou e dar sentido à minha trajetória. É assim que gostaria de ser lembrada: como alguém que encontrou, nos livros, um espelho e um caminho.

Maria Letícia Genaro



Olá, muito prazer! Eu sou Maria Letícia Genaro, a menina que descobriu a literatura através dos gibis da Turma da Mônica e que, depois de grande, conheceu os livros e o poder de frequentar o mundo mágico. Desde pequena, sempre gostei de histórias, e foi assim que comecei minha jornada como leitora. Hoje, tenho a alegria de participar deste livro, escrevendo sobre minha própria trajetória literária. Que este seja apenas o início de muitas obras escritas por mim, com o desejo de incentivar outras pessoas a conhecer e se apaixonar pela literatura.

Milena Pereira do Espírito Santo



A leitura nem sempre foi parte do meu cotidiano naturalmente. Minha mãe, com toda sua insistência, foi quem manteve os livros por perto, inclusive assinando um projeto mensal que o Itaú tinha para que recebêssemos livros infantis em casa. Porém, foi quando ganhei meu primeiro volume da série Percy Jackson que percebi de fato a magia de entrar em um mundo para além das páginas. Por um tempo o hábito de leitura acabou adormecendo, mas ao ingressar na graduação em Letras, reencontrei a leitura como um espaço de formação, identidade, sensibilidade e transformadora. Hoje entendo que a minha trajetória de leitura é algo vivo: um caminho que se constrói, se interrompe e se renova.

Nicolý Peixer



Minha trajetória como leitora começou com as histórias em quadrinhos, especialmente os gibis da Turma da Mônica, que despertaram em mim o gosto pelas narrativas e por personagens marcantes. Com o tempo, passei a me encantar pelos contos clássicos e por diferentes estilos de escrita. Considero-me uma leitora curiosa, sempre disposta a explorar novos gêneros e a aprender com cada leitura.

Sara Correia Lopes



Tudo começou com os quadrinhos, que despertaram meu interesse pela leitura ainda na infância. Com o tempo, esse gosto se ampliou e me levou a frequentar a biblioteca, espaço no qual passei a descobrir novas histórias e diferentes formas de ver o mundo. Durante o Ensino Médio, a leitura tornou-se uma prática constante e significativa. Atualmente, na graduação, o contato com obras literárias relevantes contribui de forma decisiva para minha formação acadêmica e humana. Para mim, a leitura é um caminho de aprendizado, reflexão e construção da minha identidade como leitora e futura docente.

ÍNDICE REMISSIVO

A

- A Bolsa Amarela 22, 28
Ailton Krenak 26, 45
Alfabetização 16, 18, 48, 52, 53, 64, 70, 80, 86
Ana Maria Machado 18, 54, 70, 77
Antonio Candido 11, 14, 19, 20, 26, 62, 64
A Parte Que Falta 35, 36, 40
A Seleção 23, 31, 43, 50

B

- Bakhtin, Mikhail 50, 84
Bíblia 21, 49, 53
Biblioteca 15, 17, 18, 22, 24, 28, 29, 31, 32, 42, 53, 59, 66, 70, 71, 77, 81, 87, 88

C

- CAPES 25, 90
Carolina Maria de Jesus 16, 23, 39, 40, 44
Cecília Meireles 15, 17, 28, 48, 51, 54
Clarice Lispector 64, 78
Clube de Leitura 23, 26, 64, 90
Conceição Evaristo 16, 39, 40, 44, 45, 78
Contaçon de histórias 25, 31, 77, 86
Contos de fadas 19, 34, 38, 39, 40, 53, 54, 80, 83

D

- Diário de um Banana 54, 63

Direito à literatura 14, 20

Docência 15, 17, 25, 35, 36, 44, 50, 52, 56, 80, 90

E

Empatia 11, 12, 14, 19, 38, 41, 45, 46, 67, 75, 78

Ensino Fundamental 31, 33, 42, 53, 54, 58, 63, 70, 71, 77, 81, 88

Ensino Médio 18, 23, 25, 28, 33, 42, 43, 52, 55, 56, 59, 66, 67, 71, 77, 82

Estudos Literários 11, 33, 51

F

Fábula 12, 44, 53, 70

Família 17, 19, 25, 28, 29, 52, 58, 59, 60, 75, 76, 80, 84, 85, 86, 90

Fanfic 22, 23

Fantasia 14, 15, 32, 49, 55, 63, 71, 75, 77

Feliz Ano Velho 18, 66, 67

Formação docente 15, 25, 28, 38, 43, 52, 58, 59, 76, 80, 89, 90

Formação do leitor 14, 16, 19, 25, 40, 44, 45, 66, 78, 84, 88, 90

H

Harry Potter 23, 59, 77

Heloísa Prieto 28, 65

Histórias em quadrinhos 12, 15, 19, 21, 22, 24, 31, 49, 54, 70, 71, 76, 77, 81, 82, 86, 87

I

Identidade 16, 17, 18, 19, 37, 40, 45, 69, 76, 78, 79, 84, 90

Imaginação 12, 15, 18, 19, 25, 32, 36, 40, 43, 49, 52, 53, 54, 63, 64, 65, 76, 77

Infância 15, 16, 18, 21, 25, 28, 33, 45, 48, 58, 60, 64, 65, 70, 75, 76, 77, 82, 89

Iniciação Científica 21, 25, 47, 66

Irmãos Grimm 39, 40, 44, 51, 89

J

João Anzanello Carraschoza 14, 15, 21, 23, 25, 29, 45, 51, 64, 65, 89

John Green 22, 59

K

Kiera Cass 16, 31, 43, 50

L

Leitura literária 50, 56, 88

Letramento literário 11, 87, 88

Língua Portuguesa 15, 23, 25, 28, 29, 42, 47, 51, 54, 87, 88

Literatura indígena 37, 38, 40, 44, 45

Literatura infantil 18, 39, 43, 62, 64, 65, 75, 79, 81

Literatura infantojuvenil 14, 16, 18, 23, 28, 29, 33, 36, 38, 39, 40, 43, 44, 45, 55, 56, 60, 65, 76, 78, 81, 82

Lygia Bojunga 22, 28, 29, 75

M

Machado de Assis 16, 28, 55, 63, 64

Marcelo Rubens Paiva 18, 66, 67

Maurício de Sousa 21

Mediação de leitura 15, 16, 17, 19, 47, 84, 85, 87, 88, 89, 90

Memória 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 25, 34, 37, 53, 56, 58, 70

Mitologia 63, 77

Monteiro Lobato 25, 76, 81, 89

Munduruku, Daniel 37, 40, 78

O

Octavio Paz 15, 26, 56

O Pequeno Príncipe 28, 35, 40, 43

Os Colegas 22, 28

P

Pandemia 23, 55, 82

Paranavaí 11, 14, 21, 25, 28, 29, 31, 35, 42, 47, 53, 56, 58, 62, 76, 80, 84

Paulo Freire 18, 26, 58, 62

Percy Jackson 19, 77

PIBID 16, 17, 25, 31, 35, 36, 38, 40, 44, 45, 52, 56, 80, 90

Poesia 12, 15, 16, 21, 22, 25, 26, 28, 31, 32, 33, 34, 39, 48, 50, 54, 57, 70, 71

Produção de texto 31, 32, 33, 87

Q

Quarto de Despejo 23, 39

R

Rick Riordan 63, 77

Ruth Rocha 28, 76

S

Saint-Exupéry 28, 35

Sala de aula 12, 20, 22, 35, 36, 38, 45, 55, 56, 81, 86, 88

Shakespeare 32, 64

Sítio do Picapau Amarelo 76, 81

T

Teatro 81, 83

Turma da Mônica 15, 19, 21, 24, 31, 54, 70, 71, 76, 86, 87

U

Unespar 11, 14, 16, 18, 19, 20, 21, 25, 28, 29, 31, 35, 42, 47, 52, 56, 58, 62, 66, 70, 76, 80

V

Vestibular 29, 55, 71

Vinicius de Moraes 15, 28

